



Ubirajara

JOSÉ DE ALENCAR

JVA EDITORA

JOSÉ DE ALENCAR

Ubirajara

Primeira publicação: 1874
Edição de domínio público

JVA Editora

JOSÉ DE ALENCAR

UBIRAJARA

LENDA TUPI



FRANCISCO ALVES & C.^a

—
RIO DE JANEIRO
166, Rua do Ouvidor, 166

—
S. PAULO
65, Rua de S. Bento, 65

—
BELO HORIZONTE
1055, Rua da Baía, 1055

AILLAUD, ALVES & C.^a

—
PARIS
96, Boulevard Montparnasse
(Livreria Aillaud)

—
AILLAUD, ALVES, BASTOS &
C.^a

—
LISBOA
73, Rua Garrett, 75
(Livreria Bertrand)

1911

UBIRAJARA

Composto e impresso na Tipografia JOSÉ BASTOS
Rua da Alegria, 100—Lisboa

INDICE

<u>I</u> —O caçador	5
<u>II</u> —O guerreiro	15
<u>III</u> —A noiva	24
<u>IV</u> —A hospitalidade	37
<u>V</u> —Servo do amor	51
<u>VI</u> —O combate nupcial	61
<u>VII</u> —A guerra	74
<u>VIII</u> —A batalha	85
<u>IX</u> —União dos arcos	92
<u>Notas</u>	101



UBIRAJARA

I

O CAÇADOR

Pela margem do grande rio caminha Jaguarê, o joven caçador.

O arco pendê-lhe ao hombro, esquecido e inutil. As flechas dormem no coldre da uiraçaba.

Os veados saltam das moitas de ubaia e vêm retouçar na grama, zombando do caçador.

Jaguarê não vê o timido campeiro; seus olhos buscam um inimigo capaz de rezistir-lhe ao braço robusto.

O ruído do jaguar abala a floresta; mas o caçador também despreza o jaguar, que já cançou de vencer.

Elle chama-se Jaguarê, o mais feroz jaguar da floresta; os outros fojem espavoridos quando de lonje o presentem.

Não é esse o inimigo que procura, porém outro mais terrivel, para vencel-o em combate de morte e ganhar nome de guerra.

Jaguarê chegou á idade em que o mancebo troca a fama do caçador pela gloria do guerreiro.

Para ser aclamado guerreiro por sua nação é preciso que o joven caçador conquiste esse titulo por uma grande façanha.

Por isso deixou a taba dos seus e a presença de Jandira, a virjem formoza que lhe guarda o seio de espoza.

Mas o sol tres vezes guiou o passo rapido do caçador através das campinas, e tres vezes como agora deitou-se além nas montanhas da

Aratuba, sem mostrar-lhe um inimigo digno de seu valor.

A sombra vai decendo da serra pelo vale e a tristeza cae da fronte sobre a face de Jaguarê.

O joven caçador empunha a lança de duas pontas, feita da roxa craúba, mais rija que o ferro.

Nenhum guerreiro brandiu jámais essa arma terrivel, que sua mão primeiro fabricou.

Lá estaca o joven caçador no meio da campina. Volvendo ao céu o olhar torvo e iracundo, solta ainda uma vez seu grito de guerra.

O bramido rolou pela amplidão da mata e foi morrer lonje nas cavernas da montanha.

Respondeu o ronco da sucurí na madre do rio e o urro do tigre escondido na furna; mas outro grito de guerra não acudiu ao dezafo do caçador.

Jaguarê arremessou a lança, que vibrou nos ares e foi cravar-se além no grosso tronco da emburana.

A copa frondoza ramalhou, como as palmas do coqueiro ao sop^{ro} do vento, e o tronco gemeu até á raiz.

O caçador repouza á sombra de sua lança.

Salta uma corça da mata e veloz atravessa a campina.

Mais veloz a persegue gentil caçadora com a seta embebida no arco flexivel.

Ergue-se Jaguarê.

Seu olhar ardente voou, sofrego de encontrar o inimigo que lhe tardava.

Avistando uma mulher, a alegria do mancebo apagou-se no rosto sombrio.

Pela fxa cõr de ouro, tecida das penas do tucano, Jaguarê conheceu que era uma filha da valente nação dos Tocantins, senhora do grande rio, cujas marjens elle pizava.

A liga vermelha que cinjia a perna esbelta da estrangeira dizia que nenhum guerreiro jámais possuira a virjem formosa.

A corça veiu cair aos pés de Jaguarê, atravessada pela flecha certa da joven caçadora que a seguia de perto.

A virjem reconheceu o cocar da nação que na ultima lua chegára aos campos do Taari e da qual os pajés tinham dado noticia.

—Guerreiro araguaia, pois vejo pela pena vermelha de teu cocar que pertences a essa nação valente; se pizas os campos dos Tocantins como hospede, bem vindo sejas; mas se vens com o inimigo, foje, para que tua mãi não chore a morte de seu filho e tenha quem a proteja na velhice.

—Virjem dos Tocantins, Jaguarê já soltou seu grito de guerra. Elle piza os campos de teus pais como senhor. Tu és sua prizioneira. Não que vencer a corça timida seja gloria para o caçador; mas tu chamarás o inimigo que elle espera.

—Se o veado te der a sua ligeireza, joven guerreiro, elle não te servirá senão para ver o rasto de meu pé antes que o vento o apague.

A linda caçadora desferiu a corrida pela imensa campina. Após ella se arremessou Jaguarê, que muitas vezes vencera o tapir.

Mas a virjem dos Tocantins corria como a nandú no deserto, e o caçador conheceu que seu braço nunca a poderia alcançar.

Travou do arco e o brandiu. A seta obedeceu-lhe, pregando no tronco do assaí a faxa que flutuava ao sopro do vento.

—A filha dos Tocantins tem no pé as azas do beija-flôr; mas a seta de Jaguarê vôa como o gavião. Não te assustes, virjem das florestas; tua formozura venceu o impeto de meu braço e apagou a cólera no coração feroz do caçador. Feliz o guerreiro que te possuir.

—Eu sou Arací, a estrela do dia, filha de Itaquê, pai da grande nação Tocantim. Cem dos melhores guerreiros o servem em sua cabana para merecer que elle o escolha por filho. O mais forte e valente me terá por espoza. Vem comigo, guerreiro araguaia; excede aos outros no trabalho e na constancia, e tu romperás a liga de Arací na proxima lua do amor.

—Não, filha do sol; Jaguarê não deixou a taba de seus pais, onde Jandira lhe guarda o seio de espoza, para ser escravo da virjem. Elle vem combater e ganhar um nome de guerra que encha de orgulho a sua nação. Torna á taba dos Tocantins e dize aos cem guerreiros cativos de teu amor, que Jaguarê, o mais destemido dos caçadores araguaias, os dezaia ao combate.

—Arací vai, pois assim o queres. Se fores vencido, ella guardará tua lembrança, pois nunca seus olhos viram mais belo caçador. Se fores vencedor, será uma alegria para a virjem do sol pertencer ao mais valente dos guerreiros.

A virjem disse e desapareceu na selva. Os olhos de Jaguarê seguiram o passo ligeiro da formozca caçadora, como o guachimim que rasteja a zabelê.

Quando ella desapareceu, o joven caçador recostou-se ao tronco da emburana e esperou.

Do outro lado da campina assoma um guerreiro.

Tem na cabeça o canitar das plumas de tucano, e no punho do tacape uma franja das mesmas penas.

É um guerreiro tocantim. De lonje avistou Jaguarê e reconheceu o penacho vermelho dos araguaiaias.

As duas nações não estão em guerra; mas sem quebra da fé póde um guerreiro cansado do longo repouzo oferecer a outro guerreiro combate leal.

Quando o tocantim armou o arco, Jaguarê já tinha brandido o seu e disparado no ar uma seta, mensajeira do dezafo.

Respondeu o guerreiro disparando tambem uma flecha no ar, para dizer que aceitava o combate.

Então os dois campeões caminharam um para o outro com o passo grave e pararam frente a frente.

—Eu sou Jaguarê, filho de Camacan, chefe da valente nação dos araguaiaias, que vem de lonje em busca da terra de seus pais. Minha fama corre as tabas e tu já debes conhecer o maior caçador das florestas. Mas Jaguarê despreza a fama de caçador; elle quer um nome de guerra, que diga ás nações a força de seu braço e faça tremer aos mais bravos. Se tua nação te aclamou forte entre os fortes, prepara-te para morrer; se não, passa teu caminho, guerreiro vil, para que o sangue do fraco não manche o tacape virjem de Jaguarê.

—O caraíba guiou teu passo ao encontro de Pojucan, o matador de gente, guerreiro chefe da terrível nação tocantim, que enche de terror as outras nações. Ha tres luas, desde que fugiram espavoridos os barbaros Tapuias, que Pojucan não combate; e seu tacape tem fome do inimigo. Tu não és digno dos golpes de um guerreiro chefe; mas Pojucan se compadece de tua mocidade e consente em combater contigo. Terás a gloria de ser morto pelo mais valente guerreiro tocantim. Os cantores de meus feitos lembrarão teu nome; e todos os mancebos de tua nação invejarão tua sorte.

—Jaguarê agradece a Tupan que te fez um grande guerreiro e o chefe mais feroz da terrível nação tocantim, Pojucan, matador de gente. A tua morte será a primeira façanha do caçador araguaia e lhe dará um nome de guerra que se torne o espanto dos seus e o terror das outras nações.

Os dois campeões recuaram passo a passo até que se acharam a um tiro de arco.

Então soltaram o grito de guerra e se arremessaram um contra outro brandindo o tacape.

Os tacapes toparam no ar e os dois guerreiros rodaram como as torrentes impetuosas no remoinho da Itaoca.

Dez vezes as clavas bateram, e dez vezes volveram para bater de novo.

Os animais que passavam na floresta fugiram espavoridos, como se a borrasca ribombasse no céu.

Ainda uma vez encontraram-se os dois tacapes e voaram em lascas pelos ares.

—O ubiratan é forte; mas ha outro ubiratan que lhe reziste. Como o braço de Pojucan é que não ha outro braço. Já viste, joven caçador, o veado nas garras da giboia? Assim vais morrer.

—Se tu fosses a cascavel que sómente sabe morder, Jaguarê te esmagaria a cabeça com o pé e seguiria o seu caminho. Mas tu és a giboia feroz; e Jaguarê gosta de estrangular a giboia. Não morrerás pelo pé, mas pela mão do caçador. Lança teu bote, guerreiro tocantim.

Pojucan estendeu os braços e estreitou os rins de Jaguarê, que por sua vez cinjiu os lombos do guerreiro.

Cada um dos campeões pôz na luta todas as suas forças, bastantes para arrancar o tronco mais robusto da mata.

Ambos, porém, ficaram imoveis. Eram dois jatobás que naceram^[12] juntos e entrelaçaram os galhos ligando-se no mesmo tronco.

Nada os desprende; nada os abala. O tufão passa bramindo sem ajital-os; e elles permanecem quedos pelo volver dos tempos.

Um pajé que passou na orla da mata viu os lutadores e esconjurou-os, pensando que eram as almas de dois guerreiros presos no abraço da morte.

Já a sombra se desdobrava pelo vale fóra e o sol despedia-se dos cimos dos montes, sem que os campeões se movessem.

Por fim afrouxaram os braços e cada lutador recuou para contemplar seu adversario. Nenhum mostrava no rosto sombra de fadiga.

Conheceraam que podiam lutar corpo a corpo, a noite inteira, sem que um prostrasse o outro.

—Tu és igual na valentia e na força ao guerreiro chefe da nação tocantim. Mas Pojucan não consente que haja na terra quem rezista a seu braço. É preciso que tu morras, Jaguarê, para que elle seja o primeiro dos guerreiros que o sol alumia.

—Pojucan, matador de gente, guerreiro feroz da nação tocantim, Jaguarê deixou-te viver até este momento para saber se tu eras digno de dar-lhe um nome de guerra. Agora que te conhece como o primeiro dos guerreiros que existiram até este momento, elle quer que tua derrota seja a sua primeira façanha.

Disse, e, arrancando do tronco da emburana a lança de duas pontas, caminhou outra vez para Pojucan.

—Esta arma que tu vês é a lança de duas pontas. Jaguarê fabricou-a do rijo galho da craúba, endurecido pelo fogo. Sua mão foi a primeira que a arremessou e teu corpo é o primeiro cujo sangue ~~ella~~ vai beber. Empunha a lança de duas pontas, guerreiro chefe, e ataca Jaguarê para receberes a morte dos valentes.

Pojucan repeliu a lança que o joven caçador lhe apresentára.

—Jámais no combate um guerreiro tocantim atacará seu adversario dezarmado; nem Pojucan precisa da lança. Ataca tu, Jaguarê, que não tens confiança em teu braço; o de Pojucan basta para te prostrar.

—O orgulho te cega, guerreiro chefe. A lança conhece Jaguarê que a inventou e lhe obedece como o arpão á corda do pescador. Aperta-a bem em tua mão robusta e Jaguarê estará duas vezes mais armado do que tu, que não sabes maneja-la.

O chefe tocantim cruzou os braços.

—Toma a lança, Pojucan, se não queres que te chame covarde; pois tu sabes que Jaguarê não te matará dezarmado, mas te abandonará como indigno de combater com o filho do maior guerreiro araguaia, o grande Camacan.

O chefe tocantim arrojou-se contra Jaguarê que lhe travou dos pulsos e outra vez os dois campeões ficaram imóveis.

A noite veio achal-os na mesma posição. Tres vezes cessaram a luta, e de novo a travaram. Mas afinal se convenceram que nenhum derrubaria o outro.

Então Pojucan disse:

—Guerreiro araguaia, é preciso acabar o combate. A terra não chega para dois guerreiros como nós. Finca no chão a lança e caminhemos até á margem do rio. Aquelle que primeiro chegar, será o senhor da lança e da vida do outro.

Assim fizeram os dois campeões. Chegados á margem do rio, dispararam a corrida. Ao mesmo tempo a mão de ambos tocou a haste da lança; mas Jaguarê, arremessado pelo impeto da desfilada, não pôde arrancar a arma que ficou na mão de Pojucan.

O guerreiro chefe enrasta desdenhosamente a lança e caminha para Jaguarê. Não vai como o guerreiro que marcha ao combate, mas como o matador que se prepara para imolar a vítima.

—Guerreiro chefe, Jaguarê não te quer matar como a serpente que ataca o descuidado caçador. Dez vezes já, se quizesse, elle te houvera ferido com tua propria mão.

—Abandona a gloria do guerreiro, que não é para ti, nhengaíba. Pojucan te concederá a vida, e te levará cativo á taba dos tocantins

para que tu cantes as suas façanhas na festa dos guerreiros.

—Cativo serás tu, mas não para cantar os feitos dos guerreiros. Tu servirás na taba dos araguaias para ajudar as velhas a varrer a oca.

Arremessou-se Pojucan avante e desfechou o golpe; mas a lança rodára e foi o chefe tocantim quem recebeu no peito a ponta farpada.

Quando o corpo robusto de Pojucan tombava, cravado pelo dardo, Jaguarê de um salto calçou a mão direita sobre o ombro esquerdo do vencido e brandindo a arma sangrenta, soltou o grito do triunfo:

—Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencível que tem por arma a serpente. Reconhece o teu vencedor, Pojucan, e proclama o primeiro dos guerreiros, pois te venceu a ti, o maior guerreiro que existiu antes delle.

—Se meu valor, que serviu para aumentar a tua fama, merece de ti uma graça, não deixes que Pojucan sofra mais um instante a vergonha de sua derrota.

—Não, chefe tocantim. Tu me acompanharás á taba dos araguaias para narrar meu valor. A fama de Jaguarê precisa de um prisioneiro como o grande Pojucan na festa da vitoria.

—Tu és cruel, guerreiro da lança; mas fica certo que, se tua arma traiçoeira me feriu o peito, o suplicio não vencerá a constancia do varão tocantim que sabe afrontar as iras de Tupan e desprezar a vingança dos araguaias.

II

O GUERREIRO

Retumba a festa na taba dos araguaiaias.

As fogueiras circulam a vasta ocará e derramam no seio da noite escura as chamas da alegria.

Toda a tarde o troceno reboou chamando os guerreiros das outras tabas á grande taba do chefe.

Era a festa guerreira de Jaguarê, filho de Camacan, o maior chefe dos araguaiaias.

No fundo da ocará preside o conselho dos anciãos, que decide da paz ou da guerra, e governa a valente nação.

Os anciãos, sentados no longo girá, contemplam taciturnos a geração de guerreiros que elles ensinaram a combater, e têm saudades da passada gloria.

Suspenso em frente delles está o grande arco da nação araguaia, ornado nas pontas das penas vermelhas da arara.

É a insignia do chefe dos guerreiros, a qual Camacan, pai de Jaguarê, conquistou na mocidade e ainda a conserva, pois ninguem ouza disputal-a.

Eil-o, o velho chefe, embaixo do arco, que sua mão tantas vezes brandiu na guerra. Em pé, arrimado ao invencivel tacape, elle dirige a festa.

De um e outro lado da vasta ocará, está a multidão dos guerreiros, colocados por sua ordem; primeiro os chefes das tabas; depois os varões; por ultimo os moços guerreiros.

Vêm depois os jovens caçadores que já deixaram a oca materna e estão impacientes de ganhar por suas proezas a honra de serem admitidos entre os guerreiros.

Mas para isso têm de passar pelas provas, e sua juventude não lhes consente ainda a robustez, que tamanho esforço demanda.

Todos invejam a gloria de Jaguarê que hontem era o primeiro entre elles, e hoje ali está disputando a fama aos mais valentes guerreiros.

Por detraz da estacada apinham-se as mulheres, que segundo o rito patrio não podem ser admitidas nas festas guerreiras.

De lonje acompanham silenciozas com os olhos, as velhas aos filhos, as espozas aos seus guerreiros, e as virjens aos noivos.

Exultam quando ouvem celebrar as façanhas dos seus; mas não ouzam murmurar uma palavra.

Entre ellas está Jandira, a doce virjem, cujos negros olhos não se cansam de admirar Jaguarê, seu futuro senhor.

Já lhe tarda o momento de ver aclamar guerreiro ao joven caçador, para ter a felicidade de servil-o como escrava na paz, e acompanhá-lo como espoza ao combate.

No centro da ocará ergueu-se Jaguarê.

Defronte d'elle, Pojucan, no corpo que a ferida não abateu, mostra a grande alma, serena em face dos inimigos.

Camacan troou a inubia para ordenar silencio e o filho começou:

—Guerreiros araguaias, ouvi a minha historia de guerra.

«Depois que Jaguarê sofreu as provas do valor, partiu para conquistar um nome famoso.

«Deixando a taba, viu o falcão negro que despedia o vôo para as aguas sem fim, e Jaguarê disse:

«O falcão negro é o valente guerreiro dos ares; elle será a fama do guerreiro araguaia que atravessará as nuvens e subirá ao céu.

«Então Jaguarê marcou o vôo do falcão negro e seguiu por elle. [18]

«O sol despediu-se e voltou; uma, duas, tres vezes. No ultimo sol Jaguarê encontrou um guerreiro da nação tocantim, senhora do grande rio.

«Guerreiros araguaias, quereis saber qual foi o campeão que Tupan enviou a Jaguarê para dar-lhe o nome de guerra?

«Elle aí está diante de vós.

«É o grande Pojucan, o feroz matador de gente, chefe da tribu mais valente da poderosa nação dos tocantins, senhores do grande rio.

«Vós que o tendes aqui presente, vêde como é terrivel o seu aspeto, mas só eu que o pelejei conheço o seu valor no combate.

«O tacape em sua mão possante é como o tronco do ubiratan que brotou no rochedo e creceu.

«Jaguarê, que arranca da terra o cedro gigante, não o pôde arrancar de sua mão; e foi obrigado a despedaçal-o.

«Os braços de Pojucan, quando elle os estende na luta, não ha quem os vergue; são dois penedos que saem da terra.

«Seu corpo é a serra que se levanta no vale. Nenhum homem, nem mesmo Camacan, o pôde abalar.

«Pojucan era o varão mais forte e o mais valente guerreiro que o sol tinha visto até áquelle momento.

«Foi este, guerreiros araguaiaes, o heróe que ofereceu combate ao filho de Camacan; e Jaguarê aceitou, porque logo conheceu que havia encontrado um inimigo digno de seu valor.

«Elle vos contempla, guerreiros araguaiaes. Se alguém duvida da palavra de Jaguarê e da força do guerreiro tocantim, chame-o a combate e saberá quem é Pojucan.»

O chefe tocantim lançou um olhar ameaçador á multidão dos guerreiros; mas nenhum ousou aceitar o desafio.

Pojucan alçou a mão em sinal de que deitava falar; todos escutaram com respeito o heróe, ainda maior na desgraça.

—Guerreiros araguaiaes, ouvi a voz de Pojucan, vosso inimigo, que afronta as iras dos fortes e despreza a vingança dos fracos.

«Pojucan, guerreiro chefe da grande nação tocantim, jámais encontrou guerreiro que rezistisse á força de seu braço invencível.

«Mas Tupan, cansado de ouvir celebrar em todas as festas o nome de Pojucan, como vencedor, emprestou sua força a Jaguarê, o maior guerreiro que já pizou a terra.

«Eu que senti o impeto de sua coragem, posso dizer-vos que só o sangue tocantim é capaz de gerar um guerreiro tão poderoso.

«Foi alguma virgem araguaia que vagando pela floresta encontrou Pojucan, e trouxe no seio fecundo a alma do grande guerreiro.

«Seu braço é como o corisco do céu; e a sua força como a tempestade que deca das nuvens.»

Calou-se Pojucan; e Jaguarê continuou o seu canto de guerra:

«Quando a sombra começava a decer da crista da montanha, Pojucan e Jaguarê caminharam um contra o outro.

«Toda a noite combateram. O sol nascendo veiu achal-os ainda ^[20] peleja, como os deixára; nem vencidos, nem vencedores.

«Conhecera que eram os dois maiores guerreiros, na fortaleza do corpo, e na destreza das armas.

«Mas nenhum consentia que houvesse na terra outro guerreiro igual; pois ambos queriam ser o primeiro.

«Foi então que o chefe tocantim ganhou na corrida a lança de duas pontas, que Jaguarê havia fabricado.

«Tres vezes seu punho robusto a brandiu, e tres vezes ella escapou-lhe da mão, como a serpente das garras do gavião.

«Mais uma vez o grande guerreiro investiu com o bote armado; e a lança, escrava de Jaguarê, cravou o peito do inimigo.

«Elle caiu, o guerreiro chefe, o grande varão dos tocantins, o valente dos valentes, Pojucan, o feroz matador de gente.

«E Jaguarê brandindo a arma da vitoria bradou:

«Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, que venceu o primeiro guerreiro dos guerreiros de Tupan.

«Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro terrível que tem por arma uma serpente.»

O troceno ribombou, derramando lonje pela amplidão dos vales e pelos écos das montanhas a pocema do triunfo.

Os tacapes, vibrados pela mão pujante dos guerreiros, bateram nos largos escudos retinindo.

Mas a voz possante da multidão dos guerreiros cobriu o imenso rumor clamando:

—Tu és Ubirajara, o senhor da lança, o vencedor de Pojucan, o maior guerreiro da nação tocantim.

«Os guerreiros araguaias te recebem por seu irmão nas armas e te aclamam forte entre os fortes.

«Os cantores celebrarão teu nome como os mais famosos da nação araguaia e Camacan terá a glória de chamar-se pai de Ubirajara, como foi glória para Jaguarê ser filho de Camacan.»

Quando parou o estrondo da festa e cessou o canto dos guerreiros, avançou Camacan, o grande chefe dos araguaias.

De um salto o ancião alcançou o arco da nação, insignia do chefe na guerra, e caminhou para Ubirajara.

O arco era de ubiratan, grosso como o braço do mais robusto guerreiro; a corda trançada de crautá tinha o corpo do dedo que a brandia.

Os mais possantes varões da nação araguaia a custo empunhavam o grande arco; mas só um tinha força para disparar a seta.

Era Camacan, o chefe dos chefes, que dirijia na guerra os guerreiros araguaias.

Assim falou o ancião:

—Ubirajara, senhor da lança, é tempo de empunhares o grande arco da nação araguaia, que deve estar na mão do mais possante. Camacan o conquistou no dia em que escolheu por espoza Jaçanan, a virjem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que lhe mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco ao velho chefe, que não sofresse logo o castigo de sua audacia. Mas Tupan ordena que o ancião se curve para a terra até dezabar como o tronco carcomido, e que o mancebo se eleve para o céu como a árvore altaneira. Camacan revive em ti; a glória de ser o maior guerreiro crece com a glória de ter gerado um guerreiro ainda maior do que ele.

Ubirajara tomou o arco que lhe apresentava o pai e disse:

—Camacan, tu és o primeiro guerreiro e o maior chefe da nação araguaia. Para a glória de Jaguarê bastava que elle se mostrasse teu filho no valor como é teu filho no sangue. Mas o grande arco da nação araguaia, Ubirajara não o recebe de ti e de nenhum outro guerreiro, pois o ha de conquistar pela sua pujança.

Disse, e arremessando no meio da ocará o grande arco, bradou:

—O guerreiro que ouse empunhar o grande arco da nação araguaia, venha disputar-o a Ubirajara.

Nenhuma voz se ergueu; nenhum campeão avançou o passo.

O troceno reboou de novo, e no meio da pocema de triunfo, a multidão dos guerreiros proclamou:

—Ubirajara, senhor da lança, tu és o mais forte dos guerreiros aragaias; empunha o arco chefe.

Então Ubirajara levantou o grande arco, e a corda zuniu como o vento na floresta.

Era a primeira seta, mensageira do chefe, que levava às nuvens^[83] a fama de Ubirajara.

Os cantores exaltaram a glória dos dois chefes: a do velho Camacan, que trocára a arma do guerreiro pelo bordão do conselho; e a do jovem Ubirajara, que na sua mocidade já se mostrava tão grande, como fôra o pai na robustez dos anos.

Pojucan teve o consolo de ouvir seu nome, repetido muitas vezes e louvado a par com o de seu vencedor.

Os cantores celebraram depois os grandes feitos da nação araguaia, desde os tempos remotos em que os proenitores deixaram a grande taba dos Tamoios, seus avós.

Quando os nhengáças entoaram o canto do triunfo, vieram as mulheres com vasos cheios do generoso cauim e apresentaram as taças aos guerreiros.

Jandira suspirou; ella era virjem, e como suas companheiras, não podia apparecer na festa dos guerreiros.

Sentiu não ser já espoza, para ter o orgulho de encher de vinho espumante, por ella fabricado, a taça de seu heróe e senhor.

O guincho agoureiro da inhúma resoava na mata, quando começou a dansa guerreira que durou até perto da alvorada.

[24]

III

A NOIVA

Ao raiar da luz no céu, Jandira abriu os lindos olhos negros.

Seu canto foi o primeiro que saudou o nacer do dia e acordou em seu ninho a viuvinha.

A doce filha de Majé saltou da rêde que embalára os sonhos castos da virjem, e despediu-se della como a jaçanan que deixa a moita para habitar o ninho do amor.

A virjem tocantim acreditava ter dormido a ultima noite na cabana paterna, que essa manhã ia trocar pela cabana do espozo.

O joven caçador que a amava, Jaguarê, fôra aclamado guerreiro, e entre todos os guerreiros o chefe da nação.

Como guerreiro elle póde tomar uma espoza; e como chefe pertence-lhe a virjem de sua escolha, entre as mais formozas da taba.

Ainda que a virjem tenha um noivo, ou que o pai a destine a outro, se o chefe a dezeja, a vontade de Tupan é que lhe pertença.

Tupan assim ordena para que os grandes chefes possam gerar de seu sangue os mais belos e valentes guerreiros.

Jaguarê antes de ser aclamado chefe já a tinha escolhido, e Jandira não aceitaria outro noivo senão o joven caçador a quem amava.

Ella o espera. Logo que o sol alumie a terra, Ubirajara, o grande chefe, ha de vir buscal-a.

Então a virjem se despedirá de Majé; e irá armar na cabana de seu guerreiro e senhor a rêde da espoza.

Lijeira e contente corre a banhar-se no rio antes que chegue Ubirajara, para quem purifica seu corpo e se unje com o oleo fragrante do sassafraz.

Ella quer que o destemido guerreiro ache seu amor saborozo como o vinho que espumá na taça, e ferve nas veias.

Tornando á cabana, perfumou de beijoim a larga rêde que tecera dos fios do algodão entrelaçados com as penas do guará.

Essa rêde tinha duas vezes o tamanho de sua rêde de virjem, porque era a rêde do cazamento em que devia receber o espozo.

Depois arrumou no urú a louça que havia fabricado para o serviço do guerreiro, e que devia transportar á sua nova cabana.

Quando terminou todos os preparativos, encostou-se á porta da cabana; seus olhos impacientes chamavam Ubirajara.

Mas o guerreiro não vinha, e o sol já tinha subido além da crista da serra.

A luz do dia derramava a alegria pelos campos; e a alegria que lhe afagára os sonhos da noite fugia agora da alma de Jandira.

Então a filha de Majé partiu em busca do noivo que a esquecera.

[26]

No mais escuro da mata vaga o chefe dos araguaias.

Seus olhos fojem á luz do dia e buscam a sombra, onde encontram a imajem que traz na lembrança.

Á noite quando o guerreiro dormia em sua rêde solitaria, Arací, a linda virjem, lhe apareceu em sonho e lhe falou:

—Jaguarê, joven caçador, tu dormes descansado enquanto os guerreiros tocantins se preparam para roubar a virjem de teus amores. Ergue-te e parte, se não queres chegar tarde.

Elle erguera-se para seguil-a; mas a virjem formosa desferiu a corrida veloz através da campina e desapareceu na floresta.

Neste ponto do sonho o guerreiro acordára.

Uma estrela brilhante listrava o céu, como uma lagrima de fogo, e Ubirajara pensou que era o rasto de Arací, a filha da luz.

A jurití arrolhou docemente na mata e Ubirajara lembrou-se da voz mavioza da virjem do sol.

O guerreiro tornou á rêde, esperando achar ali outra vez o sonho que vizitára sua alma; porém o sono fujira de seus olhos.

Quando raiou a primeira alvorada, Ubirajara saiu da cabana e buscou no mais espesso da mata a sombra propicia á saudade.

Seu passo o guiava sem querer para as bandas do grande rio, onde devia ficar a taba dos tocantins.

É assim que os coqueiros, imoveis na praia, inclinam para o nascente seu verde cocar.

Ubirajara ouviu o rumor de um passo ligeiro através da mata; de lonje conheceu Jandira que o procurava.

A doce virjem achára á porta da cabana o rasto do guerreiro e o seguira através da floresta.

—Que máu sonho aflige Ubirajara, o senhor da lança e o maior ⁽²⁷⁾ guerreiros, chefe da grande nação araguaia, para que elle se afaste

de sua taba e esqueça a noiva que o espera.

—A tristeza entrou no coração de Ubirajara, que não sabe mais dizer-te palavras de alegria, linda virjem.

—A tristeza é amarga; quando entra no coração do guerreiro, o enche de fel. Mas Jandira fará como sua irmã, a abelha, ella fabricará em seus labios os favos mais doces para seu guerreiro; suas palavras serão os fios de mel que ella derramará na alma do espoz.

—Filha de Majé, doce virjem, ainda não chegou o dia em que Ubirajara escolha uma espoz; nem elle sabe ainda qual o seio que Tupan destinou para gerar o primeiro filho do grande chefe dos araguaia.

O labio de Jandira emudeceu; mas o peito soluçou.

A virjem conheceu que o amor de Ubirajara retirava-se della, e que de todo o perderia se o não defendesse.

Então escondeu a dôr no fundo da alma e chamou o rizo a seus labios, a alegria a seus olhos.

Ella sabia que os guerreiros amam a flôr da formozura, como a folhagem da arvore; e que a tristeza murcha a graça da mais linda virjem.

—Chefe dos araguaia, Ubirajara, não desprezes Jandira que outr'ora escolheste para tua noiva. Se então ella era formoz a teus olhos, mais formoz se fará para merecer teu amor. Tu gostavas de seus cabelos negros que arrastam no chão; ella os entrançará com as plumas vermelhas do guará para que te pareçam mais bonitos. Seus olhos negros que te falavam, ella os cercará de uma listra amarela

como os olhos da jaçanan. Sua boca, que ainda não provaste, Jandira a encherá de amor para que bebas nella o contentamento.

Jandira esperou a palavra de Ubirajara; mas os lábios mudos do guerreiro não se abriram.

—Teu amor, Ubirajara, ficará em meu seio como a flôr no vale. Jandira te dará muitos filhos e todos dignos de teu valor. Nestes peitos, que te pertencem, ella os nutrirá com seu sangue, não menos guerreiro do que o teu; porque é o sangue de Majé, o maior dos anciãos, depois de Camacan. Seus braços que outr'ora querias para tua cintura, não servirão unicamente para te abraçarem, mas também para te servirem. Tua espoza te acompanhará por toda a parte, na taba, como no campo do combate; ella cuidará de tua cabana; aprontará as mais saborozas iguarias para seu guerreiro, e fabricará para elle o vinho, que é a alma da festa.

—Jandira é a mais bela das virjens araguaias. Seu amor fará a ventura de um guerreiro valente. Ubirajara não podia achar para si uma espoza mais fiel, nem para seus filhos outra mãe tão fecunda. Mas a noite deceu em sua alma. Só a estrela do dia pôde restituir-lhe a alegria que o abandonou. A filha de Majé merece um guerreiro que tenha olhos para a sua formozura.

[29]

Pojucan sentou-se pensativo á porta da cabana.

O semblante, sempre grave, como convém a um chefe, cobre-se de tristeza.

A noite que foje da terra, vencida pelo sol, parece recolher-se na alma do chefe tocantim.

Não é sua ferida que o faz sofrer. O balsamo suave da embaiba sára rapidamente os golpes mais profundos; e os varões tocantins aprendem desde o berço a desprezar a dôr.

É em seu coração de guerreiro, que Pojucan sente as garras do Anhangá.

O revez de ser vencido e cair prisioneiro, elle o suporta como o varão forte que viu prostrados por Aresqui no campo da batalha os mais terriveis guerreiros.

A grandeza do vencedor o consola; resta-lhe ainda a gloria de ter rezistido a um braço, como o de Ubirajara, grande chefe dos araguaiaes.

Mas elle esperava que depois de haver ornado com sua prezença a festa do triumpho, o vencedor fosse generoso, e lhe concedesse a honra do sacrificio.

É o temor de que Ubirajara lhe recuze uma morte gloriosa e o retenha cativo, que nesse momento acabrunha o chefe dos tocantins.

Elle, um guerreiro livre que pizára outr'ora como senhor aquelles campos, reduzido á condição de escravo?

Elle, um varão chefe que tinha na obediencia de seu arco mais de mil guerreiros valentes, obrigado a reconhecer um dono?

Elle, que afrontava a cólera de Tupan, quando o deus irado rujia do céu, curvar-se ao aceno de um homem, fosse embora o mais pujante dos filhos da terra?

Pojucan estremecia quando se lembrava que podia ser condemnado a tão grande humilhação.

Em seu terror promovia o passo, com o impeto de fugir para sempre da taba dos araguaias, onde o ameaçava aquella vergonha.

Mas uma força invencível atava-lhe a vontade. Elle não se pertencia desde o momento em que Ubirajara lhe calcou a mão direita no hombro.

Esse era o sinal da conquista, que prendia o vencido ao vencedor; aquelle que violasse a lei da guerra, perderia para sempre o nobre titulo de guerreiro.

O desprezo do inimigo o acompanharia aos seus campos nativos; e a taba de seus irmãos não se abriria para o fujitivo que houvesse dezhonrado o nome de sua nação.

Por isso na cabana solitaria, Pojucan está mais guardado do que se o cercasse a multidão dos guerreiros araguaias.

Véla elle proprio em si, porque véla em sua fama.

Póde Ubirajara esquecel-o, que na volta o encontrará ali onde o deixou.

Nada o arrancará da cabana; nem a necessidade de buscar o alimento para o corpo.

Bem vinda será a fome, se durar tanto que prostre seu corpo robusto, e o entregue ao seio da terra, onde o guerreiro dorme o sono da gloria.

Além rompe da selva Ubirajara, que se encaminha para a cabana com o passo rapido.

Segue-o de perto Jandira, como a gentil corça acompanha o caçador, que lhe roubou o companheiro.

Descobrimdo o chefe dos araguaias, Pojucan encerrou a tristeza dentro de sua alma; e chamou ao rosto a altivez dos grandes

guerreiros.

O chefe tocantim não queria que seu vencedor se regozijasse de ter-lhe abatido o animo inflexível.

Quando Ubirajara se aproximou da cabana, Pojucan tomou-lhe o passo.

—Ubirajara, senhor da lança, grande chefe da nação araguaia, não confessaste tu diante dos anciãos das tabas e de todos os teus guerreiros, que Pojucan era o varão mais forte e o mais terrível no combate, que o sol tinha visto até o momento de ser vencido por ti?

—Ubirajara o disse. É a voz da nação araguaia.

—Desde que tu cruzaste comigo a seta do desafio até este momento, Pojucan, guerreiro varão, e chefe de uma taba, na valente nação dos tocantins, mostrou-se pela sua constancia e valor digno do sangue de seus avós?

—Pojucan o disse; e a fama o repete.

—Então porque Ubirajara, o grande chefe dos araguaia, não concede a Pojucan a morte gloriosa, que os tocantins jámais recusaram a um guerreiro valente, e que sómente se nega aos fracos? Já não serviu Pojucan á tua gloria na festa do triunfo? Esperas delle que te obedeça como um escravo? Se aviltas o varão, a quem venceste, humilhas o teu valor que elle exaltava.

O grande chefe araguaia ouviu sem interromper o prisioneiro, e respondeu com gravidade:

—Ubirajara não recusa ao bravo chefe tocantim, seu terrível inimigo, o suplicio, que não negaria a qualquer guerreiro valente.

Elle esperava que tua ferida se fechasse de todo, para que o grande Pojucan possa no dia do ultimo combate sustentar a fama de seu nome, e a gloria de um varão que só foi vencido por Ubirajara.

O grande chefe dos araguaiaes levou aos labios a inubia de Camacan; a voz do mando reboou pelo vasto ambito da taba.

Apareceram vinte jovens guerreiros, a quem elle ordenou que chamassem a conselho os anciãos.

Depois tornou ao chefe tocantim:

—Os araguaiaes receberam de seus avós o costume das nações que Tupan creou. Elles destinam ao prizioneiro a mais bela e a mais illustre de todas as virjens da taba, para que ella conserve o sangue generoso do heróe inimigo e aumente a nobreza e o valor de sua nação.

—É esta tambem a lei, que os guerreiros tocantins observam em suas tabas.

—A mais bela e a mais nobre de todas as virjens araguaiaes, aquella que se ergue como a palmeira no meio da campina coberta de flôres, é Jandira, a filha de Majé, que tem no seio os doces favos da abelha.

Travando então do pulso de Jandira, que ali ficára preza de sua vista, levou-a ao prizioneiro.

—Recebe-a como espoza do tumulo.

Jandira que ouviu espavorida aquellas palavras, quiz fujir; porém a mão do chefe araguaia a reteve.

—Ubirajara parte, mas elle voltará para assistir a teu suplicio^[33] e vibrar-te o ultimo golpe. Pojucan terá a gloria de morrer pela mão do mais valente guerreiro.

Ficaram Jandira e Pojucan em face um do outro.

—Virjem dos araguaias, Tupan te rezervou para espoza do mais terrível dos inimigos de tua nação. O filho de seu sangue será o mais valente dos guerreiros; tu sentirás orgulho por havel-o gerado em teu seio.

—Pojucan, chefe tocantim, Jandira nunca será tua espoza.

—Não é Ubirajara o chefe de tua nação, e não te destinou elle para servir de noiva do tumulto ao guerreiro que vai morrer no suplicio?

—Ubirajara é o grande chefe da nação araguaia; á sua voz cala-se a palavra dos anciãos; a seu gesto curva-se a fronte dos guerreiros; á sua vontade obedecem as tabas. Mas no amor de Jandira, ninguém manda, nem Tupan. Jandira é noiva de Ubirajara, e se elle não quizer acceita-la, o guanumbí a levará para os campos alegres onde repouzam as virgens que morreram.

—Pojucan não carece do amor de Jandira. Nas tabas dos tocantins a mais bela das virgens se regozijaria de pertencer ao mais valente dos chefes, e de habitar sua rêde. Nas tabas dos araguaias, onde nascem guerreiros como Ubirajara, não faltarão virgens formozas, que dezejem a gloria de ser mãe de um filho de Pojucan.

—Jandira seria a primeira, se não conhecesse Jaguarê, o mais bello dos jovens caçadores, que é hoje Ubirajara, o senhor da lança e chefe dos chefes. Pojucan merece uma espoza que nunca tenha ouvido o canto de outro guerreiro, para dar-lhe um filho digno d'elle.

—Os ritos de tua nação não punem a noiva que rejeita o prisioneiro?

—Jandira sabe que se sujeita á morte; mas a morte é menos cruel do que o abandono.

—Então foje, virjem dos araguaias, e esconde-te á cólera dos anciãos. Talvez mais tarde Ubirajara se arrependa e te perdôe.

—Jandira parte. Ella te dezeja uma espoza terna e a morte glorioza.

A filha de Majé penetrou na floresta, e afastou-se rapidamente da taba.

Quando já estava muito lonje, sentou-se á sombra de um manacá coberto de flôres e cantou:

—Eu fui Jandira, a linda abelha, que fabricava os favos de cêra para enchel-os de mel saborozo.

«Agora arrancaram-me as minhas azas com que eu voava pela campina colhendo o pó das flôres; e secou a doçura de meu sorriso.

«O canto que saía de meu seio era como o da patativa ao pôr do sol, quando se recolhe em seu ninho de paina macia.

«Agora eu queria ter no coração uma serpente para morder aquella que me roubou o amor de meu guerreiro.

«Guardei a minha formozura para orgulho do espozo, e inveja dos outros guerreiros.

«Agora eu trocaria a flôr do meu rosto por um aspeto terrível que infundisse pavor.

«Meus seios mais lindos que os botões do cardo por um peito feroz, e as mãos lijeiras que tecem os fios do algodão pelas garras do jaguar.

«Eu fui Jandira, o manacá viçozo que se vestia de flôres azues e brancas.

«Agora sou como a jussara que perdeu a folha, e só tem espinhos para ferir aquelles que se chegam.»

Os anciãos já estavam reunidos na oca do conselho, quando Ubirajara entrou.

Falou Camacan:

—Ubirajara, senhor da lança, chefe dos chefes, os pais da grande nação araguaia escutam a tua voz.

O grande chefe tres vezes bateu no chão com a ponta do arco e disse:

—Pojucan, o chefe tocantim, pede a morte do combate; elle a merece, porque é um grande guerreiro e um varão ilustre. Ubirajara concedeu-lhe essa honra, como seu vencedor.

—Ubirajara é um inimigo generoso; respondeu Camacan.

Todos os anciãos inclinaram gravemente a cabeça encanecida para exprimirem sua aprovação ás palavras de Camacan.

Proseguiu Ubirajara:

—É tempo de escolher para o prizioneiro uma espoza digna de acompanhar em seus ultimos dias ao heróe inimigo, e de ser mãe do marabá, o filho da guerra.

Todos os abarés dezejavam para si a gloria de oferecer uma filha ao prizioneiro.

—Ubirajara destinou-lhe Jandira, filha de Majé. Ella o merece [36] sua formozura, e pelo sangue do grande guerreiro que gira em suas veias.

—Ubirajara é um grande chefe, disse Camacan.

Os anciãos aprovaram outra vez com a cabeça; Majé acrescentou:

—O sangue do velho Majé não desmentirá em Jandira a fama da nação araguaia.

—Não! disse Ubirajara e todos os anciãos repetiram: Não!

O grande chefe tornou com a voz pausada:

—Celebrai a cerimonia da entrega da espoza ao prizioneiro. Ubirajara parte; só estará de volta na proxima lua para assistir ao suplicio de Pojucan. Se na auzencia de Ubirajara cair na taba a flecha, nuncia da guerra, conduzi o trocano ao sitio onde se abraçam os grandes rios, e soltai a voz da nação araguaia. Nesse dia Ubirajara será convosco.

Os prudentes anciãos, com a cabeça inclinada para melhor ouvir, recebiam as palavras do grande chefe e as guardavam na memoria.

Quando Ubirajara se calou, Camacan repetiu, ainda mais pauzado, as recomendações do filho:

—É esta a vontade de Ubirajara?

—Tu o disseste.

—Os anciãos guardaram a palavra do chefe dos chefes? perguntou ainda Camacan.

—Ella entrou no espirito dos abarés, como a raiz no seio da terra, observou Majé.

—Bem dito, repetiram todos.

Ubirajara saiu do carбето; após elle os anciãos se retiraram lentamente.

[37]

IV

A HOSPITALIDADE

Na entrada do vale ergue-se a grande taba dos tocantins.

É a hora em que as sombras abraçam os troncos das arvores e o sol descansa em meio da carreira.

A floresta emudece, e todos os viventes se abrigam da calma que abraza.

Ubirajara deixa o escuro da mata e caminha para a grande taba dos tocantins.

Quando chegou á distancia do tiro de uma flecha despedida pelo mais robusto guerreiro, tocou a inubia.

O guerreiro de vijia respondeu; e o chefe araguaia, quebrando a seta, alçou a mão direita para mostrar a senha da paz.

Então avançou para a taba; na entrada da caissara que cercava o campo dos tocantins, atirou ao chão a seta partida.

Os guerreiros que tinham acudido ao som da inubia, deixaram passar o estrangeiro sem inquirir donde vinha, nem o que o trouxera.

Era este o costume herdado de seus maiores, que o hospede mandava na taba aonde Tupan o conduzia.

Ubirajara passou entre os guerreiros, e dirigiu-se á cabana mais alta que ficava no centro da ocara.

A figura do tucano, feita de barro pintado, e colocada em cima da porta, dizia que era ali a cabana do grande chefe.

Mas Ubirajara já o sabia; pois antes de penetrar na taba, subira á grimpá do mais alto cedro da floresta para conhecer o sitio onde habitava Arací, a estrela do dia.

A cabana estava dezerta naquelle instante, mas ouvia-se a fala das mulheres que trabalhavam no terreiro.

Ubirajara transpôz o limiar, e levantando a voz disse:

—O estrangeiro chegou.

Acudiram as mulheres, e conduziram Ubirajara á presença do grande chefe dos tocantins.

Itaquê passava as horas da ardente calma á sombra da frondoza gameleira, que podia abrigar cem guerreiros em baixo de sua rama.

Repouzando dos combates, o formidável guerreiro não desdenhava as artes da paz em que era tão consumado como nas batalhas.

Assim honrava as fadigas da taba, dando o exemplo do trabalho á familia de que era pai, e a nação de que era chefe.

Nesse momento as mulheres colocadas em duas filas, com as mãos erguidas, urdiam os fios de algodão, passados pelos dedos abertos em fórma de pente.

Itaquê manejava a lança-deira, tão destro como na peleja vibrava o tacape. Sua mão ligeira tramava a teia de uma rêde, que entretecia das penas douradas do galo da serra.

Quando chegou Ubirajara, o grande chefe dos tocantins, depois de ter rematado a urdidura, entregou a lança-deira ao guerreiro Pirajá que estava a seu lado, e veio ao encontro do hospede.

—O estrangeiro veio á cabana de Itaquê, grande chefe da nação [391]
tocantim, disse Ubirajara.

—Bem vindo é o estrangeiro á cabana de Itaquê, grande chefe da nação tocantim.

Então o tuxava voltou-se para Jacamim, a mãe de seus filhos:

—Jacamim, prepara o cachimbo do grande chefe, para que elle e o estrangeiro troquem a fumaça da hospitalidade.

Os mensajeiros já corriam pela taba, avizando os guerreiros moacaras da vinda do hospede á cabana de Itaquê.

Os moacaras, revestidos de seus ornatos de festa, se encaminharam com o passo grave á oca principal afim de honrar o hospede do grande chefe da nação tocantim.

Ali chegados, cada um dirijiu ao estrangeiro a pergunta da hospitalidade e deu-lhe a boa vinda.

Depois que Itaquê ofereceu a Ubirajara o cachimbo da paz, e com elle trocou a fumaça da hospitalidade, os cantores entoaram a saudação da chegada:

«O hospede é mensajeiro de Tupan. Elle traz a alegria á cabana; e quando parte leva comsigo a fama do guerreiro que teve a fortuna de o acolher.

«Nas tabas por onde passa, e na terra de seus pais, elle conta aos velhos, que depois ensinam aos moços, as proezas dos herões que viu em seu caminho, e de quem recebeu o abraço da paz.

«O hospede é mensajeiro de Tupan. Elle traz comsigo a sabedoria, na cabana do guerreiro que tem a fortuna de o acolher, todos o escutam com respeito.

«Em suas palavras prudentes, os anciãos da taba aprendem, para ensinar aos moços, os costumes dos outros povos, as façanhas de guerra desconhecidas por elles, e as artes da paz, que o estrangeiro viu em suas viagens.

«O hospede é mensajeiro de Tupan. O primeiro que apareceu na taba dos avós da nação tocantim, foi Sumê, que veio de onde a terra começa e caminhou para onde a terra acaba.

«Delle aprenderam as nações a plantar a mandioca para fazer a farinha, e a tirar do cajú e do ananaz o generoso cauim, que alegra o coração do guerreiro.

«O hospede é mensajeiro de Tupan. Quando o estrangeiro entra na cabana, o guerreiro que tem a fortuna de o acolher, não sabe se elle é um chefe illustre ou o grande Sumê que volta de sua viagem.

«O sabio ensina por onde passa os segredos da paz, e o heróe as façanhas da guerra; mas ambos deixam na cabana da hospitalidade a gloria de ter abrigado um grande varão.

«O hospede é mensajeiro de Tupan. Por seu caminho vai deixando a abundancia e a festa; depois do banquete da boa vinda as arvores vergam com os frutos, e a caça não cabe na floresta.

«A cabana que fecha a porta ao hospede, o vento a arranca, o fogo do céu a abraza. O guerreiro que não se alegra com a chegada do hospede, vê murchar ao redor de si a espoza, os filhos, as mulheres e as roças que elle plantou.

«Bem vindo seja o estrangeiro na cabana de Itaquê, o grande chefe da nação tocantim, que teve a gloria de ser escolhido pelo hospede.

«Os guerreiros exultam com a honra de seu chefe, e os cantores⁵⁴¹ saudam, mensajeiro de Tupan.»

Emquanto na cabana resôa o canto da boa vinda, Jacamim, a espoza de Itaquê, chamou as amantes do marido, suas servas, para ajudal-a a preparar o banquete da hospitalidade.

As servas pressurosas estenderam á sombra da gameleira as alvas esteiras de palmas entrançadas de airis e colocaram sobre ellas os urús cheios de farinha d'agua.

Trouxeram tambem os camocins razos, onde se apinhavam as moquecas envoltas em folha de banana, e peças de carne, assada no biaribí, que ainda fumegava nos pratos feitos de concha de tartaruga.

Depois suspenderam a caça mais volumoza, veados e antas, assim como as igaçabas de cauim, nos ramos inclinados da arvore, em altura que o braço do guerreiro podesse alcançar.

Frutas de varias especies, pencas douradas de banana, cachos rôxos de assaí, os rubros croás, e os fragrantos abacaxis, enchiam o giráu levantado no meio do terreiro.

Jacamim conduzira o hospede á sombra da gameleira, onde o esperava o banquete da chegada.

Ao lado de Ubirajara sentou-se Itaquê e depois os moacaras que tinham vindo para a festa da hospitalidade.

Os guerreiros comeram em silencio. As mulheres diligentes^[48] serviam, enchendo de vinho de cajú e ananaz as largas combucas, tintas com a pasta do crajurú que dá o mais brilhante carmim.

Quando o hospede, depois de satisfeito o apetite, lavou o rosto e as mãos, Jacamim ordenou ás servas que recolhessem os restos das provizões, e retirou-se com ellas.

Tambem se afastaram os jovens guerreiros que ainda não tinham voz no conselho. Só ficaram sentados com o hospede, Itaquê, e os moacaras senhores das cabanas.

O cachimbo do grande chefe passou de mão em mão e cada ancião bebeu a fumaça da herva de Tupan, que inspira a prudencia no carbeto.

Então disse o chefe:

—Itaquê dezeja dar a seu hospede um nome que lhe agrade, e precisa que o ajude a sabedoria dos anciãos.

A lei da hospitalidade não consentia que se perguntasse o nome ao estrangeiro que chegava, nem que se indagasse de sua nação.

Talvez fosse um inimigo, e o hospede não devia encontrar, na cabana onde se acolhia, senão a paz e a amizade.

O chefe, que tinha a fortuna de receber o viajante, escolhia o nome de que elle devia uzar enquanto permanecia na cabana hospedeira.

Foi Ipê quem primeiro falou:

—Tu chamarás ao hospede Jutai, porque sua cabeça domina o cocar dos mais fortes guerreiros, como a copa do grande pinheiro aparece por cima da mata.

Disse Tapir:

—Chama ao hospede Boitatá, porque elle tem os olhos da grande serpente de fogo, que vòa como o raio de Tupan.

Os moacaras, cada um por sua vez, falaram; e como a voz começava do mais moço para acabar no mais velho, as ultimas falas eram menos guerreiras e traziam a prudencia da idade.

Assim Caraúba, que era o segundo antes do chefe, disse:

—Itaquê, o hospede é o nuncio da paz. Tu debes chamal-o Jutorib, porque elle trouxe a alegria á tua cabana.

Guaribú, cujos anos enchiam a corda de sua existencia de mais nós, do que tem o velho cipó da floresta, falou por ultimo:

—O viajante é senhor na terra que elle piza como hospede e amigo; e o nome é a honra do varão ilustre, porque narra sua sabedoria. Pergunta ao estrangeiro como elle quer ser chamado na taba dos tocantins.

—Bem dito!

Itaquê, aprovando as palavras prudentes do ancião, perguntou a Ubirajara que nome escolhia; este lhe respondeu:

—Eu sou aquelle que veio trazido pela luz do céu. Chama-me Jurandir.

Nesse momento, Arací, a estrela do dia, appareceu por entre as palmeiras, e caminhou para a cabana.

Os mais valentes entre os jovens guerreiros tocantins acompanhavam a formosa caçadora. Eram os servos do amor, que disputavam a beleza da virjem.

Os cantores saudaram de novo o hospede pelo nome que elle escolhera:

—Tu és aquelle que veio trazido pela luz do céu. Nós te chamaremos Jurandir; para que te alegres ouvindo o nome de tua escolha.

«Tu és aquelle que veio trazido pela luz do céu. Nós^[44] chamaremos Jurandir; e o nome de tua escolha alegrará o ouvido dos guerreiros.»

De longe Arací viu o estrangeiro, sentado entre os anciãos, como o frondoso jacarandá no meio dos velhos troncos das aroeiras.

A virgem reconheceu logo o caçador araguaia e adivinhou que ele viera á cabana de Itaquê para disputar sua beleza aos guerreiros tocantins.

O coração de Arací encheu-se de alegria. Seus negros cabelos estremeceram de contentamento, como as penas da jaçanan quando presente o formoso inverno.

O estrangeiro não queria ser conhecido; pois deixára o cocar das plumas da arara, que era o ornato guerreiro da sua nação. Mas a imagem do jovem caçador ficára na lembrança da virgem, como fica na terra a verde folhagem, depois da lua das águas.

A lei da hospitalidade proíbia á virgem revelar o segredo do estrangeiro, só della sabido. Nesse momento foi á sua alma que obedeceu e não ao costume da nação.

Quando Arací chegou ao terreiro, os anciãos se preparavam para ouvir a maranduba do hospede. Os guerreiros e as mulheres escutavam em silencio.

O estrangeiro começou:

—Jurandir é moço; ainda conta os anos pelos dedos e não viveu bastante para saber o que os anciãos da grande nação tocantin^[45] aprenderam nas guerras e nas florestas.

«O moço é o tapir que rompe a mata, e vôa como a seta. O velho é o jabotí prudente que não se apressa.

«O tapir erra o caminho e não vê por onde passa. O jabotí observa tudo, e sempre chega primeiro.

«Jurandir é moço; mas conhece as grandes florestas, e atravessou mais rios do que as veias por onde corre o sangue valente de seu pai.

«A primeira agua em que Jaçanan, sua mãe, o lavou, quando elle lhe rasgou o seio, foi a do grande lago onde Tupan guardou as aguas do diluvio, depois que as retirou da terra.

«Ainda Jurandir não era um caçador, quando elle se banhou no pará sem fim, onde os rios despejam a sua corrente e cujas aguas quando dormem se mudam em sal.

«Duas vezes Jurandir seguiu o pai dos rios desde a grande montanha onde nace, até á varzea sem fim que elle enche com suas aguas.

«Elle viu o grande rio combater com o mar, no tempo da pororoca. Os dois chefes tocam as inubias antes da peleja, para chamar seus guerreiros.

«Vem de um lado as aguas do mar, são os guerreiros azues, com penachos de araruna; vem do outro as aguas do rio, são os guerreiros vermelhos com penachos de nambú.

«Começa a batalha. Os guerreiros se enrolam, como a corrente da cachoeira, batendo no rochedo; a terra estremece com o trovão das aguas.

«Mas o grande rio agarra o mar pela cintura. Arranca do chão o inimigo; carrega-o nos hombros; solta o grito de triumpho.

«Por muito tempo os Tetivas, que habitam sobre as arvores, vêm passar correndo as aguas do mar; são os guerreiros azues que fogem espavoridos e vão esconder-se na sombra das florestas.

«Jurandir tambem viu a terra onde habitam as mulheres guerreiras, senhoras de seu corpo, que vivem em baixo das aguas do

grande rio.

«Só ellas sabem o segredo das pedras verdes, que tornam os guerreiros cativos de seu amor, sem privar-as da liberdade.

«Por isso todas as luas, grande numero de guerreiros as vizitam em sua taba; e ellas guardam para os mais valentes a flôr de sua beleza.

«Quando chega o tempo de vir o fruto do amor, guardam sómente as filhas; e enviam aos guerreiros os filhos, de onde saem os maiores chefes.

«Feliz o guerreiro que acha uma terra valente e fecunda para a flôr de seu sangue. O filho será maior do que elle; e o neto maior do que o filho.

«Sua geração vai assim crescendo de tronco em tronco; e fórma uma floresta de guerreiros, onde o ultimo cedro se ergue mais frondoso e robusto, porque recebe a seiva de seus avós.»

Quando Jurandir proferiu as ultimas palavras, seus olhos que tinham muitas vezes buscado Arací, repouzaram nella.

A virjem tocantim compreendeu que o estrangeiro se referia a si; e não escondeu sua alegria, como não esconde sua flôr a juquerí que o rio beija.

A formosa caçadora cantou. Sua voz era limpida e sonora como o gorjeio do sabiá, quando se deleita com o calor do sol.

—Feliz a terra que recebe a semente do cedro frondoso e robusto; ella se cobrirá de sombra e frescura. Os guerreiros gostarão de reunir-se aí para falar da paz e da guerra.

«Ella é como a virjem que um chefe ilustre escolheu para sua espoza, e que se povôa de uma prole numeroza. As nações a respeitam porque é a mãi de valentes guerreiros; os anciãos escutam seu conselho na paz e na guerra.

«As mulheres guerreiras, senhoras de seu corpo, são como a palmeira do murití, que rejeita o fruto antes que elle amadureça e o abandona á correnteza do rio.

«A espoza não desprende de si o filho, senão quando elle não chupa mais seu peito. Ella é como a mangabeira; nutre o fruto com seu leite, que é a flôr de seu sangue.

«Não é na terra das mulheres guerreiras que o estrangeiro deve buscar a espoza; mas na taba de sua nação, onde Tupan guarda para seu valor a mais bela das virjens, aquella que tem o sorrizo de mel.»

O hospede respondeu:

—Jurandir sabe onde encontrará a virjem que dezeja para espoza. A luz do céu o guia, e nada reziste á força de seu braço.

Depois de responder ao canto de Arací, o estrangeiro continuou sua maranduba, que todos ouviram silenciosos.

Elle contou o que havia aprendido nas praias do mar habitadas pela valente nação dos Tupinambás, decendentes da mais antiga geração de Tupi.

Os pajés dos Tupinambás lhe disseram que nas aguas do pará sem fim vivia uma nação de guerreiros ferozes, filhos da grande serpente do mar. [48]

Um dia esses guerreiros saíriam das aguas para tomar a terra ás nações que a habitam; por isso os Tupinambás tinham decido ás praias do mar, para defendel-as contra o inimigo.

Os guerreiros do mar também tinham suas guerras entre si, como os guerreiros da terra. Então as águas pulavam mais altas do que os montes; seu estrondo era como o trovão.

Jurandir contou mais que nas praias do mar se encontrava uma rezina amarela, muito cheiroza, a qual a grande serpente creava no bucho.

Os Tupinambás faziam dessa goma contas para seus colares; Jurandir mostrou a pulseira que lhe cingia o artelho, presente de um guerreiro daquela nação.

Essas contas tornavam o pé do guerreiro ágil na corrida, e protejião o viajante contra os caiporas da floresta, que se apartavam de seu caminho.

Muitas outras coisas referiu Jurandir; e os anciãos admiravam-se de ver o juízo prudente de um abaré no corpo jovem de tão forte guerreiro.

Os mais velhos dos moacaras acreditaram que o hospede era o filho de Sumê, mandado por seu pai correr as terras que o sábio tinha visto em sua mocidade.

Calaram, porém, seu pensamento, para o comunicarem aos anciãos quando se reunisse o carbeto da nação.

O sol já decia para as montanhas quando terminou a festa[40] da hospitalidade na cabana de Itaquê.

Os moacaras partiram. Itaquê voltando á sua occupaçoão, deixou o hospede senhor de sua vontade para fazer o que lhe agradasse.

Vieram os jovens pescadores da taba com os anzóes e gequis saber do hospede que peixe elle preferia.

Depois delles chegaram os jovens caçadores que antes de partir para a floresta vinham receber os desejos do hospede.

Por fim aproximaram-se as mulheres que já tinham rompido o fio da virjindade, mas não eram nem espozas, nem amantes de guerreiros.

Essas eram as mulheres livres, que davam seu amor e o retiravam quando queriam, mas não recebiam a proteção de um guerreiro nem podiam jámais ser mãis da prole.

Os filhos concebidos no proprio seio só tinham por mãe a espoza, que o guerreiro tomou por companheira de sua existencia e raiz de sua geração.

O rito da hospitalidade entre os filhos da floresta manda que se dê ao estrangeiro amigo tudo que deleita ao guerreiro.

Por isso vinham as moças oferecer a Jurandir sua beleza, para que elle escolhesse entre ellas uma companheira, que partilhasse sua rêde na cabana hospedeira.

Todas se tinham enfeitado com seus mais belos ornatos, para agradar aos olhos de Jurandir; pois não havia para ellas maior gloria do que a de merecer o amor do estrangeiro.

Umas traziam as tranças urdidas com penas vistozas dos passaros de sua predileção; outras haviam perfumado da essencia do sassafraz os cabelos soltos, que derramavam sua fragancia ao sopro da briza.

Chegando diante do estrangeiro, começaram uma dansa amor^[52] para mostrar a graça de seu corpo. Aquellas que tinham a voz doce cantavam em louvor de Jurandir.

Arací fôra buscar seu balaio de palha vermelha, e sentára-se no terreiro, junto á porta da cabana. Seus dedos ajeis enfiavam as sementes de jequerití, de que fazia um ramal para seu colo gentil.

Emquanto compunha o colar, a virjem percebia que os olhos de Jurandir abandonavam os encantos das mulheres, e buscavam seu rosto.

Mas ella voltava-se para a floresta; com o trinado de seus labios chamava o crajuá, que voava no olho da palmeira. O passarinho iludido vinha, cuidando ouvir o canto da companheira.

Jurandir apartou as mulheres e disse:

—As moças tocantins são formozas, qualquer dellas alegraria o sono do estrangeiro. Mas Jurandir não veio á cabana de Itaquê para gozar do amor de uma noite; elle veio buscar a espoza que ha de acompanhar-o até á morte, e a virjem que escolheu para mãi de seus filhos.

Quando Arací ouviu estas palavras cobriu-se de sorrisos, como o guajerú se cobre de suas flôres alvas e perfumadas com os orvalhos da manhã.

Jurandir voltou-se então para a virjem caçadora:

—Estrela do dia, Arací, conduze-me á prezença de Itaquê. É tempo que elle saiba o segredo do estrangeiro.

—Os sonhos disseram a Arací duas noites seguidas, que o joven caçador chegaria á cabana de Itaquê; ella te esperou. Quando meus olhos te viram sentado entre os moacaras, logo conheceram que tu vinhas buscar a espoza.

O estrangeiro respondeu:

—Jurandir chegou á taba dos seus, e recebeu um nome de guerra e o grande arco de sua nação. Mas a cabana do chefe estava de zerta, e sua rêde não lhe guardou o sono tranquilo do guerreiro. Elle ouviu tua voz que o chamava, virjem tocantim, e ergueu-se; tua luz o guiou, filha do sol, e o trouxe á tua presença.

V

SERVO DO AMOR

Jurandir, conduzido pela virjem, caminhou ao encontro de Itaquê e disse:

—Grande chefe dos tocantins, Jurandir não veio á tua cabana para receber a hospitalidade; veio para servir ao pai de Arací, á formosa virjem, a quem escolheu para espoza. Permite que elle a mereça por sua constancia no trabalho, e que a dispute aos outros guerreiros pela força de seu braço.

Itaquê respondeu:

—Arací é a filha de minha velhice. A velhice é a idade da prudencia e da sabedoria. O guerreiro que conquistar uma espoza como Arací terá a gloria de gerar seu valor no seio da virtude. Itaquê não póde dezejar para seu hospede maior alegria.

Desde esse momento, Jurandir não foi mais estrangeiro na taba dos tocantins. Pertencia á oca de Itaquê, e devia, como servo do amor, trabalhar para o pai de sua noiva.

Os guerreiros, cativos da beleza de Arací, conheceram que tinham de combater um adversario formidavel; mas seu amor creceu com o receio de perder a filha de Itaquê.

Jurandir tomou suas armas e deceu ao rio. Era a hora em que o jacaré boia em cima das aguas como o tronco morto, e a jaçanan se balança no seio do nenufar.

O manatí erguia a tromba para pastar a relva na margem do rio. Ouvindo o rumor das folhas, mergulhou na corrente; mas já levava o arpéu do pescador cravado no lombo.

Jurandir não esperou que o peixe ferido desenrolasse toda a linha. Puxou-o para terra; e levou-o ainda vivo á cabana de Itaquê, onde tres guerreiros custaram a deital-o no giráu.

As mulheres cortaram as postas de carne, e os guerreiros cavaram a terra para fazer as grelhas do biaribí.

Jurandir partiu de novo, e entrou na floresta. Ao lonje reboavam os gritos dos caçadores, que perseguiam a féra.

Pelo assobio o guerreiro conheceu que era um tapir. O animal zombára dos caçadores e vinha rompendo a mata como a torrente do Xingú.

As arvores que seu peito encontrava caíam lascadas.

Jurandir estendeu o braço. O velho tapir, agarrado pelo pé, ficou suspenso na carreira, como o passarinho prezo no laço. Nunca até aquelle momento encontrára força maior que a sua.

Uma vez decera á lagôa para beber. A sucurí, que espreitava a caça, mordeu-o na tromba. Elle fugia, esticando a serpente; e a serpente encolhendo-se o arrastava até á beira d'agua.

Assim tornou, uma, duas, tres vezes. Mas o tigre urrou de fome. O velho tapir disparou pela floresta; e a sucurí com a cauda preza á raiz da arvore arrebentou pelo meio.

O velho tapir rompeu a serpente como se rompe uma corda[50] de piassaba; mas não pôde abalar o braço de Jurandir, mais firme do que o tronco do guaribú.

O estrangeiro tornou á cabana com a caça. Nenhum dos guerreiros da taba, nem mesmo o velho Itaquê, pôde aguentar com as duas mãos a fêra bravia.

Então Jurandir obrigou o animal a agachar-se aos pés de Arací e disse:

—O braço de Jurandir fará cair assim a teus pés o guerreiro que ouze disputar ao seu amor a tua formozura, estrela do dia.

Nunca a abundancia reinára na cabana sempre farta do chefe dos tocantins, como depois que a ella chegára o estrangeiro.

Jurandir era o maior caçador das florestas, e o primeiro pescador dos rios. Seu olhar seguro penetrava na espessura das brenhas, como na profundeza das aguas.

Nada escapava á destreza de sua mão. Onde ella não chegava, iam as unhas de suas flechas certeiras, que rasgavam o seio da vitima, como as garras do jaguar.

O estrangeiro soubera de Arací qual era a caça que Itaquê preferia, e qual o peixe que elle achava mais saborozo. Desde então nunca o velho chefe sentiu a falta do manjar predileto.

Se não era a lua propria do peixe dezejado, Jurandir sabia onde ¹⁵⁴ podia encontrar. Não tornava á cabana sem a provisão necessaria para a refeição do dia.

Depois da caça e da pesca, Jurandir trabalhava nas roças de Itaquê. Fazia no taboleiro os matumbos, para que Jacamim enterrasse as estacas da maniva e semeasse o feijão, o milho e o fumo.

Entre os filhos das florestas a plantação devia ser feita pela mão da mulher, que era mãe de muitos filhos; porque ella transmitia á terra sua fecundidade.

A semente que a mão da virgem depositava no seio da terra dava flôr; mas da flôr não saía fruto. E se era um guerreiro que plantava, o aipim endurecia como o páu de arco.

Nas vazantes do rio, Jurandir capinava a terra coberta de relva e outras plantas, e só deixava crescer o arroz, o inhame e as bananeiras.

Quando o estrangeiro partia pela manhã, Arací o acompanhava de lonje pela floresta.

Sua vontade a levava após elle.

O costume da taba não consentia que a virgem dezejada pelos servos de seu amor, preferisse um guerreiro antes de saber se elle a obteria por espoza.

A filha de Itaquê não queria pertencer a outro guerreiro; mas lembrava-se que a virgem deve merecer o espozo por sua paciencia, assim como o guerreiro merece a espoza por sua constancia e fortaleza.

Então voltava ao terreiro: enquanto os outros guerreiros espreitavam sua vontade, ella tecia as franjas para a rêde do cazamento.

Sua mão sutil urdia com o alvo fio do crauatá a fina penujem escarlata. Os noivos cuidavam que era a do peito do tucano; mas ella sabia que era do peito da arára e que tinha as côres de seu guerreiro.

Quando o sol chegava ao cimo dos montes, ouvia-se o canto[55] de Jurandir que voltava da caça. A virgem seguida pelos guerreiros ia ao encontro do estrangeiro.

Então deciam ao rio. Era a hora do banho. Arací cortava as ondas mais linda que a garça côr de roza; e os guerreiros a seguiam de perto, como um bando de galeirões.

Mas nenhum, nem mesmo Jurandir, que nadava como um bôto, podia alcançar a formosa virjem. Ella parecia a flôr do mururê que se desprende da haste, e passa levada pela corrente.

Uma vez a filha das aguas soltou um grito, e desapareceu no seio das ondas. Jacamim cuidou que o jacaré tinha arrebatado a filha de seu seio. Os guerreiros mergulharam para salvá-la; mas não a encontraram.

Todos a julgavam perdida, quando apareceu Jurandir que trazia nos braços o corpo da virjem formosa. Pizando em terra, ella correu para a cabana, onde foi esconder sua alegria.

Desde então era no banho que Arací recebia o abraço de Jurandir, sem que os outros guerreiros suspeitassem da preferencia dada ao estrangeiro.

No seio das ondas ninguem a adivinhava, a não ser o ouvido sutil de Jurandir, a quem ella chamava com o doce murmúrio do irerê.

Encontravam-se no fundo do rio enquanto durava a respiração. Depois desprendiam-se do abraço e surtiam longe um do outro.

[56]

Á tarde, voltando da caça, Jurandir viu na floresta um rasto, que elle conhecia.

Chegado á cabana, entregou a Jacamim o veado que matára, e saiu para vizitar os arredores. Nada encontrou de suspeito; o rasto, que o inquietava, não chegára até ali.

No outro dia, ao romper da alvorada, logo depois do banho os guerreiros partiram para a caça e para a pesca. Só ficaram na cabana Jacamim e as mulheres de Itaquê.

Arací tomou o arco e entrou na floresta. A imagem do guerreiro amado fugia naquelle instante de seus olhos; elles buscaram entre as folhas o sinal de seus passos e não o descobriram.

Lembrou-se a virjem, que Jurandir gostava da polpa do guaranan adoçada com o mel da abelha, e colheu os frutos encarnados que pendiam dos ramos da trepadeira.

Nesse momento a arára cantou no olho do pirijá. Arací precisava de suas plumas vermelhas para o cocar que ella tecia em segredo.

Era o cocar do amor, com que dezejava ornar a cabeça de seu guerreiro senhor, no dia em que elle a conquistasse por espoza.

A virjem armou o arco e seguiu a arára rompendo a folhagem. Quando ia disparar a seta, ouviu ao lado um rumor dezuzado.

Jurandir estava perto della, e segurava o braço de uma mulher, que ainda tinha na mão a macana afiada.

Arací conheceu a virjem araguaia, pela fxa de algodão entretecida de penas que lhe apertava a curva da perna; e adivinhou que era Jandira, a noiva do guerreiro.

—Filha de Majé, tua mão quiz matar a virjem que Jurandir escolheu para espoza. Tu vais morrer.

—Desde que Ubirajara abandonou Jandira, ella começou a morrer, como a baunilha que o vento arranca da arvore. Acaba de matal-a, para que sua alma te acompanhe de dia na sombra das florestas e te fale de noite na voz dos sonhos.

—A virjem araguaia ameaçou a vida de Arací; ella lhe pertence, disse a filha de Itaquê.

Jurandir cortou na floresta uma comprida rama de imbê, e atou as mãos de Jandira.

—Jandira é tua escrava. Não lhe dês a liberdade. Ella tem a astucia da serpente e seu veneno.

—Eu era a cobra d'agua, amiga do guerreiro, que habita sua cabana e a guarda contra o inimigo. Quem foi que me fez a cascavel venenosa, que traz nos labios o sorrizo da morte?

Jurandir não respondeu. Nesse momento elle teve saudade de sua cabana; e lembrou-se do tempo em que, joven caçador, seguia na floresta a formosa virjem araguaia.

As duas virjens ficaram sós no claro da floresta.

Já o rumor dos passos de Jurandir se apagára ao lonje, e ainda tinham ambas os olhos cativos uma da outra.

Jandira pensou que ella não podia dar a Ubirajara a formozura da filha de Itaquê. Arací receiou que o amor do guerreiro se voltasse outra vez para a linda virjem araguaia.

A filha de Majé preparou-se para morrer á mão de sua rival, ^[58]mas ella preferia a morte ao suplicio de contemplar sua beleza.

Arací, a estrela do dia, cantou:

—O amor do guerreiro é a alegria da virjem; quando elle foje, a virjem fica triste como a varzea que perdeu sua relva.

«Por isso Jandira está triste; o amor do guerreiro fujuiu della; e a deixou solitaria como a nambú, a quem o companheiro abandonou.

«Mas o amor do guerreiro é como o orvalho da noite. Quando o sol queima a varzea, elle dece do céu para cobril-a de verdura e de flôres.

«Arací está alegre, porque o amor do guerreiro voltou-se para ella; e Jurandir vai fazel-a companheira de sua gloria e mãe de seus filhos.

«Quando a espoza de Jurandir não tiver mais beleza para dar a seu guerreiro, ella consentirá que Jandira durma em sua rêde.

«E o orvalho da noite decerá do céu para cobrir a varzea de verdura e de flôres. E Jandira achará outra vez seu sorrizo de mel.»

Assim cantou Arací, a estrela do dia; e a virjem araguaia respondeu:

—A arvore que morreu não sofre quando o fogo a queima. Jandira prefere a morte á vergonha de ser tua serva, e á tristeza de ver a cada instante a formozura da estrangeira que roubou seu amor.

«Arací, a estrela do dia, é mais bela do que Jandira, mas não sabe amar o guerreiro que a escolheu para mãe de seus filhos.

«Nunca Jandira ofereceria sua rêde de espoza a outra mulher; e aquella que recebesse o amor de seu guerreiro, morreria por sua mão.

«Ella amaria seu espozoz tanto que sua graça nunca se retirasse della; pois saberia morrer quando não tivesse mais beleza para dar-lhe.

«A nação araguaia nunca levanta a taba do vale onde acampou, senão quando a terra já não póde dar-lhe mais frutos.

«Assim é o guerreiro. Elle não retira seu amor da espoza que habita, senão quando ella já não sabe alegrar sua alma.»

Tornou a virjem tocantim:

—A cajazeira, depois que dá seu fruto, perde a folha; o guerreiro busca a sombra de outra árvore para repouzar.

«Mas vem a lua das águas e a cajazeira outra vez se cobre de folhas; sua sombra é doce ao guerreiro.

«A espoza é como a cajazeira. Quando o guerreiro não acha alegria em seus braços, ella sofre que busque outra sombra, e espera que lhe volte a flôr para chamal-o de novo ao seio.

«Arací ama seu guerreiro, como Jacamim ama Itaquê. A cabana do grande chefe dos tocantins está cheia de servas; mas seu amor nunca abandonou a espoza.

«As servas deram a Itaquê muitos filhos; mas os filhos da velhice, foi só Jacamim quem os deu ao grande chefe; porque o primeiro amor do guerreiro não morre nunca.

«Elle é como a grama que nunca mais deixa a terra onde nasceu: podem arrancar-a que brota sempre.

«Arací quer apagar a tristeza de tua alma; e beber o teu sorrizo de mel, para que o espozo ache mais doces seus labios, quando os provar.

«Tu serás irmã de Arací, e lhe darás um filho de Jurandir, tão valente, como os que seu amor ha de gerar no seio da espoza.»

Jandira afastou os olhos da virjem dos tocantins, para desviar della sua ira.

—Tua palavra dóe como o espinho da jussara, que tem o côco ^[60]meu doce que o mel.

«As flechas de teu arco não matam mais do que os sorrizos que o amor do guerreiro derrama em teu rosto, estrela do dia.

«Ubirajara deixou-me por ti; mas foi a Jandira que elle primeiro escolheu para espoza, quando ainda era joven caçador.

«Nos campos alegres, onde vão os guerreiros quando morrem, elle me chamará; e o guanumbí virá buscar a minha alma no seio da flôr do manacá para leval-a a seu amor.

«Mata-me, ou deixa que eu morra para não ver mais tua beleza, e não ouvir o canto de tua alegria.»

Arací caminhou para Jandira e dezatou-lhe os pulsos.

—O amor do guerreiro não pertence á mulher que seus olhos primeiro viram; mas áquella que elle escolheu. Apanha teu arco; e morra aquella que não souber defender seu amor, e merecer o espozo.

Arací disse, e tirou da uiraçaba uma seta. Jandira ficou imovel, com os pulsos cruzados, como se ainda estivessem prezos:

—A vontade de Ubirajara atou os braços de Jandira; ella rejeita a liberdade dada por ti. Arací póde ser preferida, porém não será mais generosa do que a filha de Majé.

[61]

VI

O COMBATE NUPCIAL

Chegou o dia em que os noivos de Arací deviam disputar a posse da formosa virjem.

Era a hora em que o sol transpondo a crista da montanha estende pelo vale sua arassoia de ouro.

A grande nação tocantim cerca a vasta campina. No centro estão os anciãos, que formam o grande carbetto.

Em frente aparece Arací, a estrela do dia, que ha de ser o premio da constancia e fortaleza do mais destro guerreiro.

Jacamim acompanha a filha; nesse momento remoja com a lembrança do dia em que Itaquê a conquistou, lutando com os mais feros mancebos tocantins.

De um e outro lado seguem pela ordem da idade os moacaras. Cada um cerca-se da espoza, das servas e das filhas, que vieram para assistir ao combate.

É a unica das festas guerreiras, em que o rito de Tupan consente a presença das mulheres, porque se trata da sua gloria.

Contemplando o esforço heroico dos mais nobres guerreiros para conquistar a formozura de uma virjem, as outras virjens aprendem a prezar a castidade, e as espozas se ufanam de guardar a fé ao primeiro amor.

Itaquê, o grande chefe dos tocantins, preside ao combate^[42], orgulhozo pela valente nação que dirige, como pela formosa virjem

de que é pai.

Quando seus olhos admiram a multidão de guerreiros, servos do amor de Arací, que se preparam a disputar a espoza, o grande chefe ergue a fronte soberba como o velho ipê da floresta coroadado de flôres.

Os noivos distinguem-se dos outros guerreiros pelo bracelete de contas verdes, que o guerreiro cinje ao pulso da espoza, quando rompe a liga da virjindade.

Lá caminha Pirajá, o grande pescador, senhor dos peixes do rio, a quem obedece o manatí e o golfinho.

Junto delle ergue-se Uirassú, que tomou este nome do valente guerreiro dos ares, pelo ímpeto do assalto.

Vem depois Arariboia, a grande serpente das lagôas; Cauatá, o corredor das florestas; Corí, o altivo pinheiro; e tantos outros, ainda mancebos, e já guerreiros de fama.

Entre todos, porém, assoma Jurandir. Sua fronte passa por cima da cabeça dos outros guerreiros, como o sol quando se ergue entre as cristas da serra.

Os muzicos fizeram retroar os borés, anunciando o começo da festa; e os servos do amor se estenderam em linha pelo meio da campina.

Então os nhengaças levantaram o canto nupcial.

«A espoza é a alegria e a força do guerreiro. Ella acende em suas veias um fogo mais generoso que o do cauim, e prepara para seu corpo o repouzo da cabana.

«Por isso o primeiro desejo do mancebo, quando ganha nome de guerra é conquistar uma espoza.

«Não basta ser valente guerreiro para merecer a virjem formosa, filha de um grande chefe; é preciso a paciência para sofrer, e a perseverança no trabalho.

«Arací, a estrela do dia, filha de Itaquê, será a alegria e a glória do mais forte e do mais valente.

«Os filhos que ella gerar em seu seio, onde corre o sangue do grande chefe, serão os maiores guerreiros das nações.»

Itaquê deu sinal; o combate começou.

Pirajá foi o primeiro que saiu a campo, e clamou esgrimindo o tacape:

—Arací, estrela do dia, tu serás espoza do guerreiro Pirajá, que te vai conquistar pela força de seu braço.

Avançou Uirassú, e disse:

—A virjem formosa ama ao guerreiro Uirassú e ha de pertencer-lhe.

A noiva cantou:

«Arací ama o mais forte e mais valente. Ella pertencerá ao vencedor, que vencer a bravura dos outros guerreiros, como venceu a vontade da espoza.»

A voz mavioza da virjem afagou a esperança de todos os campeões; mas seus olhos ternos só viam o nobre semblante de Jurandir, o escolhido de sua alma.

Os dois guerreiros travaram a pugna; os tacapes girando nos ^[64]de encontravam-se como dois madeiros arrojados pelo remoinho da cachoeira.

Afinal Pirajá, ameaçado pelo bote do adversario, recuou um passo do lugar em que se postára. Pela lei do combate estava vencido, e teve de deixar o campo.

Arariboia tomou seu lugar; e o combate proseguiu com varia fortuna até Corí que, expelindo o vencedor, manteve-se firme contra todos que vieram disputal-o.

Faltava Jurandir. O estrangeiro avançou gravemente, como convinha a um grande guerreiro da nação araguaia.

Elle queria dar ao vencedor de tantos combates o tempo preciso para descansar.

A mão do guerreiro arrastava pelo chão o tacape, que desdenhava erguer para um combate sem gloria.

Quando Jurandir se achou em face do vencedor, levantou a voz e disse:

—Para merecer Arací, a estrela do dia, Jurandir queria vencer a cem guerreiros, e não combater um guerreiro fatigado.

«Tu empunhas um tacape; toma outro habituado a vencer; elle restituirá a teu braço a força que perdeu. Basta a Jurandir esta mão, para te arrebatat todas as tuas vitorias.»

Disse e arremessou a arma aos pés do adversario.

Corí, pensando que seu rival o atacava, desfechou-lhe o golpe. Mas Jurandir aparou-o na mão firme e arrebatando o tacape que o ameaçava arrancou o guerreiro do chão.

Assim o pinheiro que o tufão arrebatat, antes de partir o tronco, desprende a raiz da terra, onde nada o abalava.

Jurandir ficou só no campo. Mas todos os noivos se haviam ^[65]mostrado valentes guerreiros; talvez nas outras provas saíssem

vencedores.

Os muzicos tocaram os borés; e os jovens caçadores trouxeram para o meio do campo a figura da noiva.

Era um grosso tóro de madeira, no qual a mão destra de um pajé entalhára com o dente da cotia a cabeça de uma mulher.

Tres caçadores vergavam com o pezo da carga; e foram precisos dez para trazel-o desde a cabana do pajé até o campo, onde ficou semelhante á uma mulher sentada.

Na vespera o pajé burnira de novo com a folha da sambaiba o tóro de madeira, e o esfregára com a banha do teú, para que elle escorregasse da mão do caçador.

Depois os mancebos guerreiros espalharam pelo campo troncos de arvores cortadas com as ramas e as folhas, e fincaram cercas de estacas entre os barrancos da varzea que ia morrer á marjem do rio.

Itaquê deu sinal, e os guerreiros começaram a nova prova, mais difficil que a primeira.

Era preciso que o guerreiro á disparada levantasse do chão, sem parar, o tóro de madeira; e se defendesse dos rivais que o assaltavam para tomal-o.

Esse jogo era o emblema da agilidade e robustez que o mancebo devia possuir para disputar a espoza e protejel-a contra os que ouzassem dezejal-a.

Na primeira corrida foi Jurandir quem mais rapido chegou. Como o condor que rebatendo o vôo leva nas garras a tartaruga

adormecida, assim o veloz guerreiro suspendeu a figura da espoza e com ella arremessou-se pela campina.

Os outros o seguiam ardendo em ímpetos de roubar-lhe a preza. Na planície aberta seria vão intento, porque nenhum corria como o estrangeiro.

Mas Jurandir achava diante de si, para tolher-lhe o passo, as arvores derrubadas, os barrancos profundos e outros obstaculos de proposito acumulados.

Não hezitou, porém, o destemido mancebo. Salvou as corcovas, galgou as caixaras, e subiu pelos galhos que estrepavam o chão.

Uma vez os guerreiros se aproximaram tanto, que Jurandir sentiu nos cabelos o sopro da respiração ofegante. Em frente erguia-se a alta estacada.

Se tentasse subir carregado como estava, os guerreiros com certeza o alcançariam a tempo de arrancar-lhe a preza.

Então arremessou pelos ares o tóro de madeira, como se fosse o tacape de um joven caçador; e seguiu após.

Sempre vencedor dos assaltos dos rivais, Jurandir percorreu a vasta campina, e foi colocar a figura da espoza no meio do carbetto dos anciãos.

Ali era o termo da correria. O guerreiro que chegava a esse ponto com a sua carga, saía triunfante da prova.

Elle mostrava como arrebataria a espoza do meio dos inimigos,^[67] defenderia contra seus ataques até recolhê-la em um azilo seguro.

De todos os guerreiros só Corí e Uirassú conseguiram ganhar a prova; mas nenhum com a galhardia de Jurandir.

Corí por vezes foi alcançado, e só á confusão dos outros deveu escapar-se. Uirassú recuperou a preza já perdida, porque Pirajá, que a havia empolgado, falseou na corrida e tombou.

Os tres vencedores entraram de novo em campo para decidir entre si. O triunfo não se demorou. Jurandir o arrebatou, como o gavião arrebatava a preza que disputam duas serpes.

Soaram os borés; e ao som do canto de triunfo entoado pelos nhengaças, os chefes e os guerreiros saudaram o vencedor dos vencedores.

Quando voltou o silencio, Ogib, o grande pajé dos tocantins, estava em pé no meio do campo.

Junto delle uma das velhas mãis dos guerreiros segurava o camucim da constancia, que tinha o bojo pintado de vermelho.

O pajé disse:

—Não basta que o guerreiro seja forte e valente, para merecer a espoza.

«É preciso que tenha a constancia do varão, e não se perturbe com o sofrimento.

«É preciso que elle tenha a paciencia do tatú, e suporte sereno as mortificações das mulheres e as importunações das crianças.

«O guerreiro que não tem constancia e paciencia, depressa gasta suas forças.

«O rio que se derrama pela varzea, nunca verá suas marjens cobertas de grandes florestas.

«Assim é o guerreiro que não sabe sofrer, e derrama sua alma em lamentações.

«Nunca elle será pai de uma geração forte e glorioza, nem verá sua cabana povoar-se dos guerreiros de seu sangue.

«Se queres merecer a filha de Itaquê, mostra, Jurandir, que és varão ainda maior do que o famoso guerreiro que todos admiram.»

O grande pajé levantou o tampo do camucim, e descobriu uma abertura, bastante para caber o punho do mais robusto guerreiro.

Jurandir meteu a mão no vazo. O semblante sempre grave do guerreiro cobriu-se de um sorriso doce como a luz da alvorada; e seus olhos, mais contentes que dois saís, pouzaram no rosto de Arací.

O camucim da constancia continha um formigueiro de saúvas, que o pajé havia fechado ali na ultima lua.

Açuladas pela fome de tantos dias, as formigas vorazes se prepararam para dilacerar a primeira vitima que lhes caísse nas garras.

A dentada da saúva, que anda solta no campo, dóe como uma braza; quando são muitas e com fome, queimam como a fogueira.

Todas as vistas se fitaram no semblante do guerreiro, para espreitar-lhe o minimo gesto de sofrimento.

Mas Jurandir sorria; e seus labios ternos soltaram o canto do amor. De proposito o guerreiro adoçou a voz, para não parecer que disfarçava o gemido com o rumor do grito guerreiro.

Assim cantou elle:

«A dôr é que fortalece o varão, assim como o fogo é que enrijece o tronco da crauba, da qual o guerreiro fabrica o arco e o tacape.

«A jussara tem setas agudas: mas Arací, quando atravessa a floresta, colhe o côco de mel, embora a palmeira lhe espinhe a mão.

«O ferrão da saúva dóe mais do que o espinho da jussara; mas Jurandir acha o mel dos labios de Arací mais doce do que o côco da palmeira.

«Quando Jurandir era joven caçador, gostava de tirar a cotia da toca, embora o seu dente agudo lhe sarjasse a carne.

«O ferrão da saúva não dóe como o dente afiado; e Jurandir sabe que o pelo dourado da cotia, não é tão macio como o colo de Arací.

«Jurandir despreza a dôr. Seus olhos estão bebendo o sorrizo da virjem, mais suave que o leite do sapotí. Sua mão está sentindo o roçar dos cabelos da virjem formosa.»

Os anciãos deram sinal para concluir a prova da constancia; mas o guerreiro continuou seu canto de amor.

«A cumarí arde no labio do guerreiro; mas torna mais gostosa a carne do veado assada no moquem.

«O cauim queima a boca do guerreiro; mas derrama a alegria dentro da alma.

«A saúva arde como a cumarí e queima como o cauim; porém torna os beijos de Arací mais saborozos: e o amor de Jurandir espuma como o vinho generozo.

«Arací ha de sorrir de felicidade, quando o filho de seu guerreiro lhe rasgar o seio.

«Jurandir não tem corpo para sofrer, quando o sorrizo de Arací lhe enche a alma de amor.»

Foi preciso quebrar o camucim para que o guerreiro ^[70] pudesse retirar a mão, de inflamada que ficára.

O grande pajé esfregou na pele vermelha, o suco de uma herva delle conhecida; e logo desapareceu a inchação.

Faltava a ultima prova, chamada a prova da virjem.

As outras serviam para conhecer o valor, a destreza e robustez do guerreiro, assim como a força de seu amor.

Nesta era que a virjem podia mostrar seu agrado pelo vencedor ou livrar-se de um espozoz, que não soubera ganhar-lhe o afeto.

Os cantores disseram:

«Tupan deu azas á nambú para que ella escape ás garras do carcará.

«Tupan deu ligeireza á virjem, para que ella fuja do guerreiro que não quer por espozoz.

«Mas a nambú, quando ouve o canto do companheiro, espera que elle chegue para fabricar seu ninho.

«A virjem, quando a segue o guerreiro que ella prefere, pensa na cabana do espozoz, e corre de vagar para chegar depressa.»

Arací deixou a mãe, e avançou até o meio do campo.

O grande pajé colocou Jurandir na distancia de uma mussurana, que cinje dez vezes a cintura do guerreiro.

Estrela do dia lançou para as espadas as longas tranças negras⁷¹ que voaram ao sopro da briza.

Arqueou os braços mimozos, vestidos com franjas de penas, como as azas brilhantes do arirama; e quando soou o sinal, desferiu a corrida.

Jurandir seguiu-a. Elle conhecia a velocidade do pé gentil de Arací, que zombava do salto do jaguar.

Nem que podesse alcançá-la, o guerreiro o tentaria; depois de vencedor, queria dever a espoza ao amor della e não a seu esforço.

Disputaria Arací não só a todos os guerreiros das nações, como a todas as nações das florestas; só á vontade da propria virjem não a disputaria, pois a queria rendida, e não vencida.

Mas sua gloria mandava que elle, o chefe de uma grande nação, se mostrasse digno da formosa virjem, que o aceitasse por espozo.

Arací voava pela campina. Ás vezes trançava a corrida como o colibri que adeja de flôr em flôr, outras vezes fugia mais rapida do que a seta emplumada de seu arco.

Quando mostrou a todos que Jurandir não a alcançaria nunca, se ella quizesse fugir-lhe, reclinou a cabeça para esconder o rubor.

Jurandir abriu os braços e recebeu a espoza que se entregava a seu amor.

O guerreiro suspendeu a virjem formosa ao colo; e levou-a á cabana do amor que elle construira á margem do rio.

[72]

As ramas de jasmineiro e do craviri vestiam a cabana, e matizavam o chão de flôres.

Arací foi buscar a rêde nupcial, que ella tecera de penas de tucano e arara; e Jurandir conduziu os utensilios da cabana.

Então o estrangeiro sentou-se com a virjem no terreiro, e antes de passar a soleira da porta, revelou a Arací quem era o guerreiro que ella aceitára por espozo.

—Arací pertence ao grande chefe da nação araguaia. Ella teve a gloria de vencer ao maior guerreiro das florestas. Ella será mãe dos filhos de Ubirajara; e terá por servas as virgens mais belas, filhas dos chefes poderosos.

«A palmeira é formosa quando se cobre de flores e o vento ajita as suas folhas verdes, que murmuram; mais formosa, porém, é quando as flores se mudam em frutos, e ella se enfeita com seus cachos vermelhos.

«Arací também ficará mais formosa quando de seu sorriso saírem os frutos do amor, e quando o leite encher seus peitos mimozos, para que ella suspenda ao colo os filhos de Ubirajara.»

Arací ouviu as palavras do guerreiro, palpitante como a corça; e ornou a fronte do espozó com o cocar de plumas vermelhas, que tecera em segredo.

Depois, sentindo os olhos de Ubirajara que bebiam a sua formosura, ella vestiu o aimaará mais alvo do que a pena da garça.

A túnica de algodão entretecida de penas de beija-flor deca das espaldas até á curva da perna, cingida pela liga da virgindade.

Quando Arací passava entre os guerreiros que admiravam sua beleza, ella não corava, porque sua castidade a vestia, como a flor á sapucaia.

Mas agora em presença do guerreiro a quem ama e para quem ⁽⁷⁹⁾ guardou a sua virgindade, tem pejo, e esconde sua formosura ás vistas de Ubirajara.

—Os olhos do espozó são como o sol, disse o guerreiro: elles queimam a flor do corpo de Arací.

—Arací tem medo que os olhos do espozo não a achem digna de seu amor; e vestiu seus enfeites.

«Arací queria ser como a jurití, e ter no corpo uma penugem macia, que só a deixasse ver em sua formozura.

«Foi por isso que tua espoza se cobriu com o seu aimará. Os olhos de Ubirajara não lhe queimarão mais a flôr de seu corpo.

O guerreiro respondeu:

—A flôr do igapê é mais formosa quando abre e se tinje de vermelho aos beijos do sol, do que fechada em botão e coberta de folhas verdes.

Ubirajara tomou nos braços a espoza, e pôz o pé na soleira da porta.

Nesse momento soou um clamor; chegaram os guerreiros que vinham chamar o vencedor á presença de Itaquê.

O carbeto dos anciãos tinha decidido que o vencedor antes de receber a espoza, devia declarar quem era; pois fôra recebido como estrangeiro, e ninguém na taba o conhecia.

[74]

VII

A GUERRA

Itaquê esperava sentado na cabana, e cercado do carbeto dos anciãos.

Jurandir entrou; Arací ficou na porta, orgulhosa do espozo que a conquistára e da admiração que elle ia inspirar aos guerreiros da sua nação.

Itaquê falou:

—Quando o estrangeiro chegou á cabana de Itaquê, ninguém lhe perguntou quem era e donde vinha. O hospede é senhor.

«Mas agora o estrangeiro saiu vencedor do combate do cazamento e conquistou uma espoza na taba dos tocantins.

«É preciso que elle se faça conhecer; porque a filha de Itaquê, o pai da nação dos tocantins, jámais entrará como espoza na taba onde habite quem tenha ofendido a um só de seus guerreiros.»

O estrangeiro disse:

—Morubixaba, abarés, moacaras e guerreiros da valente nação tocanim, vós tendes presente o chefe dos chefes da grande nação araguaia.

«Eu sou Ubirajara, o senhor da lança; e o maior guerreiro depois do grande Camacan, cujo sangue me gerou. Se quereis saber porque tomei este nome, ouvi a minha maranduba de guerra.»

Ubirajara contou o seu encontro com Pojucan; o combate em que o venceu, e a festa do triunfo, até o momento em que deixou a taba dos araguaiaias. 551

Terminou dizendo que no seguinte sol partiria, para assistir ao combate da morte, como prometera ao prisioneiro.

Ninguém interrompeu a maranduba de guerra. Ubirajara ouviu um gemido; mas não soube que rompera do seio de Arací.

Itaquê arquejou como o rio ao pezo da borrasca.

—Tu és Ubirajara, senhor da lança. Eu sou Itaquê, pai de Pojucan. Tenho em face o matador de meu filho; mas elle é meu hospede!

«Chefe dos araguaiaias, tu és um joven guerreiro; pergunta a Camacan que te gerou, qual deve ser a dôr do pai, que não pôde vingar a morte do filho.»

O grande chefe vergou a cabeça ao peito, como o cedro altaneiro batido pelo tufão.

Pojucan tinha sua taba mais lonje, na outra marjem do rio. Elle partira na ultima lua para rastejar a marcha dos tapuias; e voltava senhor do caminho da guerra quando encontrou Ubirajara.

Seu pai e os guerreiros de sua taba pensavam que elle buscava na floresta o caminho da guerra. Mal sabiam que a essa hora esperava prisioneiro na taba dos araguaiaias o combate da morte.

Anciãos e guerreiros emudeceram. Todos respeitavam a dôr do pai, e não ouzavam perturba-la.

Jacamim, a mãe de Pojucan, aproximára-se. O grande chefe ouviu seu gemido.

—A espoza de Itaquê não chora na presença do matador de seu filho.

Á voz do espozo, a mãe teve força para esconder no seio sua tristeza, e mostrar-se digna do grande chefe dos tocantins.

Ubirajara falou:

—A vingança é a gloria do guerreiro; Tupan a deu aos valentes.^[76] Ubirajara venceu Pojucan em combate leal, e aceita o dezafo de Itaquê e de todos os chefes tocantins.

—Tu és meu hospede; enquanto Itaquê brandir o grande arco da nação tocantim, ninguém ofenderá o amigo de Tupan na taba de seus guerreiros.

Dizendo assim, o grande chefe ergueu-se e trocou com o estrangeiro a fumaça da despedida.

—Parte. O sol que viu o estrangeiro na cabana hospedeira o acompanhará amigo; mas com a sombra da noite, mil guerreiros, mais velozes que o nandú, partirão para levar-te a morte.

Ubirajara tomou suas armas e disse:

—O hospede vai deixar tua cabana, chefe dos tocantins; tu verás chegar o guerreiro inimigo.

Itaquê seguiu o estrangeiro até o terreiro; em torno delle se reuniram os abarês, os moacaras e os guerreiros para assistirem á partida.

Ubirajara caminhou com o passo lento e grave até o fim da taba.

Chegado ali, tornou rapido á entrada da cabana, e retrocedeu apagando no chão o vestijio de seus passos.

A nação tocantim o observava imóvel.

Por fim o estrangeiro postou-se no centro da ocará e com o formidável tacape vibrou no largo escudo um golpe que repercutiu pela taba como o estrondo da montanha.

—O hospede passou o lumiar da cabana que o tinha acolhido⁵⁷⁷ e apagou seu rasto na taba dos tocantins.

«Quem está aqui é um guerreiro armado, que piza senhor a taba de seus inimigos.

«Itaquê, morubixaba dos tocantins, Ubirajara, o senhor da lança, grande chefe dos araguaiaias, te envia a guerra na ponta de sua seta.»

Quando o guerreiro acabou de proferir estas palavras, Itaquê levantou os olhos e viu cravada na figura do tucano, que era o simbolo da nação, a seta de Ubirajara.

Mil arcos se ergueram, mil tacapes brandiram. A voz possante de Itaquê abateu as armas de seus guerreiros.

Disse o morubixaba:

—A lei de hospitalidade é sagrada. A cólera do estrangeiro não deve perturbar a serenidade do varão tocanim.

Depois voltou-se para o inimigo:

—Ubirajara, grande chefe dos araguaiaias: Itaquê, o pai da poderosa nação tocanim aceita a guerra que tu lhe enviaste. Recebe em teu escudo o penhor do combate.

A corda do grande arco da nação tocanim brandiu, e a seta de Itaquê mordeu o escudo de Ubirajara.

—Vai buscar teus guerreiros e nós combateremos á frente das nações.

—Ubirajara combaterá até que lhe restituas a espoza; assim como elle a conquistou a seus rivais, saberá conquistá-la a ti e á tua nação.

O chefe araguaia partiu. No seio da floresta encontrou Arací que o esperava.

A formosa virjem fôra á cabana do cazamento buscar a rêde nupcial e preparar-se para acompanhar o espozo.

—Ubirajara parte; mas antes de cinco sóes elle estará aqui para⁷⁸ conquistar á tua nação.

—A espoza te acompanha. Teu braço valente já a conquistou; e ella entregou-se a seu senhor. Arací te pertence; deves leval-a.

A virjem tocantim dezejava seguir Ubirajara á taba dos araguaiaes. Falava em sua alma a ternura da espoza e da irmã.

Partindo, ella unia-se para sempre a seu guerreiro, e esperava que o amor o moveria a salvar Pojucan.

Ubirajara pensou e disse:

—Se Ubirajara tivesse rompido a liga de Arací, ella era sua espoza, e ninguem a arrebataria de seus braços. Mas a virjem tocantim não póde abandonar a cabana onde nasceu sem a vontade de seu pai.

Arací suspirou:

—Ubirajara vai deixar a lembrança de Arací nos campos dos tocantins. Jandira o espera na taba dos araguaiaes, e lhe guarda o seu sorriso de mel.

—A luz de teus olhos, Arací, estrela do dia, foi buscar Ubirajara na taba dos seus, onde resoavam os cantos de seu triunfo, e o trouxe á tua cabana.

«Quando elle partiu encontrou Jandira, e para que a filha de Majé não o acompanhasse a deu a Pojucan, como espoza do tumulo.»

—O goaná do lago vòa lonje, para banhar-se nas aguas da chuva que alagaram a varzea; mas logo volta ao seu ninho, e não se lembra mais da moita onde dormiu.

—Ubirajara é um guerreiro; elle não aprende com o goaná do lago, que foje do perigo, mas com o gavião, grande chefe dos guerreiros do ar, que nunca mais abandona o rochedo onde assentou a sua oca.

—Se Ubirajara amasse a espoza, tambem não a abandonaria.[79] Os braços de Arací já cinjiram o colo de seu guerreiro. O tronco não desprende de si a baunilha que se entrelaçou em seus galhos.

Ubirajara calcou a mão sobre a cabeça de Arací:

—Itaquê respeitou a lei de hospitalidade no corpo de Ubirajara, Ubirajara não deixará a traição na terra hospedeira.

«Arací não deve querer para espozo um guerreiro menos generoso do que seu pai.»

A virjem emudeceu. Ella sabia que a honra é a primeira lei do guerreiro.

Antes de partir, o chefe consolou a espoza:

—Ubirajara vai pedir ao gavião suas azas para voltar ao seio de Arací. Elle virá á frente de sua nação, conduzido pela luz de teus olhos.

«As outras mulheres são o premio de um combate entre os servos de seu amor. Arací terá essa gloria, que ella será o premio da maior guerra que já viram as florestas.»

O chefe araguaia pôz as mãos nos hombros de Arací; duas vezes uniu o seu ao rosto della, por uma e outra face, para exprimir que

nada os podia separar.

Quando o guerreiro desapareceu na floresta, Arací caminhou para a cabana do espozó, que ficára triste e solitária.

A virgem fechou a porta; sentou-se na soleira, e cantou sua tristeza.

Dois sóes tinham passado, e viera a noite. [80]

A última estrela se apagava no céu, quando Ubirajara pizou os campos dos araguaia.

Sua mão robusta, vibrando a clava, feriu o trocano. A voz da nação araguaia derramou-se ao longe pelo vale, como o estrondo da montanha que arrebenta.

Com o primeiro raio do sol que subia o pincaro da serra, chegaram á grande taba os chefes das cem tabas araguaia, com todos seus guerreiros, convocados á oara da nação.

Ubirajara mandou que Pojucan, o prizioneiro, viesse á sua presença:

—Vê o mar dos meus guerreiros que enche a terra, como as águas do grande rio quando alaga a varzea. Eles esperam o aceno de Ubirajara para inundarem teus campos.

«A nação tocantim carece neste momento do braço de seus maiores guerreiros; vai levar-lhe o socorro de teu valor, para que se aumente a glória de Ubirajara, seu vencedor.

«Tu és livre, Pojucan; parte e vôa, que a guerra dos araguaia te segue os passos.»

O semblante do filho de Itaquê ficou sombrio:

—Pojucan é um chefe ilustre; não merece esta dezhonra. Tu lhe prometeste a morte dos bravos. Elle exige o combate.

O chefe araguaia contou a maranduba da hospitalidade:

—Ubirajara não sabia que Pojucan era filho de Itaquê; pois elle nunca pizaria como hospede a cabana de um guerreiro, a quem tivesse decepado um filho. É preciso que recuperes a liberdade para que não se diga que Ubirajara surpreendeu a hospitalidade do grande chefe dos tocantins.

Pojucan não respondeu. Elle reconhecera que a honra de seu vencedor exigia sua volta á taba dos seus.

—Parte. Nós combateremos á frente das nações. Ubirajara pertence a Itaquê; mas depois d'elle terás a gloria de ser vencido outra vez por este braço.

—Ubirajara é um grande chefe e maior guerreiro. Se Tupan não consente que Pojucan seja vencedor, elle não quer maior gloria do que a de morrer combatendo Ubirajara.

Pojucan foi á cabana de seu vencedor buscar as armas. Ubirajara arrimou-se ao tacape, como o rochedo que se apoia ao tronco do ipê, e meditou.

Quando passou o chefe tocanim que voltava á sua taba, Ubirajara levantou a cabeça e disse:

—Os olhos de Ubirajara te acompanham; tu és irmão de Arací, e vais para junto della. Dize á estrela do dia, que seu espozó está com ella.

O conselho dos abarés se reunira para meditar sobre a guerra. O velho Majé, a quem irritava o desaparecimento da filha, reparou que sem o voto do carbeto se convocasse a nação.

Veiu um mensageiro chamar o grande chefe para o carbeto. Ubirajara chegou. Antes que falasse a voz dos anciãos, o guerreiro levantou o arco e disse:

—O conselho dos anciãos governa a taba, e medita nella coizas da paz. Toda a nação respeita sua prudencia e sabedoria.

«Mas enquanto Ubirajara brandir o grande arco dos araguaiaes, tem a guerra fechada em sua mão.

«Quando elle soltar o grito de combate, a voz que falar da paz emudecerá para sempre, ainda que venha da cabeça do abaré que a lua já embranqueceu.

«Quem não quizer assim, venha arrancar da mão de Ubirajara ^[82]este arco que elle conquistou por seu valor.»

Os abarés estremeceram. Mas o carbeto meditou, e decidiu que a maior gloria e sabedoria da nação era ter o seu grande arco de guerra na mão de um chefe como Ubirajara.

Camacan tratou com os anciãos ácerca da defeza das tabas; e o grande chefe abriu o caminho da guerra.

Quando Ubirajara desdobrou sua guerra pela marjem do grande rio, elle viu que uma nação tapuia se preparava para assaltar a taba dos tocantins.

O grande chefe tocou a inubia, cuja voz chamava o joven Murinhem, primeiro dos cantores araguaiaes.

Correu o nhengaçára á presença do grande chefe, e delle recebeu a mensajem que devia levar ao campo inimigo.

Os cantores eram respeitados por todas as nações das florestas, como os filhos da alegria; pelo que serviam de mensageiros entre as nações em guerra.

Elles penetravam no campo inimigo, entoando o seu canto de paz; e nenhum guerreiro ousava ofender aquelle a quem Tupan concedera a fonte da alegria.

Murinhem atravessou rapido a campina e apresentou-se em frente de Canicran, chefe dos tapuias.

—Ubirajara, o senhor da lança, que empunha o arco da poderosa nação araguaia, te manda, a ti quem quer que sejas, e a todos^[83] quantos te obedecem, a sua vontade.

O tapuia rujiu; mas seus olhos viam o mar dos guerreiros araguaias que o cercava, e na frente o grande vulto de Ubirajara, semelhante ao rochedo sombrio e imovel no meio dos borbotões da cachoeira.

Os guerreiros de Canicran só conhecem a vontade do seu chefe; e Canicran afronta a cólera de Tupan e das nações que elle gerou. Dize, mensageiro, o que pede Ubirajara, ao grande chefe dos tapuias.

—Ubirajara te manda que encostes o tacape da guerra. A nação tocantim aceitou a sua flecha de desafio, e elle não consente que ninguem combata seu inimigo, antes de o ter vencido.

—Torna e dize ao grande chefe araguaia, que Canicran veio trazido pela vingança. Pojucan, um dos chefes tocantins penetrou em sua taba e incendiou a cabana do pajé, que foi devorado pelas chamas.

«Ubirajara é um grande chefe araguaia; elle que diga se o pai da nação póde sofrer tão dura afronta. Canicran escuta a voz de sua amizade.»

O chefe tapuia tomou uma de suas flechas; arrancou o farpão e deu ao mensajeiro a haste emplumada com azas negras do anun, que era o emblema guerreiro de sua nação.

—Toma; entrega ao grande chefe araguaia o penhor da aliança.

Murinhem partiu e foi á taba dos tocantins levar igual mensajem. Itaquê escutou o que lhe mandava Ubirajara e respondeu:

—Antes que Itaquê trocasse com Ubirajara a seta do dezafio, Pojucan tinha levado a guerra á taba dos tapuias.

«Canicran veio trazido pela vingança; e a nação tocanim não pôde recusar o combate. Mas Itaquê sabe honrar seu nome; se Ubirajara quer, elle combaterá juntamente os dois inimigos.»

O mensajeiro tornou ao campo dos araguaias com as respostas dos dois chefes. Ubirajara ouviu e meditou.

—Escuta a vontade de Ubirajara para leval-a aos inimigos. O grande chefe araguaia não roubará a Canicran a gloria da vingança; elle respeita a honra da nação tapuia, mas rejeita sua aliança. Restitue o penhor que recebeste.

«Itaquê póde aceitar o combate que Pojucan foi buscar; Ubirajara não ofende o nome de um guerreiro, ainda mais de um morubixaba, e do pai de Arací.

«O chefe dos araguaias não carece de auxilio para triunfar de seus inimigos: dezeja que a nação tocanim derrote aos tapuias, para ter elle a gloria de vencer ao vencedor.

«Se Itaquê não póde repelir os tapuias, Ubirajara toma a si castigar os barbaros; e depois de varrel-os das florestas, combaterão as duas nações.

«Se os tocanins necessitam de aliados para rezistir ao ímpeto dos araguaias, Ubirajara espera que Itaquê os chame e que elles venham.

«Murinhem falará assim a um e outro chefe; a ambos dirá que a cabana onde estiver Arací fica sob a guarda de Ubirajara; quem nella penetrar como inimigo, sofrerá a morte vil do cobarde.»

O guerreiro deixou a voz do chefe e falou com a voz de espozo:

—A Arací levarás o canto de amor de Ubirajara. Tu lhe dirás que arme a rêde nupcial, e não deixe nossa cabana, enquanto Ubirajara não a fôr buscar.

«Conta-lhe tambem que o canitar que ella teceu, ainda não deixou a cabeça de seu guerreiro e ha de acompanhál-o sempre.»

[85]

VIII

A BATALHA

A um lado da imensa campina move-se a multidão dos guerreiros tocantins, do outro lado a multidão dos guerreiros tapuias.

As duas nações se estendem como dois lagos formados pelas grandes chuvas, que se transformam em rios e atravessam o vale.

De um e outro campo levantou-se a pocema guerreira; e os dois povos arremetendo travaram a batalha.

Itaquê achou-se em frente de Canicran. Ambos se buscavam; dez vezes tinham combatido; vencedores ambos, nenhum fôra vencido.

Emquanto viverem os formidáveis guerreiros, não é possível quebrar a flecha da paz entre as duas nações.

Era preciso que um delles morresse, para que o vencedor encostasse o tacape do combate, e dêsse repouzo á sua nação para reparar os estragos da guerra.

Quando os dois chefes se encontraram, os guerreiros de um e outro campo ficaram imoveis, contemplando o pavoroso combate.

Ubirajara, de lonje, apoiado em seu grande arco, admirava os dois guerreiros, e pensava qual não seria o seu orgulho em vencel-os a ambos.

Durára a peleja o espaço de uma sombra. Em torno dos chefes^[86] lastravam o chão os tacapes e escudos que se tinham espedaçado aos golpes de cada um.

Imoveis no mesmo lugar, só ajitavam a cabeça e os braços, semelhantes a dois condores que, de garras prezas aos pincaros do rochedo, se dilaceram com o bico adunco.

Um ruído espantoso atroou pela campina, que estremeceu a batalha e rolou pelas profundezas da floresta.

Paan, a seta, era o ultimo filho de Canicran. Ainda corumim, pelejava ao lado do irmão, o guerreiro Creban, cujo hombro mal alcançava com o braço.

Elle tinha nos olhos a vista da gaivota, e nas setas de seu arco, feitas de espinhos de ouriço, a velocidade e a certeza do vôo do guanumbí.

Quando caçava na floresta, divertia-se em matar as motuças traspassando-as com suas flechas, que voavam mais rapidas e certeiras que as vespas venenosas.

Paan saltára sobre os hombros do guerreiro Creban para assistir ao combate. Admirando o valor de Canicran, teve orgulho e inveja do pai.

Itaquê desfechára tão formidavel golpe, que o tacape e escudo de Canicran se espedaçaram em suas mãos, deixando-o á mercê do inimigo.

O chefe tocantim arrojou-se, e já sua mão decia sobre a espadua do tapuia para fazel-o prizioneiro.

O arco de Paan sibilou duas vezes. Os olhos de Itaquê, os olhos do varão forte que nunca humedecera uma lagrima, choraram sangue.

As setas do corumim tinham vazado as pupilas do fero guerreiro cuja vista era raio. Assim a jandaia rôe o grelo do procero coqueiro.

Foi então que Itaquê soltou o ruído pavoroso que fez tremer a terra. Mas o grito de espanto sossobrou no peito dos guerreiros^[87] e rompeu em um grito de horror.

Itaquê estendera os braços, hirtos como duas garras de condor.

A mão direita abarcou o penacho e a cabeleira de Canicran, a esquerda entrou pela boca do tapuia e travou-lhe o queixo.

Separaram-se os braços do guerreiro cego, e a cabeça de Canicran abriu-se como um côco que se fende pelo meio.

Ajitando no ar o crâneo sangrento como um maracá de guerra, Itaquê arrojou-se contra os inimigos, buscando a morte que lhe fugia.

Quando o sol entrou, não havia na campina a sombra de um tapuia.

O velho herói voltou á cabana conduzido por Pojucan:

—Tupan viu que Itaquê não podia ser vencido pela mão dos homens, e quiz vencel-o elle mesmo pela mão de um menino.

Quando Ubirajara viu o exito do combate, lamentou que dos dois grandes guerreiros não restasse nenhum, para que elle o vencesse.

Seus olhos descobriram Paan que fugia no meio dos destroços de sua nação. Ergueu a mão, mas não chegou a retezar a seta.

A aguia não persegue a andorinha. Era indigno de um guerreiro, quanto mais de um chefe, empregar seu valor contra um menino.

O chefe chamou á sua presença Tubim, um dos jovens caçadores^[88] que tinham acompanhado a guerra para prover o alimento.

—Tubim tem as azas da abelha; se elle alcançar o corumim tapuia que eu estou olhando, Ubirajara lhe dará o nome de Abeguar.

O joven caçador seguiu o olhar do chefe, e sumiu-se num turbilhão de poeira. Quando os vagalumes começaram a luzir no escuro da mata, elle estava de volta no campo dos araguaiaes e trazia o corumim fechado nos braços.

Nessa mesma noite Tubim recebeu o nome de Abeguar, senhor do vôo, em honra da façanha que tinha realizado.

Os cantores entoaram seu louvor; e o joven caçador teve a gloria de receber os aplauzos dos moacaras de sua nação, e de um chefe como Ubirajara.

Ao raiar da manhã, Murinhem foi á taba dos tocantins, acompanhado por vinte guerreiros que conduziam o corumim.

Quando chegou em frente á cabana do grande chefe, o cantor viu Itaquê no terreiro sentado em uma sapopema.

O guerreiro fitava os olhos no céu, onde o calor lhe dizia que estava o sol. Mas não encontrava a luz que para sempre o abandonára.

Então o velho guerreiro abaixava os olhos para terra, como se buscasse o logar do repouzo.

Quando soaram lonje os passos dos estrangeiros, o chefe alongou a fronte para ver pelo ouvido o que os olhos lhe recuzavam.

Murinhem chegou e disse:

—Ubirajara envia a Itaquê o resto da vingança. Este é Paan, o filho de Canicran. Elle te roubou a vista; mas não salvou o pai de tua mão terrivel. Faze do corumim tapuia um mancebo tocantim; e elle se^[89] a luz de teus olhos e caminhará na frente do grande chefe para abrir-lhe o caminho da guerra.

Paan avançou:

—O filho de Canicran jámais será escravo; nasceu tapuia e tapuia morrerá, como o grande chefe que o gerou. Enquanto o ouriço viver nas florestas, elle roubará seus espinhos para furar os olhos dos tucanos.

Itaquê pouzou a palma da mão na cabeça do menino:

—O corumim que ama seu pai é filho de Itaquê. Tu és livre, Paan; vai caçar o ouriço. Quando fôres um guerreiro, acharás cem mancebos do sangue de Itaquê para castigarem tua audacia.

O chefe voltou-se para o cantor:

—Tupan tirou a luz dos olhos de Itaquê; mas aumentou a força de seu braço. Ubirajara terá para combater-o um inimigo digno de seu valor.

Murinhem tornou ao chefe araguaia com esta resposta.

Quando partia o cantor, chegaram á cabana de Itaquê os abarés da nação tocantim.

Os anciãos sentaram-se em torno do guerreiro cégo; e bebendo a fumaça da sabedoria, formaram o carбето.

Falou Guaribú:

—O grande arco da nação carece de uma mão robusta para brandir sua corda, e de um olho seguro para dirigir sua seta. Itaquê é o maior guerreiro das florestas; seu nome faz tremer aos mais valentes [103] inimigos; seu braço fere como o raio. Mas a luz fugiu de seus olhos e elle não póde mais abrir o caminho da guerra.

O velho chefe ergueu-se com o passo trôpego. Alcançando o grande arco dos tocantins abraçou-se com elle e falou-lhe.

—Quando Itaquê te recebeu da mão do grande Javarí elle pensava que só a morte o separaria de ti, para transmitir-te a um guerreiro de seu sangue. Mas Itaquê ficou na terra, como um tronco levado pela corrente, que não sabe onde vai.

Um esguicho de sangue saltou dos buracos, onde o velho tivera os olhos. Era a lagrima que a desgraça lhe deixára.

Os abarés meditaram. Guaribú falou de novo:

—O grande arco da nação que tu recebeste do grande Javarí, teu pai, não te abandonará. Elle fica em tua mão invencível; haverá outro arco na mão do mais valente guerreiro, que abrirá o caminho da guerra. Mas enquanto Itaquê viver, sua voz governará a nação que elle defendeu com seu braço.

O semblante do velho chefe cobriu-se de um sorriso como o negro rochedo sobre o qual desliza um raio do luar.

—Pais da sabedoria, abarés, olhai aquelle jatobá que se levanta no meio da campina, e que eu só posso ver agora na sombra de minha alma.

«Elle tem muitas raizes que o sustentam nos ares; tem muitos galhos que o cercam e estendem ao lonje a sua rama. Mas o tronco é um só.

«As grossas raizes são os abarés que sustentam o chefe com o seu conselho. Os galhos fortes são os moacaras que cercam o chefe e geram a multidão de guerreiros mais numeroza que as folhas das arvores. O tronco é o chefe da nação; se elle se dividir, o jatobá não subirá ás nuvens nem terá forças para rezistir ao tufão.

«O logar de Itaquê é no conselho. O ultimo dente de seu colar de guerra foi o que elle arrancou da boca de Canicran. Convocai os

guerreiros, e o que fôr mais forte e mais valente empunhe o grande arco da nação.

O trocano chamou a nação ao carbeto. Vieram os moacaras, conduzindo suas tribus.

O velho Itaquê contava pelos passos os guerreiros que chegavam. O grande arco da nação, que elle segurava direito, parecia um dos esteios da cabana, e tinha a corda tão grossa como a da rêde do chefe.

Os mais famosos guerreiros tocantins se apresentaram para disputar o grande arco; muitos conseguiram vergal-o; mas a seta não partiu.

Itaquê escutava com o ouvido atento: o som d'elle conhecido não feriu os ares.

—Onde está Pojucan? perguntou o velho chefe.

O valente guerreiro do sangue de Itaquê estava de parte, grave e taciturno. Algum motivo o separava do arco chefe, que elle devia ser o primeiro a disputar.

—Teu filho te escuta, respondeu.

—Empunha o arco chefe; se ha um guerreiro tocantim que possa conquistal-o esse deve ser do sangue de Itaquê.

Pojucan recebeu o arco. Fincando nelle os pés, o guerreiro arrojou-se para traz como a giboia quando se enrista para armar o bote.

A seta partiu, e foi cravar a cabeça de um chefe tapuia, fincada na estaca, á entrada da taba.

Itaquê curvára a cabeça. Elle ouviu brandir a arma; não era, porém, aquelle o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão

possante.

Pojucan depôz o arco chefe aos pés de Itaquê e disse:

—Pojucan mostrou que em suas veias corre o sangue generoso ^[92] de Itaquê. Mas o grande arco peza em sua mão. Só ha um guerreiro na terra que o possa brandir como Itaquê: e esse não cinje a fronte com o cocar das penas de tucano.

—Pojucan negou a Itaquê esta ultima consolação. O arco invencível do grande Tocantim que foi o pai da nação, vai sair de sua geração. Tocantim o transmitiu a seu filho Javari, que me gerou; mas eu não sube gerar com seu sangue um guerreiro digno delles.

IX

UNIÃO DOS ARCOS

Os tapuias voltaram; e com elles vinha Agniná á frente de sua nação, para vingar a morte de Canicran, seu irmão.

Era grande a multidão dos guerreiros; e maior a tornavam a sanha da vingança e a fama do chefe que a conduzia.

Não eram tantos os tocantins; mas bastaria seu valor para igualal-os, se não lhes faltasse a cabeça, que reje o corpo.

A poderosa nação estava como o bando de caitetús que perdeu o pai, e desgarra-se pela floresta, correndo sem rumo.

Os mais valentes moacaras, chefes das tribus, esperavam pelo grande chefe da nação para abrir-lhes o caminho da guerra.

Os abarés meditaram. Elles não podiam inventar um guerreiro capaz de succeder a Itaquê; mas não se rezignavam a abater a gloria da nação, trocando o arco invencivel do grande Tocantim por outro arco mais leve, que Pojucan manejasse.

Tambem Pojucan annunciára, que não podendo brandir o arco de Itaquê, jámais empunharia outro arco chefe, menos gloriozo do que o do grande Tocantim.

Abarés, chefes, moacaras, guerreiros, toda a nação se reuniu em torno do heróe cégo.

Daquelle que durante tantas luas defendera a nação com a força de seu braço, e a protejera com o terror de seu nome, esperavam ainda a salvação.

O velho ouviu a voz dos abarés, a voz dos chefes, a voz dos moacaras, a voz dos guerreiros, e disse:

—Itaquê ainda póde combater e morrer por sua nação; mas sem a luz do céu, elle não póde mais abrir a seus filhos o caminho da vitoria.

«O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim; quer ella ser defendida agora pela palavra daquelle, que não tem mais para dar-lhe senão a experiencia de sua velhice?»

«Pensem os abarés, os chefes, os moacaras e os guerreiros.»

Guaribú respondeu:

—A nação pensou. Fala e todos obedecerão á tua palavra, como obedeciam ao braço de Itaquê.

—A voz do coração diz ao neto de Tocantim, que a gloria da nação que elle gerou, não se póde extinguir. O sangue de Itaquê, passando pelo seio de Arací, se unirá a outro sangue generoso para brotar maior e mais illustre.

«Assim a terra onde nasceu uma floresta de acajás recebe o limo do rio e gera nova floresta mais frondoza que a outra.

«Jacamim, chama Arací, a filha de nossa velhice. E vós, abarés, chefes, moacaras e guerreiros, seguí-me.»

O velho heróe atravessou a taba guiado por Arací.

A nação o seguia em silencio.

Quando o guerreiro cégo passava com a mão no hombro da virjem formosa que dirijia o seu passo incerto, os guerreiros lembravam-se do tronco já morto que a rama do maracujá ainda sustenta de pé junto ao penedo.

Os cantores iam adiante, e entoavam um canto de paz.

Um mensajeiro de Itaquê o precedera no campo dos araguaias.

Ubirajara, cercado de seus abarés, chefes, moacaras e guerreiros, veio ao encontro do morubixaba dos tocantins.

A alma do grande chefe araguaia encheu-se da alegria de ver Arací; mas elle retirou os olhos da espoza, para que o amor não perturbasse a serenidade do varão.

—Ubirajara está em face de Itaquê; para combatel-o se trouxe a guerra, para abraçal-o se trouxe a paz.

—Nunca Itaquê pediu a paz ao inimigo que lhe trouxe a guerra, antes de o vencer; nem teria vivido tanto para cometer essa fraqueza. Elle vem trazer-te a vitoria para que tu a repartas com seu povo.

O velho heróe avançou o passo: [95]

—Chefe dos araguaias, tu levaste a guerra á taba dos tocantins para conquistar Arací, a filha de minha velhice.

«Por teu heroismo, e ainda mais pela nobreza com que restituiste a liberdade a Pojucan, tu merecias uma espoza do sangue tocantim.

«Mas desde que tu ameaçaste tomal-a pela força de teu braço, Itaquê não podia mais conceder-te a filha de sua velhice, senão depois que abatesse teu orgulho.

«Elle preparava-se para te combater, e á tua nação; mas fujiu-lhe dos olhos a luz que dirige a seta da guerra; e não ha entre seus guerreiros um que possa brandir o arco do grande Tocantim.»

Quando pronunciou estas palavras, a voz do velho guerreiro sossobrou-lhe no peito:

—O arco de Itaquê é como o gavião que perdeu as azas e não póde mais levar a morte ao inimigo. As andorinhas zombam de suas garras.

«Empunha o arco de Itaquê, chefe dos araguaiaias, e tu conquistarás por teu heroísmo uma espoza e uma nação.

«Á espoza farás mãi de cem guerreiros como Itaquê; e á nação conservarás a gloria que ella conquistou quando o filho de Javari a conduzia á guerra.

«Tupan dará a teu braço esta força para que o sangue de Itaquê brote mais vigoroso e os netos de Tocantim dominem as florestas.»

Ubirajara sorriu:

—Chefe dos tocantins, teus olhos não podem ver o grande arco da nação araguaia; mas pergunta á tua mão, se o arco que Camacan brandia invencivel e agora empunha Ubirajara, cede ao arco de Itaquê.

O velho heróe palpou o arco chefe dos araguaiaias e vergou-lhe a ponta ao hombro, como se a haste fosse de taquari.

Ubirajara travou do arco de Itaquê e desdenhando fincal-o no chão, elevou-o acima da fronte. A flecha ornada de penas de tucano partiu.

O semblante de Itaquê remoçou, ouvindo o zunido que lhe recordava o tempo de seu vigor. Era assim que elle brandia o arco outr'ora, quando as luas creciam aumentando a força de seu braço.

O velho inclinou a fronte para escutar o sibilo de sua flecha que talhava o azul do céu. Os cantores não tinham para elle mais doce

harmonia do que essa.

Ubirajara largou o arco de Itaquê para tomar o arco de Camacan. A flecha araguaia também partiu e foi atravessar nos ares a outra que tornava à terra.

As duas setas deceram trespassadas uma pela outra como os braços do guerreiro quando se cruzam ao peito para exprimir a amizade.

Ubirajara apanhou-as no ar:

—Este é o emblema da união. Ubirajara fará a nação tocantim tão poderosa como a nação araguaia. Ambas serão irmãs na glória e formarão uma só, que ha de ser a grande nação de Ubirajara, senhora dos rios, montes e florestas.

O chefe dos chefes ordenou que tres guerreiros araguias e tres guerreiros tocantins, ligassem com o fio do crautá as hastes dos dois arcos.

Quando o arco de Camacan e o arco de Itaquê não fizeram mais que um, Ubirajara o empunhou na mão possante e mostrou-o às nações:

—Abarés, chefes, moacaras e guerreiros de minhas nações, aqui está o arco de Ubirajara, o chefe dos grandes chefes. Suas flechas são gêmeas, como as duas nações, e voam juntas.

Ambas as cordas brandiram a um tempo. A seta araguaia e a seta tocantim partiram de novo como duas aguias que par a par remontam às nuvens.

Quando se calou a pocema do triunfo, Ubirajara caminhou para a filha de Itaquê:

—Arací, estrela do dia, tu pertences a Ubirajara que te conquistou pela força de seu braço. Agora que é senhor, ele espera tua vontade.

A formosa virjem rompeu a liga vermelha que lhe cinjia a perna, e atou-a ao pulso de seu guerreiro.

Ubirajara tomou a espoza aos ombros e levou-a á cabana do casamento.

O jasmineiro semeava de flôres perfumadas a rêde do amor.

O outro sol rompia, quando os tapuias estenderam pela campina a multidão de seus guerreiros.

Na frente assomava Agniná, a montanha dos guerreiros, ainda mais feroz do que o irmão, o terrível Canicran.

De um lado e do outro seguiam-se os chefes, cada um á frente de seus guerreiros.

Ubirajara escolheu mil guerreiros araguaias e mil guerreiros tocantins, com que saiu ao encontro dos tapuias.

Depois que desdobrou sua batalha pela campina, o chefe dos chefes caminhou só para o inimigo.

Quando chegava a meio do campo, os tapuias levantaram a pocema de guerra, que atroou os ares, como o estrépito da cachoeira.

Um turbilhão de setas crivou o longo escudo do heróe, que ficou semelhante ao grosso tronco da jussára, erriçado de espinhos.

Ubirajara abraçou o escudo na altura do hombro, e com o pé brandiu sete vezes a corda do grande arco gemeo.

As setas vermelhas e amarelas subiram direitas ao céu e se perderam nas nuvens.

Quando voltaram, Agniná e os chefes que obedeciam a seu arco, tinham cada um fincado na cabeça o dezafo do formidável guerreiro.

Enfurecidos mais pelo insulto, do que pela dôr, arremessaram-se contra o inimigo que os esperava coberto com seu vasto escudo.

Agniná era o primeiro na corrida, e o primeiro na sanha. Após elle vinham os outros, a dois e dois, lutando na rapidez.

Quando o espozó de Arací viu que elles se estendiam pela campina, como dois ribeiros que se aproximam para confundir suas aguas, o heróe empunhou a lança de duas pontas e soltou seu grito de guerra que era como o bramir do jaguar, senhor da floresta.

Seu pé devorou o espaço; e a lança de duas pontas girou em sua mão, como a serpente que se enrosca nos ares silvando.

Caiu Agniná do primeiro bote; após elle caíram aos dois os chefes tapuias, como caem os juncos talhados pelo dente afiado da capivara.

Então o heróe soltou seu grito de triunfo, que era como o ruído do vento no deserto:

—Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencível que tem por arma uma serpente.

«Eu sou Ubirajara, o senhor das nações, o chefe dos chefes, que varre a terra, como o vento do deserto.»

O heróe estendeu a vista pela campina, e não descobriu mais o inimigo, que se sumia na poeira.

Ubirajara lançou-lhe seus guerreiros, que tinham fome de vingança; porém o terror de sua lança dava azas aos fujitivos.

Desde esse dia nunca mais um tapuia pizou as margens do grande rio.

Ubirajara voltou á cabana, onde o esperava Arací.

A espoza despiu as armas de seu guerreiro, enxugou-lhe o corpo com o macio algodão da monguba, e cobriu-o do bálsamo fragrante da embaiba.

Encheu depois de generoso cauim a taça vermelha feita do côco da sapucaia; e aplacou a sede do combate.

Emquanto nas grandes tabas se preparava a festa do triunfo e o heróe repousava na rede, Arací foi ao terreiro, e voltou conduzindo Jandira pela mão.

—Arací, tua espoza, é irmã de Jandira. Ubirajara é o chefe dos chefes, senhor do arco das duas nações. Elle deve repartir seu amor por ellas, como repartiu sua força.

A virgem araguaia pôz no guerreiro seus olhos de corça.

—Jandira é serva de tua espoza; seu amor a obrigou a querer o que tu queres. Ella ficará em tua cabana para ensinar a tuas filhas como uma virgem araguaia ama seu guerreiro.

Ubirajara cingiu ao peito com um e outro braço, a espoza e a virgem.

—Arací é a espoza do chefe tocantim; Jandira será a espoza[100] do chefe araguaia; ambas serão as mães dos filhos de Ubirajara, o chefe dos chefes, e o senhor das florestas.

As duas nações, dos araguaia e dos tocantins, formaram a grande nação dos Ubirajaras, que tomou o nome do herói.

Foi esta poderosa nação que dominou o deserto.

Mais tarde, quando vieram os caramurús, guerreiros do mar, ella campeava ainda nas margens do grande rio.

FIM

[101]

NOTAS

ADVERTENCIA

Este livro é irmão de Iracema.

Chamei-lhe de lenda como ao outro. Nenhum titulo responde melhor pela propriedade, como pela modestia, ás tradições da patria indijena.

Quem por desfastio percorrer estas pajinas, se não tiver estudado com alma brasileira o berço de nossa nacionalidade, ha de estranhar entre outras coizas a magnanimidade que resumbra no drama selvajem e lhe fórma o vigoroza relevo.

Como admitir que barbaros, quais nos pintaram os indijenas, brutos e canibais, antes fêras que homens, fossem sucetiveis desses brios nativos que realçam a dignidade do rei da creação?

Os historiadores, cronistas e viajantes da primeira época, se não de todo o periodo colonial, devem ser lidos á luz de uma critica severa. É indispensavel sobretudo escoimar os fatos comprovados das fabulas a que serviam de mote, e das apreciações a que os sujeitavam espiritos acanhados, por demais embuidos de uma intolerancia rispida.

Homens cultos, filhos de uma sociedade velha e curtida por longo trato de seculos, queriam esses forasteiros achar nos indijenas de um mundo novo e segregado da civilização universal uma perfeita conformidade de idéas e costumes. Não se lembravam, ou não sabiam, que elles mesmos provinham de barbaros ainda mais ferozes e grosseiros do que os selvajens americanos.

Desta prevenção não escaparam muitas vezes espiritos graves e bastante ilustrados para escreverem a historia sob um ponto de vista mais largo e filozofico.

Entre muitos citarei um exemplo. Barloeus referindo as justas que se faziam entre os selvajens para obterem em premio de seu valor a virjem mais formosa, não se esqueceu de acrescentar este comento—*finis spectantium est voluptas*.

Narrados com este pessimismo, as cenas da cavalaria, os torneios e justas não passariam de manejos inspirados pela sensualidade. Nada rezistiria á censura ou ao ridiculo.

Por igual teor, senão mais grosseiras, são as apreciações de outros escritores ácerca dos costumes indijenas. As coizas mais poeticas, os traços mais generozos e cavalheirescos do carater dos selvajens, os sentimentos mais nobres desses filhos da natureza, são deturpados por uma linguagem impropria, quando não acontece lançarem á conta dos indijenas as extravagancias de uma imaginação desbragada.

Releva ainda notar, que duas classes de homens forneciam informações ácerca dos indijenas: a dos missionarios e a dos aventureiros. Em luta uma com outra, ambas se achavam de acôrdo nesse ponto, de figurarem os selvajens como fêras humanas. Os missionarios encareciam assim a importancia de sua catequese; os aventureiros buscavam justificar-se da crueldade com que tratavam os indios.

Faço estas advertencias para que, ao lerem as palavras textuais dos cronistas citados nas notas seguintes, não se deixem impressionar por suas apreciações muitas vezes ridiculas. É indispensavel escoimar o fato dos comentarios de que vem acompanhado, para fazer uma idéa exata dos costumes e indole dos selvajens.

Paj. 5

Grande rio.—Os tupís chamavam assim ao maior rio que existia na região por eles habitada: e daí resultou ficarem tantos rios com essa designação na língua original ou traduzida.

O rio grande de que se trata nesta lenda é o Tocantins, em cujas margens se passa a ação dramática.

Paj. 5

Jaguarê.—Nome composto de *Jaguar*, a onça e o sufixo *ê* que na língua tupí reforça enfaticamente a palavra a que se liga. *Jaguarê*, significa, pois, a onça, verdadeiramente onça, digna do nome, por sua força, coragem e ferocidade.

Paj. 5

[103]

Uiraçaba.—Nome que davam os tupís á aljava, de *uira*—seta e *aba*—dezinencia exprimindo o lugar, modo e instrumento; literalmente «o que tem a seta.»

Os selvagens a faziam, ou do tubo de taquarussú, ou da casca de certas arvores, guarnecida de fios embebidos de resina, o que as tornava muito resistentes.

Paj. 6

Nome de guerra.—«Mal nacia a criança logo se lhe punha nome. Hans Stade achou-se presente numa dessas ocasiões. Convocou o pai aos mais próximos vizinhos de dormitório, pedindo-lhes para o filho um nome viril e terrível; não lhe agradando nenhum dos propostos, declarou que ia escolher o de um de seus quatro

antepassados, o que daria fortuna ao rapaz, e repetindo-o em voz alta, fixou a escolha. Ao chegar á idade de ir á guerra, dava-se outro nome ao mancebo que aos seus titulos ia acrescentando um por inimigo que trazia para caza a ser imolado. Tambem a mulher tomava adicional apelido quando o marido dava uma festa antropofaga. De objetos viziveis se tirava o cognome, determinando o orgulho ou a ferocidade a escolha. O epiteto *grande* frequentemente se compunha com o nome. Southey, H. do Brazil, tom. 1º, cap. 8º, paj. 336.

Póde-se ler tambem a este respeito o que diz Gabriel Soares, cit. no cap. 160, ácerca do nome que tomava o tupinambá quando matava o contrario, e no cap. 164 onde acrescenta: «Acontece muitas vezes cativar um tupinambá a um contrario na guerra, onde o não quiz matar para o trazer cativo para sua aldêa, onde o faz engordar com as ceremonias já declaradas para o deixar matar a seu filho quando é moço e não tem idade para ir á guerra, o qual o mata em terreiro, como fica dito, com as mesmas ceremonias; mas atam as mãos ao que ha de padecer, *para com isso o filho tomar nome novo e ficar armado cavaleiro e mui estimado de todos.*»

A este trecho de Gabriel Soares é preciso dar o devido desconto ácerca da engorda do cativo, e do papel insignificante que representa o mancebo. Devemos crer que entre gente, cuja alma era a guerra, o titulo de guerreiro não se conferia ao mancebo que não fizesse prova real de seu esforço e corajem.

Ives d'Evreux, cap. XXI, trata minuciosamente da graduação que a idade estabelecia entre os tupís. Havia para os guerreiros seis classes: 1º das crianças até dois anos, *mitanga*, que significa chupador ou mamador; 2º *curumim mirim*, isto é o pequeno que balbucia; compreendia os meninos até sete anos; 3º *curumim*

simplesmente, correspondia á segunda infancia de 7 a 15 anos; 4^o *curumim-guassú*, era a adolescencia, em que os rapazes se empregavam na caça e na pesca; 5^o *aba*—o homem, indicava o principio da virilidade, o qual logo que se cazava tornava-se apiaba, o varão, ou como diz d'Evreux, *mendarama*, o cazado; 6^o *tijubaê*, o ancião ou veterano, o homem de experiencia, guerreiro consumado.

Paj. 6

Jandira.—O nome é *jandaíra*, de uma abelha que fabrica excelente mel; *Jandira* é uma contração mais eufonica daquelle nome, que tambem por sua vez é contração de *Jemonhaíra*, que fabrica mel.

Paj. 6

Aratuba.—Palavra que se compõe de *ara*—o sol e *tuba*—infinito do verbo *ajub*—estar deitado. Vem a ser a significação *leito do sol*, aplicada pelos indios á montanha do poente, onde o sol se esconde no seu ocazo.

Paj. 6

Lança.—O uzo da lança não era comum aos selvajens, que empregavam de preferencia o arco, o tacape, a macana, e a *igarapema*, especie de remo, que fazia as vezes de partazana. Outros escrevem *iverapema*; mas o nome é aquelle de *igara-pema*, espada da canôa; basta ver-lhe a fórma para comprehender seu duplo destino.

Paj. 6

Craúba.—É a mesma *carabiuba* dos indios, assim contraída pelo uzo dos nossos sertanejos. Madeira roxa, excessivamente rija, que não

cede ao páu-ferro no pezo e na dureza.

Paj. 7

[105

A *liga vermelha*.—Era este um dos mais curiozos e interessantes ritos dos tupís.

Quando a menina atinja a puberdade, depois de sua purificação, da qual tratam os autores, especialmente Orbigny e Thevet, a mãe punha-lhe nas pernas, abaixo do joelho, uma liga de fio de algodão tinta de vermelho, de tres dedos de largura, e tecida no proprio lugar de modo que uma vez fechada, não era mais possivel tiral-a. Vide Gabriel Soares, cap. 153.

A essa liga chamavam *tapacora*, e não a podia trazer senão a virjem, de modo que se acontecesse quebrar a castidade havia de rompê-la, para que todos conhecessem sua falta. Eis como Gabriel Soares se exprime a este respeito no cap. 152: «E como o marido lhe leva a flôr, é obrigada a noiva a quebrar estes fios para que seja notorio que é feita dona; e ainda que uma moça destas seja deflorada por quem não seja seu marido, ainda que seja em segredo, ha de romper os fios de sua virjindade, que de outra maneira cuidará que a leva o diabo, os quais dezastres lhes acontecem muitas vezes, etc.»

Este simples traço é bastante para dar uma idéa da moralidade dos tupís, e vingal-a contra os embustes dos cronistas, que por não compreenderem seus costumes, foram-lhes emprestando gratuitamente, quanto inventavam exploradores mal informados e prevenidos.

Em que sociedade civilizada se observa tão profundo respeito pela união conjugal, a ponto de não consentir-se que a mulher decaída

consERVE o segredo de sua falta, e iluda o homem que a busque para espoza?

A reznicação com que a moça culpada rompia a liga da virjindade, e fazia confissão publica de seu erro, é um exemplo da lealdade do carater tupí e da veneração que inspiravam os ritos de sua religião.

Nega Southey, cap. VIII, que a liga vermelha e o respeito que ella inspirava indicassem guarda da castidade, porquanto a castidade como a caridade é virtude da civilização; do mesmo modo considera o amor uma delicadeza da vida civilizada. São paradoxos de escritor. Sentimentos naturais á creatura humana, desenvolvem-se nella em qualquer estado e condições.

Não é possivel negar a castidade da mulher tupí; além desse recato da virjindade, prova-a de modo cabal a continencia que homens e mulheres guardavam em certas circumstancias. Assim, nenh[un]o homem tinha relações com a mulher inubil, nem ella o consentia; o proprio marido não violava essa lei, embora tivesse a espoza em seu poder. Gabriel Soares cit. Durante a gravidez e a amamentação interrompia-se absolutamente o ajuntamento conjugal. (Barlœus 2ª edic.)

Onde está a sociedade civilizada, que observe leis tão rigorozas, e refreie os instintos sensuais com a severidade uzada pelos tupís?

Poderíamos fazer muitas outras observações que rezervamos para um estudo especial ácerca dos selvajens brasileiros.

Paj. 7

Tocantim.—Compõe-se de *tocano* e *tim*; literalmente o nariz, o rosto do tucano. Nome que tomou um guerreiro por trazer na cabeça o despojo de um tucano com o grande bico da ave; e que

transmitido a uma nação selvagem, ficou designando o rio a cujas margens vivia.

Paj. 7

Taari.—Rio que despeja no Tocantins, pouco depois da confluencia do Araguaia. Indica o lugar da cena.

Paj. 7

Araguaia.—O nome é araguara, de *ara* e *guara*, literalmente, os guerreiros das araras, porque uzavam nos seus ornatos das penas encarnadas daquellas aves. Conservei a versão que ficou no nome do rio.

Paj. 8

Arací.—Esta palavra tupí compõe-se de *ara*, dia, e *ceí* ou *cejí*, grande estrela. Este ultimo nome davam os indijenas ás pleiades, que lhes serviam para contar os anos.

Paj. 8

Cem dos melhores guerreiros.—Nesta e outras frases identicas, os numerais cem ou mil não representam algarismo exato, que não¹⁰⁵ tinham os tupís para exprimir numero tão elevado. Traduzem apenas esses termos a dezinencia *tiba*, com que os tupís dezinavam cópia e multidão.

Paj. 9

Canitar.—Enfeite de cabeça. Adotei esta designação empregada pelos autores sob a autoridade de Hans Stade por me parecer mais eufonica. A exata lição pede *acanga atara*.

Paj. 9

As duas nações não estão em guerra.—As nações tupís não viviam em um estado perene de guerra, como propalaram alguns escritores. A guerra era frequente; mas não constante. As nações faziam a paz e nella se mantinham até que sobrevinha alguma cauza de rompimento. Então não começavam as hostilidades senão depois de anunciada a guerra ao inimigo, o que se fazia lançando-lhe uma flecha na taba, ou levando-lhe um guerreiro o dezafio.

É uma prova do carater leal dos selvajens. Foi depois da colonização, que os portugueses, assaltando-os como a feras, e caçando-os a dente de cão, ensinaram-lhes a traição que elles não conheciam.

Paj. 10

Pojucan.—Contração de uma fraze tupica. *I-pojuca*;—significa: eu mato gente. Essas contrações não são arbitrarías; ellas eram da indole da lingua e conformes ao seu sistema de aglutinação. Todas as vezes que os indijenas compunham uma palavra, cerceavam as sílabas dos vocabulos que entravam na composição, para ligal-as mais eufonicamente.

Lemos em Alfred Maury *La Terre et l'homme*, cap. VIII, o seguinte trecho:

«Nas linguas americanas, não é sómente uma sintheze que concentra em uma palavra todos os elementos da idéa mais complexa; ha ainda engrazamento (*enchevêtement*) das palavras umas nas outras; é o que M. F. Lieber chama *incapsulação*, comparando a maneira por que as palavras entram na fraze a uma caixa na qual se conteria outra que a seu turno conteria terceira,

esta uma quarta, e assim por diante. A incorporação das palavras⁴⁰⁸ por vezes levada á extrema exajeração nesses idiomas, o que produz a mutilação dos vocabulos incorporados.»

Esta observação é da maior justeza e conforma-se de todo o ponto com a indole da lingua, como se vê nas seguintes palavras—*A-por-u*—como gente—*A-poro-tim*—enterro gente—*A-po-çub*—vizito a gente. (Vide Figueira, *Gramatica da lingua do Brazil*, paj. 51.)

Paj. 10

Tapuia.—de *taba* e *puir*, o que foje das tabas. Davam os indijenas esse nome a povos mais barbaros e de lingua diversa. Segundo as ultimas investigações etnolójicas, pertenciam esses povos a uma raça diversa da tupí, e muito aproximada, senão conjenere do tipo mongolico. Entretanto Orbigny, *L'Homme Américain*, sustenta a identidade das duas raças, *tapuia* e *tupí*.

Paj. 10

Tacape.—Davam os tupís o nome de *apem*, a um corpo alongado de fórma analoga á espada, e como ella cortante. Daí vinha chamarem a unha—*po-apem*, espada do dedo; e á raiz que surge da terra e se eleva como um galho—*sapopema*—raiz espada.

Á sua principal arma de guerra chamavam *ita-ca-apem*, espada de páu-pedra; ou *ita-qui-apem*, machado comprido de pedra, por ter sido dessa materia que primeiro o fabricaram, antes de aprenderem a lavrar a madeira.

Ácerca da força dessa arma e da destreza com que a manejavam, diz Lery que um tupinambá com ella armado daria que fazer a dois soldados de espada.

Guerreiro chefe.—Para compreender-se bem a força dessa designação, diremos alguma coisa acerca da hierarquia selvagem.

Como a religião, era simples o governo dos tupís; mas não careciam d'elle, segundo inculcam os cronistas: antes o tinham, e bem regulado para o seu estado de civilização.

Podemos distinguir na taba selvagem uma sociedade civil e uma sociedade politica; a primeira reduzida á familia, e a segunda excluziva á subzistencia, defeza e guerra.

A sociedade civil era constituída pela oca, a caza, onde o varão, *aba*, morava com suas mulheres, sua prole, os servos que trabalhavam para granjear as filhas em cazamento, os cativos que fazia na guerra, e os parentes que agregava a si.

O dono da caza, ou literalmente o que fazia a caza, *moacara*, era a perfeita imagem do patriarca. Elle governava a sua gente; e formava uma sociedade independente, no seio da grande sociedade politica, de que era membro e para cuja defeza concorria não só por interesse proprio, mas pela honra da nação.

Moacara nos dictionarios significa fidalgo. A tradução resente-se da preocupação do homem civilizado; mas havia realmente uma distinção entre o *moacara*, chefe da oca, pai de muitos guerreiros, e o simples individuo que ainda não possuía uma familia.

A sociedade politica, *taba*, era a reunião das ocas. Essa denominação vem de *tama*, a patria, o berço, a terra natal, e *aba* dezinencia que indica o lugar, modo, instrumento da coisa. Assim, *taba* significa literalmente onde ou o que faz a patria, isto é, aldeia natal.

O governo da *taba*, essencialmente democratico, rezidia no conselho dos *moacaras*, entre os quais predominava a experiencia dos anciãos, que se chamavam *abarés* ou *abaetês*; isto é, varões egreijos.

Nações essencialmente guerreiras, tinham um chefe para governal-as nas jornadas e batalhas. A estes davam o nome de *tuxava*, ou *tauxaba*, o dono da *taba*, *morubixaba*, o que governa o povo; de *moro*, gente, e *aba*, dezinencia.

Quando as nações eram grandes e não cabiam numa *taba*, destacavam-se alguns *moacaras* com suas familias e formavam novas *tabas*, sujeitas á *taba* mãe. Daí se orijinaria a diferença das duas designações, vindo então *tauxaba* a dezinhar o simples chefe de uma *taba*; e *morubixaba* o chefe da *taba* primitiva, ou da nação, *moro*.

Tambem acontecia que muitas vezes um *moacara* poderoso separava-se de sua nação por cauza de alguma dissensão intestina, e constituia-se independente com seus decendentes, e os guerreiros a elle sujeitos pelo parentesco. Essa *oca* independente, chamava-se *moroca*, isto é, *oca* de gente, de tribu e não mais de familia. O termo *moloca* tão frequente nos cronistas não é senão corruptela daquelle, e póde corresponder ao de tribu ou horda.

A nomeação do chefe participava da natureza dessa sociedade democratica e guerreira. O mais audaz e o mais forte impunha-se: a permanencia de sua autoridade, bem como sua extensão, dependia do respeito que elle conseguia infundir a seus guerreiros.

No momento em que surjia outro ambicioso a disputar o poder, este tornava-se o premio do mais valente. Acontecia então que o vencido com seus sectarios revoltava-se; e daí as frequentes guerras intestinas, que aniquilaram a raça indijena, ainda mais talvez do que a crueldade dos europeus.

Na morte do *morubixaba* ocorria igual pleito. O filho apossava-se do poder pelo direito de herança; e o conservava se não aparecia algum emulo mais poderoso que lh'o arrebatasse.

Falando com as nossas teorias da civilização, podemos dizer que a base desse poder executivo era, como nas republicas, o sufragio universal. Mas era o sufragio sempre ativo e vijilante, pronto a inclinar-se ao merecimento superior, onde elle se revelasse.

Entre o chefe guerreiro (poder executivo), e o conselho dos *moacaras* (poder lejislativo) os conflitos eram inevitaveis. Morubixaba haveria, como o celebre Cunhanbebe, que era um verdadeiro despota. O tacape de muito heróe tupí ha de ter governado tão absolutamente como a espada de Cezar ou de Napoleão.

Outros conflitos tambem se deviam dar frequentemente entre a influencia dos *pajés* e o poder do chefe ou dos anciãos. Aquelles sacerdotes, cercados do respeito dos guerreiros, fortes pelo prestijio de seus augurios e sortilejios, tentariam insuflados pela ambição governar a taba, ou pelo menos fomentar a rezistencia ao chefe.

Eis em escorço as paixões que deviam ajitar aquella sociedade politica, depois da guerra que era a maior preocupação.

Além das ocas, ou familias, havia na taba uma especie de oca mais vasta e comum. Nessa parece que moravam aquellas pessoas, que já não tinham oca, e estavam a cargo da nação; tais eram as *velhas*, e por este nome devem-se entender as mulheres sem companhia de marido, nem parentes; os orfãos, aos cuidados daquellas mãis emprestadas; e finalmente as moças que não faziam vida conjugal.

Vejamos agora a sociedade civil, tal como a podemos induzir dos acanhados esclarecimentos que nos deixaram os cronistas.

O casamento, base da família, devia ter alguma cerimonia simbolica, ainda que não passasse da simples entrega da noiva ao varão. Essa minha suposição funda-se no fato de haver entre ~~esses~~^{estes} povos um casamento bem caracterizado, e não simples coito.

A mulher lejitima distinguia-se pelo nome. O marido a chamava *temireco*, isto é, a verdadeira mãe de meus filhos; enquanto que ás outras mulheres, suas amantes, chamava *aguaçaba*. O marido tinha tambem um nome especial *menda*, que o distinguia do simples amante.

Acrece que para obter a noiva o varão sujeitava-se a certas condições, e até mesmo a provas de coragem; donde devemos inferir com boa razão, que não era esse um ato insignificante para os selvajens, a ponto de não o distinguirem com uma fórmula qualquer, elles que em outros pontos eram tão ceremoniozos, como na recepção do hospede, na declaração da paz ou da guerra.

Os cronistas, porém, não se ocuparam disso e todo seu tempo foi pouco para lamentarem a poligamia dos tupís, tirando logo dali argumento para pintarem os selvajens vivendo a modo de cães.

É uma falsidade. Os tupís tinham moralidade conjugal, e até muito severa. O adulterio era punido de morte; e tambem por isso permitia-se o divorcio por mutuo consentimento.

A poligamia dos tupís foi da mesma natureza da que existiu entre os hebreus; era uma poligamia patriarcal, filha das condições da vida selvajem, e não a poligamia sensual dos turcos e outros povos do oriente, produzida unicamente pelo requinte da libidinajem.

Compreende-se que no estado selvajem ou primitivo, a mulher, fraca para rezistir aos perigos que a rodeavam, tinha necessidade de acolher-se ao amparo e proteção do homem. Por outro lado cada

varão, no interesse não sómente de sua gloria, como de seu poder, carecia rodear-se de uma familia numeroza, e de gerar do seu proprio sangue, os seus guerreiros.

Entretanto, e é isto que distingue a poligamia patriarcal, a posse de muitas mulheres não destruía a instituição da familia, bem caracterizada pela preeminencia da primeira mulher ou a verdadeira espoza; e pela adoção dos filhos nacidos das outras mulheres, que se tornavam todos filhos da espoza, ou da verdadeira mãe, *temireco*.

Muita coiza poderia dizer ácerca da educação dos filhos e da condição da mulher, mas não cabe esse estudo em uma nota. Mais tarde e a proposito é possível que o faça.

Para a intelijencia do texto basta saber-se que além da espoza, *temireco*, mãe da familia, das amantes, *aguaçabas*, que faziam parte da familia na condição de servas, havia—1.º as virjens, *cunhantem*, mulheres debalde, que pertenciam á familia, e se destinavam para espozas dos guerreiros que as obtivessem pelas provas de esforço e denodo; 2.º as velhas, ou mulheres já privadas de seus maridos, e que ficavam sob a proteção da comunhão, incumbidas da educação dos orfãos, e dos filhos anônimos; 3.º as moças ou mulheres que desprezavam o casamento e viviam livremente aceitando o amor do guerreiro que lhes agradava, e do qual tinham filhos, que não pertenciam á familia, mas á tribu; eram estas as mulheres que ofereciam seu amor como penhor de hospitalidade ao estrangeiro que chegava á taba; 4.º finalmente, a classe infeliz, abandonada de todo o sentimento e de todo o pudor, á qual davam o nome de *morixaba*, literalmente coiza de todos; ou, segundo o testemunho de Ives d'Evreux, *menondere*, que equivalia a ladra; porquanto entendiam os selvajens que a mulher roubava seu primeiro amante dando ou vendendo a outro o amor que lhe pertencia.

Ainda nesta ultima escala, se estão manifestando as leis severas do recato e fidelidade da união sexual entre os selvajens. Além do casamento lejítimo, havia o concubinato, como existiu entre os romanos, produzindo direito e obrigação reciproca. A mulher que traía a fé conjugal, ou o concubinato, era uma adúltera, isto é, uma ladra e decia á ultima infamia. O marido tinha o direito de matal-a; o amante entregava-a ao desprezo da tribu.

Paj. 10

Jaguarê agradece a Tupan.—Não achando entre os aborijenes templos e idolos, ainda que alguns cronistas atestam a existencia dos ultimos, foram os colonizadores peremptoriamente declarando ateus a esses povos. Mas logo, com incoerencia flagrante, reconheciam a existencia de uma superstição, que outra coiza não é a relijião na infancia da humanidade.

Os tupís adoravam uma excellencia superior, Tupan, que se manifestava pelo raio e pelo trovão; donde se induz o grande poder que attribuiam a essa divindade. Seu nome de raça apresenta uma afinidade que faz presumir a crença de uma decendencia celeste.

Tambem temiam os tupís o espirito do mal, personificado em Anhangá, o fantasma, que habitava as trévas, e a quem referiam um poder funesto. Para conjurar essa divindade malefica, tinham sacerdotes, os pajés, que buscavam sua força e virtude no fumo da planta sagrada, o tabaco.

Além disso contava a mitologia tupica genios bons e máus, ^[113] que habitavam as florestas e os rios, e percorriam as solidões montados em caitetés, ou transformados em certos animais. Entre estes mencionarei o caipora e a mãe d'agua, cuja abuzão transmitiu-se á

raça conquistadora, e de que ainda se encontram vestígios entre as populações do norte.

Não ha contestar que aí está uma religião bem caracterizada. Mas como faltassem templos e idolos, os decendentes dos barbaros gaulezes, godos, francos e celtas não podiam admitir na America uma religião sem culto regular, qual a tiveram aquelles selvajens europeus.

Entre os viajantes que mais tarde percorreram a America havia espiritos superiores, dedicados ao estudo da humanidade, que investigavam sem prevenções a orijem e indole das raças indigenas do novo mundo. Na primeira plaina destes sabios figura Alexandre de Humboldt.

O eminente naturalista assinalou a cauza dessa auzencia de culto dos aborijenes do Brazil, quando observou que o antropomorfismo da divindade se manifesta por dois modos: da terra ao céu, como na Grecia, ou do céu á terra, como na America. *Voyage au Nouveau Continent*—8.º volume, paj. 243.

Quando a imaginação do homem personificando a divindade á sua imagem a faz subir ao céu, como os numes pagãos da Grecia, ella é levada naturalmente a oferecer-lhe uma constante adoração com que mantêm o vinculo da creatura ao creador. Daí a necessidade de idolos, que simbolizem esses numes, e a tenham presente aos olhos mortais.

Diverso, porém, é quando, concebendo a divindade á sua imagem, o mortal a humana inteiramente, transportando-a do céu á terra. Então o homem figura-se não a creatura, mas o decendente, o filho de seu deus.

Dezaparece a necessidade dos idolos, pois a verdadeira representação da divindade na terra é o mesmo homem que a continúa. Cada um tem o seu nume em si. A adoração transforma-se naturalmente no culto da propria individualidade, nessa exajeração prodijioza do estalão humano, que distingue as idades heroicas.

É pela ostentação da coragem, da força, da grandeza de animo, que o selvagem se elevava até o deus, seu progenitor; e não pela adoração, pelas preces e oferendas uzadas no paganismo grego, o qual estava bem longe da humildade evangelica do cristianismo. Os tupís não careciam, pois, de orações e sacrificios; as façanhas com que se mostravam dignos de sua orijem celeste eram as melhores oblações do seu culto.

Tal era o respeito que o selvagem professava pela dignidade humana, que matava as pessoas mais caras quando não se podiam curar da enfermidade. Essa implacavel sujeição ao mal, abatia e humilhava uma raça forte e guerreira.

Muitos outros exemplos podia apresentar dessa elevada consciencia da individualidade, que distinguia no mais alto ponto o selvagem brasileiro.

Eis o que não souberam ver os cronistas, quando taxaram de ateus aos indijenas americanos.

Abstraindo da moral absoluta em que só ha uma verdade, a do cristianismo, e tomada a questão no ponto de vista da arte, não se póde recuzar a essa relijião tupí, que nivela o homem á divindade, certo cunho de grandeza selvagem e um vigorozo sentimento da individualidade.

O paganismo grego lhe fica inferior nesse ponto da dignidade humana; ao passo que elle tornava a raça de Japeto escrava submissa

dos deuses, e vítima de seus caprichos e vinganças, na mitologia americana o homem é o filho e o emulo da divindade.

À parte as ficções graciosas do espírito helenico, a mitologia grega só tem uma criação que reveste a majestade da religião tupí; é a criação dos semi-deuses, em que se operava o antropomorfismo terrestre da divindade, qual se deu na America.

Considerando-se divino, o selvagem americano acreditava-se combatido por um ente malefico, antagonista do deus de quem decendia. Nos achaques e miséria que afligem a humanidade via as manifestações desse poder funesto. Os sacerdotes o esconjuravam por sortilégios; os heróis, porém, resistiam-lhe pela constancia e o afrontavam.

À essa religião simples e sem aparato, como devia ser uma religião das florestas, professada por povos caçadores e guerreiros, coroava a crença profunda e inalteravel da immortalidade da alma, revelada pela veneração ás cinzas dos mortos, e pelas ceremonias da inhumação.

Os indijenas encerravam suas mumias em tumulos especiais, a que davam o nome de *Camucins*; e as acompanhavam não só das armas e objetos de uzo proprio, como de alimentos para a viagem aos campos alegres, onde iam reviver os guerreiros e suas mulheres.

Basta este rapido esboço para dar idéa da religião dos tupís, e avaliar o criterio daquelles que os consideravam estranhos a qualquer noção da divindade.

Um povo que mantinha as tradições a que aludimos, não ^[15]era certamente um acervo de brutos, dignos do desprezo com que foram tratados pelos conquistadores. E quando, através de suas falsas apreciações, a verdade pôde chegar até nossos tempos, o que

não seria, se espiritos despreocupados e de vistas menos estreitas, vivendo entre essas nações primitivas, se aplicassem ao estudo de suas crenças, tradições e costumes?

Os jesuitas, que podiam melhor realizar esse estudo, eram induzidos a exagerar a ferocidade e ignorancia dos selvagens, no interesse de tornar indispensavel sua catequese. Já imbuidos da intolerancia religioza, a politica exagerava ainda mais sua suspeição.

Paj. 11

Ubiratan.—Páu-ferro; literalmente *ubira*—madeira, e *atan*—duro. *Atan* não é senão a palavra *ita* com a terminação *ana*, que na lingua tupí servia para a formação dos adjetivos. *Itana*, o que tem a natureza de pedra. Assim, de pedra fizemos nós pedregozo. Rigorozamente *ubiratan* é *páu-pedra*; pois que os indijenas não conheciam o ferro. Era dessa madeira que faziam os tacapes.

Paj. 13

O *chefe tocantim*.—Os autores empregam em geral os termos maior, principal, para designar o cabeça de uma tribo ou nação indijena. Alguns, como Southey, serviram-se do termo cacique adotado dos Araucanos; Barlaeus chamou-os classicamente de reis.

Neste livro, como em *Iracema*, preferi traduzir o termo indijena *tuxaba*, por *chefe*; e fui levado pela razão de ser, além de muito apropriado e vulgar, um termo nobre e sucetivel de entrar no estilo o mais elevado, sem laivos de afetação. Ao *morubixaba* pela mesma razão chamei chefe dos chefes.

Paj. 14

Calcou a mão sobre o hombro esquerdo.—Ácerca desse modo simbolico de assegurar o vencedor seu imperio sobre o cativo, é curiozo o que referiu e notou *Ives d'Evreux*, cap. XIV.

«Então eu soube que era uma cerimonia de guerra praticada entre essas nações, que quando um prizioneiro cae na mão de algum, aquelle que o toma, bate-lhe com a mão na espadua dizendo-lhe: «Eu te faço meu escravo»; e desde então esse pobre cativo, por maior que seja entre os seus, se reconhece escravo e vencido, segue o vitoriozo, o serve fielmente, sem que seu senhor se importe com elle; tem liberdade de andar por onde lhe pareça, não faz senão o que quer e ordinariamente espóza a filha ou irmã de seu senhor, até o dia em que deve ser, morto e comido.»

Depois o missionario lembra as palavras de Isaías cap. 9—*Factus est principatus super humerum ejus*—e cap. XXII—*Dabo clavem dominis David super humerum ejus*; e mostra a conformidade desse rito dos tupís com as tradições dos hebreus e outros povos primitivos.

Paj. 15

Ubirajara—senhor da lança, de *ubira*—vara e *jara*—senhor; aportuguezando o sentido, vem a ser lanceíro.

Com este nome existia ao tempo do descobrimento, nas cabeceiras do rio S. Francisco uma nação de que fala Gabriel Soares —*Roteiro do Brazil*, cap. 182.

«A peleja dos Ubirajaras, diz esse escritor, é a mais notavel do mundo, como fica dito, porque a fazem com uns páus tostados muito agudos, de comprimento de tres palmos pouco mais ou menos cada um, e tão agudos, de ambas as pontas, com os quais atiram a seus contrarios como com punhais, e são tão certos com

elles que não erram tiro, com o que têm grande chegada; e desta maneira matam também a caça que, se lhe espera o tiro, não lhe escapa; os quais com estas armas se defendem de seus contrarios tão valorosamente como seus vizinhos com arcos e flexas, etc.»

Desta arma e da destreza com que a manejavam proveiu o nome de *bilreiros* que lhe deram os sertanistas, significando assim que tanziam suas lanças com agilidade e sutileza igual á da rendeira ao trocar os bilros.

Paj. 15

Preciza de um prizioneiro.—Era entre os selvajens maior honra conduzir da guerra um prizioneiro, para ornar o seu triunfo e a festa de vitoria, do que matal-o em combate. Veja Gabriel Soares—cit.^[117] nota 4^a.

Paj. 15

Chamas de alegria.—Metafora tupí. Chamavam a alegria e a festa *toriba*, literalmente, grande quantidade de fogueiras.

Paj. 17

Historia de guerra.—Os tupís para exprimirem historia, ou narrativa, diziam *maranduba*, conto de guerra, de *mara*—guerra—*nheng*—falar e *tuba*—muito; falar muito de guerra.

Depois applicaram os indijenas essa palavra a toda narrativa, se é que não crearam para as outras historias o termo analogo de *poranduba*, composto de *poro*, *nheng*, e *tuba*—falar muito da gente.

Os indios eram muito apaixonados dessas narrações, em que mostravam sua natural eloquencia. Informa-me o Dr. Coutinho,

incansavel explorador do vale do Amazonas, que ainda hoje nenhum indio chega de viagem, que não diga a sua maranduba, que é o recito circunstanciado de quanto viu e lhe aconteceu em caminho.

Às vezes traduzo o termo; outras o emprego orijinal para mais incutir no livro o espirito indijena. Do mesmo modo procedi ácerca de outros termos eufonicos tais como *tuxaba*, *moribixaba*, *moacara*, *nhengaçara*, etc.

Paj. 21

Os cantores.—Os tupís eram muito dados á muzica e á dansa.

Lery fala com entusiasmo da doçura de seus cantos; e Ferdinand Denis, paj. 21, afirma, não sei com que fundamento, que a imitação dos Chataws da America do Norte, certas nações do Brazil gozavam do privilegio de fornecer poetas e musicos aos outros povos, como sucedia com os tamoios entre os tupís.

Gabriel Soares—cap. 162—descreve os cantos, improvizos e dansas dos tupinambás, concluindo com estas palavras:

«Entre este gentio, os muzicos são muito estimados e por onde quer que vão, são bem agazalhados e muitos atravessaram já o sertão por entre seus contrarios, sem lhes fazerem mal.»

Paj. 24

[118]

Como chefe pertence-lhe a virjem, etc, Barlœus—2.^a edic. paj. 483.—*Quotquot luta, hastarum concursu ac venatu præcellunt, eminentiores habentur et ut hæroum numero, qui ob virtutis fortitudinisque excellentiam ab ipsis virginibus ambire mœrentur, cum meliores ex melioribus nasci opinentur, nec vanum esse nobilitatis nomen, sed cum sanguine transfundi.*»—Quantos

disputam em jogos de lança e caça; os eminentes são tidos no numero dos heróes; os quais pela excelencia da virtude e fortaleza merecem possuir as mesmas virjens; por quanto pensam que os melhores nacam dos melhores; nem é vão nome a nobreza, pois se comunica pela transfusão do sangue.

Paj. 25

Purifica o corpo.—Os selvajens distinguia-se pelo apurado asseio. Ives d'Evreux diz a este respeito: «Ils sont fort soigneux de tenir leur corps net de toute ordure: ils se lavent fort souvent tout le corps et ne se passe jour qu'ils ne jettent sur eux force eau et se frottent avec les mains de tous côtés et en toutes les parts, pour oster la poudre et autres ordures. Les femmes ne manquent de se peigner souvent.»

Pag. 25

Urú.—Tinham os indijenas varias especies de moveis para guardar objetos. O *urú* era um cesto aberto. *Panacum* era um cesto maior com tampa. *Samburá* era cesto com orelha, corrupção de *nambi* e *urú*, literalmente cesto de orelha. Tinham ainda os selvajens o *patiguá* ou *patuâ*, que era uma caixa de palha ou couro; e o *mocô*, pequeno surrão da pele felpuda do coelho. Todos estes nomes ainda são uzados no norte para dezinhar os mesmos objetos, produtos da industria indijena, aproveitada pelos colonizadores.

Paj. 26

Coqueiros.—Ao que disse em nota de Iracema ácerca do indijenisimo desta planta acrecentarei a noticia que della nos deixou [109] Guilherme Piso—*Historiæ Rerum Naturalium Brasilæ*, Liv. 8º, p. 138.

«*Inaiá Guacuiba* cujus fructus *inaiaguacu* brasiliensibus; in congo vocatus *Ejaquiambutu* et fructus *Quetiniga quiambutu*: Palma

nucifera, lusitanis *coqueiro* et fructus illius coco; qui tribus suis foraminulis lavam representat. Arbor caudice raro recto, sed plerumque incurvato, quatuor, quinque sex aut etiam septem pedes crasso, triginta, quadraginta et interdum quinquaginta pedes alto.»

É esta mesma palmeira que os Mexicanos chamavam *Cogolli*. Piso viu em 1640 na cidade Mauricéa (Recife) transplantarem-se pés que tinham mais de 24 anos.

Paj. 28

Cabelos.—Pelos cabelos costumavam distinguir-se as diversas nações indijenas. Southey—I, cap. 8º. Das mulheres diz Barlœus:—*Fœminis coma promissa nisi per luctus tempora aut absens marito.*—paj. 36. Traziam as mulheres a madeixa longa, salvo no tempo do luto ou auzencia do marido.

Mais um traço do carater e costumes indijenas. Durante a auzencia do marido, a mulher trazia uma especie de luto, ou mostra de tristeza e saudade, que era simbolizada pelo sacrificio das longas tranças dos cabelos.

Paj. 28

Braços que tu querias para tua cintura.—Metafora da lingua tupí, que exprime o amor; *aguaçaba*, a amante, literalmente, o que se tem á cintura.

Paj. 31

Escravo.—Acerca das leis do cativo entre os indios leiam-se os dois capitulos XV e XVI, que a este assunto consagrou Ives d'Evreux, citado.

Os cativos viviam em plena liberdade na taba de seus senhores, e era muito raro que fujissem, porque se consideravam ligados por um vínculo desde o momento em que o vencedor lhes calcava a mão sobre a espadua. Quebrar esse vínculo, era por elles considerado uma dezhonra.

Até os prizioneiros destinados ao suplicio, preferiam a morte glorioza a se rebaixarem pela fuga no conceito de seus inimigos. «Muitas vezes as mulheres tomavam substancias que provocavam o aborto, não querendo passar pela miseria de verem trucidada a prole; não raro favoreciam a fuga dos tristes maridos de alguns dias pondo-lhes comida nos bosques e até escapulindo-se com elles. Frequentemente succedeu isto a prizioneiros portuguezes; os indios brasileiros, porém, julgavam dezhonroza a fuga, nem era facil persuadir-os a tomal-a.» Southey—cap. VII onde cita—Noticias do Brazil, II, 69 e Herrera 4, 3, 13.

Abbeville ainda é mais explicito:—Et bien que estant desliez et libres comme ils sont, ils puissent fuir et se sauver, si est ce que ils ne font jamais encore qu'ils soient assurez de estre tuez et mangez au bout de quelques temps. Car si quelqu'un des prisonniers s'etait eschapé pour retourner em son pays, non seulement il serai tenu pour un *couaen eum*, c'est a dire poltron et lasche de courage; mais aussi ceux de sa nation mesme ne manqueroient de le tuer avec mille reproches de ce qu'il n'aurait pas eu le courage d'endurer la mort parmi ses ennemis, comme si ses parents et tous ses semblables n'etaient assez puissants por venger sa mort, etc. pag. 290.

As leis da cavalaria no tempo em que ella floreceu em Europa não excediam por certo em pundonor e brios a bizarrria dos selvajens brasileiros. Jámais o ponto de honra foi respeitado como entre estes

barbaros, que não eram menos galhardos e nobres do que esses outros barbaros, godos e arabes, que fundaram a cavalaria.

Alí está uma pedra de toque para aferir-se o carater do selvajem brasileiro, tão deprimido por cronistas e noveleiros, avidos de inventarem monstruosidades para impinjil-as ao leitor. Nem isso lhes custava; pois a raça invazora buscava justificar suas cruezas rebaixando os aborijenes á condição de feras, que era forçozo montear.

Paj. 32

O *supplicio*.—Outro ponto em que se assopra a ridícula indignação dos cronistas é ácerca da antropofagia dos selvajens americanos.

Ninguém póde seguramente abster-se de um sentimento de horror ante essa idéa do homem devorado pelo homem. Ao nosso espirito civilizado, ella repugna não só á moral, como ao decoro que deve revestir os costumes de uma sociedade cristã.

Mas antes de tudo cumpre investigar a causa que produziu entre algumas, não entre todas as nações indijenas, o costume da antropofagia.

Disso é que não curaram os cronistas. Alguns attribuem o costume á ferocidade, que transformava os selvajens em verdadeiros carniceiros, e tornava-os como a tigres sedentos de sangue. A ser assim não faziam mais do que reproduzir os costumes citas, que sugavam o sangue do inimigo ferido,—quem primum interemerunt, ipsis é vulneribus ebibere. Pomponius Mœla. *Descrip. da Terra*.—Liv. 2º cap. 1º.

Outros lançam a antropofagia dos americanos á conta da gula, pintando-os igual á horda bretã das Gallias, os Aticotes, dos quais diz

S. Jeronimo que se nutriam de carne humana, regalando-se com o ubere das mulheres e a fevera dos pastores. (S. Hieronimo IV.—paj. 201, *adv. Jovin.*—Liv. 2^o.)

O canibalismo americano não era produzido, nem por uma nem por outra dessas cauzas.

É ponto averiguado, pela geral conformidade dos autores mais dignos de credito, que o selvajem americano só devorava o inimigo, vencido e cativo na guerra. Era esse ato um perfeito sacrificio, celebrado com pompa, e precedido por um combate real ou simulado que punha termo á existencia do prizioneiro.

Simão de Vasconcelos, *Cronica da companhia*, 1 § 49, alude a uma velha que sentia entojos por não ter a mãozinha de um rapaz tapuia para chupar-lhe os ossinhos: e Hans Stade, paj. 4, cap. 43 e seg., conta a historia de dois individuos moqueados pelos tupinambás, e guardados para um banquete.

Não exajeremos, porém, esses fatos izolados, alguns dos quais podem não passar de caraminholas, impinjidas ao pio leitor. Os costumes de um povo não se aferem por accidentes, mas pela pratica uniforme que elle observa em seus atos.

Se os tupís fossem excitados pelo apetite da carne humana, elles aproveitariam os corpos dos inimigos mortos no combate, e que ficavam no campo da batalha. A guerra se tornaria em caçada; e em vez de montar as antas e os veados, os selvajens se devorariam entre si.

Não ha, porém, escritor sério que deixasse noticia de fatos daquella natureza; e não me recordo de nenhum que referisse exemplos de serem devoradas mulheres e meninos; salvo quanto aos

ultimos, o filho do prisioneiro de guerra (Not. do Brazil.—II, 69), do que tenho razão para duvidar.

Parece-nos, pois, que a idéa da gula deve ser repelida sem hesitação. Se em algumas tribus ou malocas se propagou o apetite depravado, essa degeneração foi por ventura devida ao contágio dos Aimorés, cuja invasão é posterior ao descobrimento. Em todo o caso é uma exceção que não póde preterir o rito da religião tupica.

Tambem pela contraprova, havemos de excluir a ferocidade, como razão do canibalismo americano.

Se o instinto carniceiro dominasse o tupí, elle se lançaria sobre o inimigo como o cita, ou o sarraceno de que fala Am. Marcellinus, para sugar-lhe o sangue da ferida, e trincar-lhe as carnes ainda vivas e palpitantes.

Mas, ao contrario, vemos que o guerreiro tupí tinha por maior bizzarria cativar seu inimigo no combate, e trazel-o prisioneiro, do que matar-o. Chegado á taba, em vez de o torturar dava-lhe por esposa uma das virjens mais formozas, a qual tinha a seu cargo nutril-o e tornar-lhe agradável o cativo.

Releva notar que a idéa da antropofagia já era comum na Europa, antes do descobrimento da America; não só pelas tradições dos barbaros, como pelas crendices da média idade, nas quais figuravam gigantes e bruxas, papões de meninos. Que tema inexgotavel para a imaginação popular não veio a ser a primeira noticia, senão conjectura, sobre o canibalismo do selvajem brasileiro?

Cronista ha que nesse costume, onde se está revelando a força tradicional de um rito, não enxergou senão o zelo do glotão, que engorda a preza para saboreal-a. Mas essa ridicula suposição nem ao

menos se conforma com o teor da vida selvagem, a qual desconhecia a industria da criação.

O selvagem comia a caça como a encontrava no mato, gorda logo depois do inverno, e magra na força da seca. Não se dava ao trabalho de a engordar. Porque motivo se havia de afastar desse uzo ácerca do homem, se o homem fosse para elle uma especie de caça?

E por ventura faria parte do processo da engorda do bipede, o accessorio de uma companheira formosa e na flôr da idade, qual invariavelmente a davam ao prizioneiro?

É obvio que esse uzo tinha outra razão mui diversa. Não se tratava de engordar o prizioneiro, mas de fortalecel-o, para que elle morresse com honra no dia do sacrificio, que devia ser o seu ultimo combate.

Ainda nessa ocasião, os vencedores ostentavam sua gravidade, deixando que o prizioneiro exaltasse o proprio valor e os afrontasse com seu desprezo. Só chegado o momento depois de celebrada a cerimonia, o abatiam com um golpe de tacape.

A ferocidade não se coaduna com a calma e comedimento desse proceder. Póde-se explicar o sacrificio humano dos tupís por um intenso e profundo sentimento de vingança; mas não por sanha brutal.

Ferdinand Saint-Denis (*Univers, Brésil*, pag. 30) diz com muito criterio:—*En accomplissant ces sacrifices, les tupinambás n'obéissaient pas, comme pourraient le croire quelques personnes, à un goût depravé qui leur aurait fait préférer la chair humaine à toutes les autres; ils étaient mus avant tout par un esprit de vengeance que se transmettait de génération en génération, et dont notre civilisation nous empêche de comprendre la violence.*

Não era, porém, a vingança a verdadeira razão da antropofagia. O selvagem não comia o corpo do matador de seu pai ou filho, se acontecia matá-lo em combate. Abandonava o cadáver no campo, e apenas cortava-lhe a cabeça para espalhá-la em um poste á entrada da taba, e arrancava-lhe o dente para troféu.

A vingança, pois, esgotava-se com a morte. O sacrificio humano significava uma gloria insigne reservada aos guerreiros ilustres ou varões egrejos quando caíam prisioneiros. Para honrar-los, os matavam no meio da festa guerreira; e comiam sua carne que devia transmitir-lhes a pujança e valor do heróe inimigo.

Este pensamento resalta dos mesmos pormenores com que os cronistas exajeraram o cruento sacrificio.

Morto o inimigo, não era devorado; antes as mulheres tratavam o corpo e o curavam, moqueando as carnes. Essas eram guardadas; e distribuidas por todas as tribus, incumbindo-se os que tinham vindo assistir á cerimonia, de levá-las ás tabas remotas.

Os restos do inimigo tornavam-se, pois, como uma hostia sagrada que fortalecia os guerreiros; pois ás mulheres e aos mancebos cabia apenas uma tenue porção. Não era a vingança; mas uma especie de comunhão da carne, pela qual se operava a transfusão do heroismo.

Por isso dizia o prisioneiro:—«Esta carne que vêdes não é minha; porém vossa; ella é feita da carne dos guerreiros que eu sacrifiquei, vossos pais, filhos e parentes. Comei-a; pois comereis vossa propria carne.» Deste modo retribuia o vencido a gloria de que os vencedores o cercavam. O heroismo que lhe reconheciam, elle o referia á sua raça de quem o recebera por igual comunhão.

Algumas nações tinham outra comunhão, inspirada no mesmo pensamento. Era a dos ossos dos proenitores que reduziam a pó, e

que bebiam dissolvidos no cauim em festas de comemoração. Este fato, assim como o sacrificio tremendo da mãe, que devia absorver em si o filho que lhe nacera morto, bem mostram que por modo algum naceu do espirito de vingança o chamado canibalismo.

Transportemo-nos agora, não como homens e cristãos, mas como artistas, ao seio das florestas seculares, ás tabas dos povos guerreiros que dominavam a patria selvajem; e quem haverá tão severo que negue a fera nobreza desse barbaro e tremendo sacrificio?

A idéa repugna; mas o banquete selvajem, tem uma grandeza que não se encontra no festim dos Atridas; e está bem longe de inspirar o horror dessa atrocidade que entretanto não foi desdenhada pela muza classica.

No Brazil é que se tem desenvolvido da parte de certa gente uma aversão para o elemento indijena de nossa literatura, a ponto de o eliminarem absolutamente. Contra essa extravagante pretensão lavra mais um protesto o presente livro.

Para concluir com este ponto, observaremos que nem todas as nações selvajens eram antropofagas; e que em minha opinião esse costume, bem longe de ser introduzido pela raça tupí, foi por ella recebido dos Aimorés e outros povos da mesma orijem, que ao tempo do descobrimento apareceram no Brazil.

Paj. 32

Esposa do tumulto.-Este rito selvajem é muito conhecido e dispensa-me de transcrever o que ácerca delle escreveram os cronistas.

Mais uma prova do caráter generoso e bizarro do selvagem brasileiro. Lonje de torturarem seu prisioneiro, ao contrario se esforçavam em alegrar-lhes os ultimos dias pelo amor; davam-lhe uma espoza; e tão grande honra era esta que o vencedor a reservava para sua filha ou irmã virjem; e se não a tinha, para a filha de algum dos principais da taba.

Falam alguns autores da *cunhãmembira*, como de uma cerimonia em que se devorava o filho que por ventura a espoza do tumulto concebia do prisioneiro morto. Duvido da generalidade desse fato, que me parece adulterado, e seria especial aos tamoios.

Cunhãmembira, dizem esses autores, significa *filho da mulher*; e daí diz Southey, copiando Lery, tiravam elles uma horrivel consequencia, que era devorarem a criança.

Ora, *cunhãmembira* significa saído do ventre da mulher. A língua tupi não tinha outro modo de designar a maternidade: taíra—isto é, saído do sangue, diziam do filho ácerca do pai; e *membira*, diziam do filho ácerca da mãe. Na expressão *cunhãmembira* não ha senão a anteposição do substantivo *cunham* (mulher) que os indios suprimiam por superfluo; assim como suprimiam na outra palavra dizendo simplesmente *taíra* e não *aba-taíra* saído do sangue do varão.

Se o nome de *cunhãmembira* indicasse estar a criança destinada ao suplicio, então todos os nacidos da taba se achariam no mesmo cazo, pois todos eram em relação ás mais, *membiras* ou *cunhã membiras*.

Ainda mais, se a criança era condenada ao suplicio pela razão de ser do sangue inimigo, parece que o nome a ella dado devia exprimir esse fato importante e derivar-se antes desta frase: *miauçubtaíra*—o gerado do sangue do cativo.

A estes filhos dos prisioneiros chamavam os indigenas *marabá*, gerado da guerra, nome honroso, que revelava o apreço em que tinham essa prole, saída de um sangue heroico. E tanto assim era que destinavam para conceber essa prole o seio da virgem mais ilustre da taba.

Se os selvajens, que nada praticavam sem uma razão justificativa, só tinham em mira devorar os filhos do cativo, para que dar-lhe uma espoza ilustre? Mais sagazmente procederiam adjudicando-lhe diversas mulheres para terem maior criação a matar.

Está-se conhecendo que o tal banquete não passa de um invento de cronistas, que entenderam as outras palavras dos indios tão bem como a de *cunhãmembira* que elles diziam significar filho do inimigo.

Cunhãmembira creio eu ser a festa que se fazia pelo parto da mulher; e talvez acontecendo nacer morta a criança, se originasse a fabula do sacrificio que então se praticava entre algumas nações de ser a mãe obrigada a absorver em si esse fruto goro de sua fecundidade.

Paj. 33

Guainumbí.—«Persuadem-se os brazilienses haver uma ave, que chamam colibri, a qual leva e traz noticia do outro mundo.» Santa Rita Durão—Notas ao Caramurú.

Tambem chamavam os indios esse passaro, *Guaraciaba*—cabelos do sol; e Arati, ou Arataguaçu segundo Marcgraff, 197. Quanto ao nome de Guainumbí, ou mais corretamente Guinambí, penso eu que significa o brinco das flôres. Os selvajens tiraram naturalmente ⁴³⁶de designação do modo por que o colibri tremula, como suspenso á flôr para chupar-lhe o mel, semelhante ao movimento das arrecadas suspensas ás orelhas, e que elles chamavam *nambípora*.

Paj. 35

Jussara.—«Nas povoações feitas em terra têm muitas nações guerreiras a providencia de as segurarem e munirem com fortes muralhas, não de pedra, mas de estacas do páu duro como pedra. Outros as fabricam de palmeira, que chamam *jussara*, cujos espinhos são tão grandes e duros, que servem a muitos de agulhas de fazer meias; e as trincheiras feitas de *jussara* são mais seguras que as mais bem reguladas fortalezas; porque de modo nenhum se podem penetrar e romper senão com fogo por crescerem não só cheias de grandes estrepes ou agudos espinhos, mas tão enlaçadas e enleadas umas com outras que se fazem impenetráveis. (Tezouro descoberto no rio Amazonas, Part. 2^a, cap. 1^o, no 2^o vol. da Rev. do Instituto, paj. 350.)

O nome da palmeira é em tupí *jussara*, de *ju*—espinho e *ara* dezinencia.

Paj. 36

Carbeto.—Assim chamam Ives d'Evreux e Abbeville ao conselho dos velhos entre os selvajens. Este nome deriva-se naturalmente de *caraiba*, varão ilustre e *ipê*, lugar onde.

Paj. 37

Hospede.—A virtude da hospitalidade era uma das mais veneradas entre os indijenas. Todos os cronistas dão della testemunho; e alguns, como Lery e Ives d'Evreux, descrevem com particularidade o modo liberal e generoso por que os selvajens brasileiros a exerciam.

É certo que não escapou também á malevolencia dos cronistas, essa excelencia e nobreza do carater indijena. Gabriel Soares cit.

cap. 168 depois de falar do como os tupinambás agazalhavam os hospedes, acrescenta: «e lançam suas contas se vem de bom titulo ou, não; e se é seu contrario, de maravilha escapa que o não matem, etc.» Southey cit. cap. 8º faz coro com essa versão que nos parece suspeita.

É possível que depois da colonização, os selvagens vítimas das perfidias dos aventureiros relaxassem suas tradições; mas a hospitalidade foi sempre entre elles uma coiza sagrada, como atestam em geral os escritores, que não referem aquella exceção.

Basta refletir sobre o modo por que exerciam os selvagens a hospitalidade para reconhecer que não é admissivel a suspeita de Gabriel Soares. Em verdade, aquelles cuja porta estava aberta sempre ao viajante; que franqueavam o ingresso de sua cabana por tal modo que o estrangeiro nella entrava como senhor, ainda mesmo na auzencia do dono; que sem perguntar o nome de quem chegava nem de onde vinha o agazalhavam com a maior liberalidade; esses que assim acolhiam o hospede, não podiam ocultar a intenção perfida de o matar, no cazo de ser contrario. Ha uma tal contradição entre esse desfecho e as circumstancias precedentes, que não se póde acreditar nelle pelo simples dizer de um cronista, que em muitas outras inexatidões caiu.

Se ha traço nobre do carater selvagem é essa hospitalidade, que o estrangeiro não pedia e sim exijia como um direito sagrado, com esta simples formula—*Vim*; ao que o dono da cabana respondia—*Bem vindo*.

O episodio da deliberação do conselho sobre o nome do estrangeiro está justificado pelo trecho seguinte de Ives d'Evreux, cap. 50.

«Après ces paroles il vous dit—*Marapé derere?* comment t'appelles-tu? quel est ton nom? comme veux-tu que nous t'appellions? Quel nom veux-tu qu'on t'impose? Où faut-il noter que si vous ne vous estes donné et choisi um nom, lequel vous leur dites alors et desormais estes appelé par tout le pays de ce nom, les sauvages du village ou vous demeurez vous en choisiront um pris des choses naturelles, qui sont en leurs pays et ce le plus convenablement qu'il leur sera possible, selon la phisionomie qu'ils verront en votre visage, ou selon les humeurs et façons qu'ils reconnaitront en vous..... Eh bien quel nom donnerons nous a un tel ton compère? Je ne sais, il faut voir; lors chacun dit son opinion et le nom qui rencontre le mieux et est reçu de l'assemblée, est imposé avec son consentement si c'est quelque homme d'honneur.»

Ainda nessa circunstancia se revela a delicadeza da hospitalidade do selvajem.

Paj. 38

Artes da paz.—É ainda de Ives d'Evreux, cap. 18, esta curioza informação. «Je raconterai ici une jolie histoire. Un jour je m'allais visiter le grand Theon, principal des Pierres Vertes Tabaiaries: comme je fus en sa loge et que je l'eus demandé, une des ses femmes me conduisit sous une belle arbre qui estoit au bout de sa loge, qui la couvrait du soleil; là-dessous il avait dressé son mestier pour testre des lits de coton et travaillait après forte soigneusement; je m'étonnai beaucoup de voir ce grand capitaine, vieil colonel de sa nation, ennobli de plusieurs coups de mousquets, s'amuser à faire ce mestier et je ne puis me taire que je ne sçusse la raison espérant apprendre quelque chose de nouveau en ce spectacle si particulier. Je luy fist demander par le truchement qui estoit avec moy, à quelle fin il s'amusait à cela? il me fit response: «Les jeunes gens

considérent mes actions et selon que je fais ils font; si je demeurais sur mon lit à me branler et humer le petim, ils ne voudraient faire autre chose; mais quand ils me voient aller au bois, la hache sur l'épaule et la serpe en main, ou qu'ils me voient travailler à faire des licts, ils sont honteux de rien faire, etc.»

Paj. 38

Lançadeira.—Os indijenas tinham um tear que é descrito por Lery, cap. 18. Uzavam também de um fuzo comprido e grosso, que as mulheres faziam girar entre os dedos, atirando ao ar, como ainda agora fazem as velhas fiandeiras do sertão.

Paj. 43

Jurandir.—Contração da frase *Ajur-rendipira*—o que veio trazido pela luz.

Paj. 45

Jabotí.—Contou-me o Dr. Coutinho que o jabotí para os índios do Amazonas é o simbolo da gravidade, prudencia e sabedoria, e prometeu-me dar um apologo, em que elles celebram essas virtudes, contando a historia de um jabotí, que venceu na ligeireza ao veado, na força á onça e assim aos mais animais.

Paj. 45

Tetivas.—Os Tetivas habitam nos olhos das palmeiras e de outras arvores: põem-lhes terra e acendem fogo. Humboldt cit., paj. 283.

Paj. 46

[129]

Mulheres guerreiras.—Aluzão às Amazonas cuja existencia é tão controvertida. Eu acredito na sua existencia, embora reconheça que houve exajeração de Orellana.

Não é este o momento de elucidar este ponto da historia, ou antes mitolojia do Brazil selvajem. Proponho-me a fazel-o quando publicar uma lenda que tenho esboçada ácerca do assunto. Nessa ocasião direi o que entendo ácerca da memoria do Dr. Gonçalves Dias, publicada na *Revista do Instituto*.

Paj. 46

Senhoras de seu corpo.—Metafora tupí. No varão a parte nobre era o sangue; pelo que elle dizia do filho—*taíra*, o filho do meu sangue; e para indicar a independencia diziam *taíguara*, que os dictionarios traduzem *livre*, mas que literalmente significa, *senhor do seu sangue*.

A mulher que dizia do filho *membira*—o gerado de meu ventre, devia pela mesma razão uzar de expressão analoga para exprimir sua liberdade, e dizer *membijara*—senhora de seu ventre, que eu por elegancia traduzo menos literalmente, *senhora de seu corpo*.

Paj. 47

Pará sem fim.—Par, diz Humboldt cit. paj. 285, é uma radical guaraní e exprime agua. Pará creio eu que significou a grande abundancia de agua, e foi primitivamente empregado para dezignar os lagos e por ventura as vastas inundações do vale do Amazonas. Mais tarde os selvajens acrecentaram-lhe o verbo *nhane* correr, e disseram *pará-nhanhe*—donde *paranãn* para dezignar as grandes massas de agua corrente, isto é, os rios caudalozos.

Os dois maiores rios da America do Sul, o Amazonas e o Prata, ambos se chamavam *Paranãn*, assim como outros muitos do Brazil.

O mesmo radical se encontra já composto em Paraíba, Parnaíba, Paranapanema, etc.

Foi a substituição do *p* pela analoga *m* que produziu o nome de *Maranhão*, ácerca de cuja etimologia se inventaram tantas extravagancias.

Paj. 48

[130]

Guerreiros do mar.—Tradução da palavra tupí *caramurú* com que os tupinambás da Baía deznaram Diogo Alvares Correia.

Caramurú é composto de *cara*, alteração de Pará—mar e *moro*, gente; homem do mar. Os selvajens acreditavam que as aguas eram habitadas, e daí nasceu a lenda da mãe d'agua, que se transmitiu á raça invazora. Nada mais natural do que chamarem ao primeiro homem branco, que lhe appareceu surjindo do oceano, *Caramurú*—o guerreiro do mar.

Paj. 48

Rezina cheiroza.—É o ambar, que os tupís chamavam *Piraoçurepoti*, e de que ao tempo do descobrimento abundavam as ribeiras do mar, nas provincias do norte.

Paj. 49

Moças.—É difficil, senão impossivel, determinar atualmente, e pelas informações tão falhas quão malignas dos cronistas, a condição da mulher entre os selvajens.

Do que tenho lido coliji as idéas, a que no texto se allude mui ligeiramente, e a que em outro lugar démos maior desenvolvimento.

Paj. 51

Para servir a Itaquê.—«E quando o principal não é o maior da aldeia dos índios das outras cazas, o que tem mais filhas é o mais rico e estimado e mais honrado de todos, porque são as filhas mui requestadas dos mancebos que as namoram; os quais servem os pais das damas dois e tres anos primeiro que lh'as deem por mulheres e não as dão senão aos que melhor os servem, a quem os namoradores fazem a roça e vão pescar e caçar para os sogros que dezejam de ter, e lhes trazem a lenha do mato, etc.» G. Soares, cit. cap. 152.

Aí está a lenda biblica de Jacob servindo a Labam 7 anos para obter por espoza a Sara. Não consta, porém, que os selvajens uzassem da esperteza do pai de Lia, para descartar-se de uma filha defeituosa^[121] se tal acontecesse entre os tupís, de que ridiculas indignações não se encheriam os cronistas?

Paj. 52

Manatí.—È o peixe-boi, de cujo couro mais forte que o do touro os índios fazem escudos. Anunciam a chuva, saltando acima d'agua. Gumilha—Orenoco ilustrado, paj. 276.

Paj. 52

Biaribi.—Um dos modos porque os índios assavam a caça, e consistia em enterrar-a envolta em folhas de banana, e acender em cima o fogo, cujo calor penetrando no chão cozia a carne, concentrando-lhe o sabor.

Moquem era simplesmente o assado envolto em folha e feito sobre a braza; daí vem *moqueca* de que tirámos os verbos moquear e amoquecar.

Bucan, supõem alguns que seja alteração de *moquem*; mas eu o considero termo distinto que exprimia apenas a operação de secar a

carne ao fumeiro para conservá-la. Neste sentido é que Lery e Ives de Evreux empregam constantemente o termo francez *boucaner*, derivado da palavra tupí.

Paj. 54

Pela mão da mulher. Refere Gumilla, cap. 45, que estranhando aos índios sobrecarregarem as mulheres com os trabalhos agrícolas, elles retorquiram que as mulheres sabem dar fruto, o que não sabem os homens, e por isso na mão dellas as sementes nacião e se multiplicavam.

Paj. 56

Pirijá.—Uma especie de palmeira chamada palmeira real; é espinhoza e tem frutos semelhantes ao pecego. Humboldt cit., paj. 257 e 262.

Paj. 58

Nunca Jandira ofereceria sua rêde de espoza, etc.—Arací representa o amor da virgem tupí, segundo o costume tradicional de sua nação, que admitia a comunidade e partilha do amor, como um privilegio do guerreiro illustre. Ser amada exclusivamente, significava para a mulher selvagem, ser amada por um guerreiro obscuro.

Jandira representa o exclusivismo do amor, que muitas vezes devia lutar com a lei tradicional; porque é um impulso da natureza, a qual não é dado ao homem aniquilar embora muitas vezes a sopite.

Paj. 61

O combate nupcial.—Este rito, de ser a virgem requestada o premio do valor e da corajem, é atestado por grande numero de escritores.

Barlœus, paj. 420:—«Lucta et hastarum concursu decertare gloriosum, finis spectantium voluptas est, presertim amantium fœmina de cujusque fortitudine et victoria pronuntiat, sic in proximo pignora, pugnandi irritamenta sunt fortitudinis præcones, ciborum administræ.»

Paj. 65

A figura da noiva.—Esta prova de destreza era muito uzada pelos selvajens. Marcgraff descreve a especie de torneio que elles faziam divididos em duas turmas, a ver qual levava mais depressa o seu tóro ao lugar destinado para acampamento. *Naturalis Historia Brazilia*, liv. 8º, cap. 12.

Conclue com estas palavras:—«qui deinceps tempus terunt hastilibus certando, luctando, currendo; quibus certaminibus duæ fæminæ ad id selectæ præsident et judicant de singulorum virtute et victoribus.

Estes certamens guerreiros, esses jogos de luta, combate e carreira, prezididos por mulheres que julgavam do valor dos campeões e conferiam premio aos vencedores, não cedem em galanteria aos torneios da cavalaria.

Ácerca da prova a que acima nos referimos, escreveu o Dr. Gonçalves Dias—*Brazil e Oceania*, cap. 10, *Revista do Instituto*, tom. 30, parte 2ª, paj. 153:—Um tóro de barrigudo em um cabo delgado e de facil preensão, semelhante aos soquetes ou massetes de que ainda entre nós se uza em muitas partes para bater a terra das sepulturas, posto que mais poderozo que este, ou um grande pedaço de tronco de palmeira, era colocado no meio do terreiro. Vinha o guerreiro correndo, tomava o tronco, continuava a carreira, saltava fossos, subia elevações, arrojava-se ás vezes ao rio com elle e quem

chegava primeiro e levava mais longe a carga, esse ganhava a palma e a mulher que tinha de ser esposada. Explicou-se esse costume, de que trata Barlœus, Marcgraff e outros, e que ainda conservam algumas tribus do Piauí, pela necessidade que tinha o guerreiro de defender a mulher, e para que em ocasião de perigo a podesse salvar fujindo.»

Paj. 67

O *camucim da constancia*.—Lê-se no *Tezouro do Amazonas*, cit. tom. 3 da *Revista do Instituto*, paj. 169. «O 5º prediado que tambem, como muitas outras nações conservam os Arapiuns, é a prova da valentia quando cazam; é um exame prévio ou o primeiro principio, como se diz nas Universidades, a suas bodas, e uma experiencia ou tentativa de seu valor para mostrarem que posto cazem não é por afeminados, mas por valentes. Ha diversos generos dessa prova de valentia; mas uma mui ordinaria nos indios Arapiuns é encherem uns grandes e compridos cabaços das formigas que chamam saugas (*saúvas*) grandes e mui bravas; ferram na carne com tanta ou mais valentia que os cães de fila, com proporção á grandeza destes e pequenez daquellas; porque os cães assim vêm a largar; mas as saugas não largam ainda que as matem e antes perderão a cabeça ficando com as troquezas cravadas na carne do que soltarem ellas preza; por isso uzam dellas alguns cirurjiões quando querem cozer alguma cicatriz com segurança, sem uzarem pontos, como adiante dizemos. Cheios, pois, os cabaços de saugas, não só famintas, mas quando estão com fome talvez de dias ... e sobre isso bem enraivadas com sacudidelas, presentes todos os velhos e graves da missão, sae a terreiro o noivo examinando, destapam-se os cabaços nos quais intrepido mete os braços, a que logo acodem as filas, já para saciar a fome, já para dezabafar a ira, e já para provar e castigar o bacharel, o

qual posto que as dôres o façam mudar de côres, torcer a boca, tremer o corpo, levantar as sobrancelhas e arrebentar as lagrimas, tenha paciencia, que se quer, ha de aturar a bucha, enquanto os examinadores já bebendo-lhe á saude e já dando voltas em bailes se vão regalando á sua custa, etc.

Paj. 73

Igapê.—É o nenufar na lingua tupí, de *Ig*, *ipe* e *potira*—flôr d'agua. Os portuguezes corromperam essa palavra transformando-a em *aguapé*, nome por que é vulgarmente conhecida. Penso eu, porém, que devemos restaurar o nome indijena, até mesmo porque *aguapé* tem diversa significação em portuguez.

Uma dessas nímféas, a rainha das flôres, a que os indios chamavam milho d'agua, ou a flôr jaçanan, por servir de ninho a essas aves paludais, nasce branca e com a luz do sol vai rozeando até se tornar escarlate.

Em uma noticia publicada pelos jornais li que o nome dessa flôr *napê jaçanan* significa, forno das jaçanans, do que duvido. O genitivo exprimiam os indios com anteposição do nome rejido por esse cazo; assim *napê jaçanan* significaria jaçanan do forno. Demais nem *napê* quer dizer forno; nem forno indica a idéa que se pretende de pouzo ou ninho.

Uapê aí é o mesmo *igapê* com a simples diferença de figurar-se a vogal indijena por *u* em vez de *ig* adotada pelo geral dos autores.

Paj. 82

Murinhem.—Palavra composta de *morib* afavel e *nheng* falar.—Veja-se a respeito dos cantores, *nhengara*, o que se disse na nota a paj. 117.

Paj. 86

Paan.—Palavra da lingua Macaulí que significa seta—*Creban* significa homem alvo; e *Agniná*, monte.

Paj. 97

Tomou a espoza aos hombros.—Era entre as mulheres selvajens prova de amor, suspenderem-se ás costas daquelles que preferiam, quando as requestavam com cantos e dansas. Assim o atesta Marcgraff cit. «Ubi vespera advenit, coeunt adolescentes in varias cohortes et castra perambulantes cantillant ante tuguria adolescentula autem quæ juvenibus delectantur, produnt et cantillantes atque tripudiantes sequuntur adolescentes et á tergo consistunt eorum quos amant, id enim ipsis amoris testimonium est. Paj. 280.»

Escaparam-me algumas notas que a intelijencia do leitor suprirá. Todavia resumirei as de que me recordo neste momento.

Á paj. 44, quando diz Jurandir que conta os anos pelos dedos, ^[135] quer dizer que não tem mais de vinte, pois tantos são os dedos das mãos e pés.

Á paj. 45, o grande lago que recolheu as aguas do diluvio é o Manoa, em cujas marjens se fabulou o *El-Dorado*. Manoa em achagua é diluvio, segundo Gumilha, 2.^o vol., 7; palavra homologa ao vocabulo tupí *amana*, que significa chuva.

Á paj. 45, o combate que Jurandir figura entre o mar e o Amazonas é a descrição da pororoca. Elle chama as aguas do mar-guerreiros azues—por causa da côr das vagas, e as aguas do rio-guerreiros vermelhos—porque a corrente do rio é então barrenta.

Á paj. 45, onde se diz que os anos de Guaribú enchiam a corda de sua existencia alude-se ao costume que tinham os selvajens de contar os anos pelos nós que davam em um cordel, outros pelos frutos do colar.

Á paj. 40 faz-se referencia á lenda de Sumê, já muito conhecida. Foi Sumê que ensinou aos tupís a agricultura e os primeiros rudimentos das artes.

Á paj. 54 fala-se de *matumbos*. São as leivas que se fazem no norte para a plantação da mandioca.

LIVRARIA ALVES

EXTRACTO DO CATALOGO

COLEÇÃO ALVES

Nesta coleção serão publicadas obras celebres de autores nacionais e estrangeiros ao modico preço de 1\$000 réis cada volume, formato 16 francez.

- | | | |
|-----|---|--------|
| 1-2 | O GUARANY , por <i>José de Alencar</i> . 2 volumes br. | 2\$000 |
| — | | |
| | A mesma obra, 2 vols. enc. | 4\$000 |
| 3— | A DAMA DAS CAMELIAS , por <i>Alexandre Dumas, Filho</i> .—
(NO PRÉLO). | |
| 4-5 | HISTORIA DE UM CORAÇÃO , por <i>Emilio Castellar</i> .—(EM
— PREPARAÇÃO). | |
| 6— | IRACEMA , (Lejenda do Ceará), por <i>José de Alencar</i> ,
novissima edição. 1 vol. br. | 1\$000 |
| 7— | LUCIOLA (Um perfil de Mulher), por <i>José de Alencar</i> . 1
vol. br. | 1\$000 |
| 8— | CINCO MINUTOS—A VIUVINHA , por <i>José de Alencar</i> . 1
vol br. | 1\$000 |
| | A mesma obra enc. em percalina | 2\$000 |
| 9— | A MORENINHA , por <i>J. M. de Macedo</i> . 1 vol. br. | 1\$000 |
| | A mesma obra enc. em percalina | 2\$000 |
| 10— | ROMANCE DE UM MOÇO POBRE , por <i>Octavio Feuillet</i> .
1 vol. br. | 1\$000 |
| 11— | TRONCO DE IPÊ , por <i>José de Alencar</i> | 1\$000 |

A mesma obra enc.

2\$000

12— **A ESCRAVA IZAURA**, por *Bernardo Guimarães*. 1 vol. br. 1\$000